

REVISTA

DA SEMANA

N. 33 1950-0-50 6\$ 7.00 em todo o Brasil

OTÁVIO MEDEIROS
O ADIVINHO DA GEOGRAFIA
QUEM É O VELHINHO QUE RESPONDE TUDO



CADA VEZ MELHOR!

O ANUÁRIO do

1956 ESPORTE 1956 ilustrado

**TUDO
SÔBRE O
FUTEBOL
CARIOCA**
(CARLOS ARÊAS)

**TODOS
OS
ESPORTES
AMADORISTAS**

**TUDO
SÔBRE O
FUTEBOL
PAULISTA**
(OLIMPICUS)

**Em
CÔRES**

12 TIMES DO FUTEBOL CARIOCA
4 PRIMEIROS TIMES DO FUTEBOL PAULISTA

BREVE

**EM TODO
BRASIL**

BREVE

REDAÇÃO: RUA MARANGUAPE, 15 • RIO DE JANEIRO

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — Nº 33 — Rio de Janeiro — 18-8-1956

DIRETOR.....Gratuliano Brito
ASSISTENTE.....José Roberto Teixeira Leite

COLABORADORES: E. Teurinho, Fortuna, Sérgio Silveira, Hamon, L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ribeiro, M. Tereza e Eneida.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Octavio de Medeiros, O Adivinho da Geografia	4/7
Pioneira da Geografia No Japão	16/17
Almôço de Deixar Água na Bôca	22/25
Os Russos Perderam Esse Material	31/34
Caçando Búfalos em Marajó	38/39
O Pai da Aviação não se Matou	42/45
O Grande Prêmio Brasil de 1956	57/61

SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Revista Há 50 Anos	18
Literatura e Artes	20/21
Palavras Cruzadas	26
Por Esse Mundo de Deus	28/29
Itinerário do Brasil	35
Pelas Esquinas da Noite	40
Semana Astrológica	41
Grand-Monde	46/47
Música	48
Conversa de Mulher	54/55
Último Flash	62
Figura em Foco (Oscarito)	63

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

LITERATURA

Cidade Exótica (Eneida)	3
O Peregrino da Palestina (Zangwill)	14/15
O Cesteiro (Rosemar Pimentel)	50/51

VARIEDADES

O Enigmático Kapitzka	12/13
Que Sabemos das Grandes Religiões?	30
Um Estranho no Paraíso	36/37

CAPA

Sheree North (Kodachrome, da T. C. FOX, especial para a REVISTA).

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 360,00
Seis meses	Cr\$ 180,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 500,00
Seis meses	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade.....	J. M. Costa Júnior
Paginação.....	Victor Tapajós
Fotografia.....	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho.....	Alberto Lima
Laboratório.....	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores.....	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agências em todas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



CIDADE EXÓTICA

◆ Chegou de Hollywood e foi recebida com grandes manifestações, não faltando uma visita ao Prefeito, a artista de cinema Susan Hayward. Vi os retratos; um cronista anunciara que a moça — grande artista — nada tinha de bonita. Não devíamos esperar nenhuma miss de concurso de beleza, mas sim uma profissional de cinema e teatro com grandes realizações. Comecei logo discordando do colega, — referido cronista —, pois os retratos que da moça vi são de criatura bonita, senão engraadinha, bonitinha mesmo e dela não me ocuparia não fôsse sua declaração à imprensa que considero digna de comentário. Disse Susan — tratemo-la com intimidade — que achou o Distrito Federal — este meu tão amado D.F. — uma cidade «exótica e moderna». Assim contaram vários jornais e considero Susan um pouco leviana, pois mal foi descendo do avião, logo foi opinando. Devia ter falado da paisagem como fazem todos os turistas que se prezam, mas pretendeu classificar uma cidade que ela ainda não conhecia nem conhecerá, mesmo que passe aqui um ano. Explico: se ficar um ano aqui só freqüentará os grandes lugares que irão do Copacabana Palace Hotel às festas mundanas. Logo, a propriamente dita cidade não verá. Mas isso não importa. Susan não poderá influir de nenhum modo no nosso destino. Não nos dará o metrô para o descongestionamento do tráfego, não melhorará nossas adutoras para que tôdas as torneiras jorrem água, etc.

◆ Cidade exótica — disse ela e é isso que me impressiona. Terão traduzido direito os repórteres? Foi mesmo exótica que ela disse? Ora, sabemos que uma coisa exótica é esquisita, extravagante, desajeitada, segundo nosso «Pequeno dicionário», e isso Susan não pôde ter visto do alto de um avião descendo num aeroporto como o do Galeão que até bonito é. Exótica em que? Somos afinal habitantes de uma cidade mal amada pelos governantes, mal tratada, faltando tudo, cidade que exige de seus moradores uma paciência sem fim, uma lealdade à toda prova, um verdadeiro amor com inclinação à paixão, tanto nela sofremos, mas continuamos — malgré tout — a amá-la. Exótica não é; suja sim, mal tratada também sim, sem condução nem água, sem conforto, tudo isso afirmativo. Mas exótica, isso não. Não julguem os leitores que fiquei aborrecida com Susan nem que sua declaração simplória tenha me causado nojo ou raiva. Estou muito acostumada com atitudes do material humano em tráfego ou aqui domiciliado, cujas opiniões e palpites darão, no futuro, talvez dor de cabeça aos pesquisadores, mas que hoje constituem gracinhas de turistas ou esnobismo de residenciais.

◆ Depois não posso assegurar que la Hayward tenha mesmo dito exótica, pois o americano é uma língua que nem o próprio Bernard Shaw entendia. Terá bem compreendido o repórter no qual me baseio para esta crônica? Creio que estamos todos de acordo: se esta cidade maravilhosa não o é pela vida que levamos, é maravilhosíssima pela paisagem; aqui não passeiam cobras nem canibais (é verdade que há a polícia surrando e matando) as senhoras elegantes vestem de Paris e ensinam boas maneiras a quaisquer criaturas elegantes do mundo, nus não andamos a não ser no verão, nas praias ou quando nossa miséria se exhibe. Andamos como toda gente, suamos, cuspiamos, trabalhamos: somos inteiramente banais. Onde nossa excentricidade? Onde o nosso exotismo?

Susan, não sei se você disse isso, mas se disse — perdoe — foi uma burrice; não há cidades exóticas meu bem...

ENEIDA

OTÁVIO MEDEIROS



Jaime, o caçula. Torce pelo Vasco e não gosta de geografia. «Pr'a que estudar? O papai me ensina tudo...» Completava 8 anos quando a boa nova chegou. «São duas alegrias hoje e fico a espera da terceira...» disse o professor.

O ADIVINHO DA GEOGRAFIA

DEZESSEIS HORAS ANGUSTIOSAS APÓS O INSUCESSO... QUE NÃO SUCEDEU... ★ QUEM É O «VELHINHO» QUE RESPONDE TUDO ★ UM POBRE LIVREIRO EM BUSCA DA FORTUNA ESQUIVA

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de ALBERTO FERREIRA

DEZESSEIS desencantadas e ultra-agitadas horas de fundas e complexas emoções viveu o coração envelhecido de um pobre homem do povo, que, pondo à prova seus conhecimentos teóricos de geografia geral, num programa de «perguntas e respostas» na televisão, vinha mantendo há 9 semanas grande parte da população carioca em vivo «suspense» de interesse e simpatia por sua figura singular.

A controvérsia suscitada pela última de suas respostas (que lhe dava direito a entrar na posse de apreciável quantia em dinheiro) ecoou pela cidade inteira como se um abalo sísmico a tivesse sacudido num impulso incontrolável.

A convicção de um esbulho, justificou a transmutação de seu drama íntimo. E o seu descontrôle, vencidos os primeiros momentos de contensão frente às câmaras televisoras, foi também o descontrôle coletivo de uma população indignada, que passou a se afinar em protestos veementes de anônimas criaturas, com ele identificadas na mais compreensível e humana das manifestações de solidariedade.

«QUAL É A DENSIDADE DA TERRA?»

A partir do minuto fatídico em que a voz compungida do locutor do programa lhe transmitia a notícia do seu inadmissível insucesso, o «velhinho da geografia» sentiu o «coração murchar de amargura».

Fomos dos únicos profissionais de imprensa a abordá-lo, tão logo transpôs ele a cortina de fundo no palco da emissora. Perto de nós, apenas os outros três

participantes do mesmo programa e o locutor que, momentos depois, juntou-se ao grupo. Ainda com a mão no umbral da frágil porta de madeira do cenário, o ancião susteve a respiração, mantendo os olhos fechados. Ficamos todos a olhá-lo, penalizados. O jovem (que antes respondia perguntas sobre mitologia grega e romana) aproximou-se vagarosamente e colocou-lhe a mão ao ombro. A moça de vermelho recuou.

E só então o professor desperta para a realidade.

Respira fundo novamente, e se dispõe a falar.

— Meu coração está murcho... Mas, já me estou recobrando... — a voz vem compassada, num inconfundível sotaque lusitano.

Dá alguns passos à frente e encara-nos por longo tempo com seus olhos míopes.

— Eu... eu... eu não poderia dizer nada ali no momento... — gagueja ainda sob forte emoção. «Mas, a pergunta que me fizeram não encontra resposta nos compêndios de geografia que eu conheço!»

Volta a procurar-nos, erguendo o queixo, na atitude característica de quem se esforça por enxergar usando a parte inferior das grossas lentes dos olhos.

— Ora iessa... a densidade da Terra... Lembro-me de tê-la visto mencionada em alguma parte, mas não em compêndios de geografia descritiva...

Faz uma pausa, e ninguém ousa dizer palavra.

— Dei-lhes o Volume da Terra... Dei-lhes o Peso da Terra... Quereriam eles que fôsse eu então calcular a densidade, em 30 segundos apenas? — interrog



«Se, como dizem, tenho a GEOGRAFIA NA CA-
BEÇA, nada melhor do que uma foto para ilus-
trar a matéria, não acham?» O bom-humor vol-
tou quando lhe transmitiram a notícia de que
iria haver uma «nova chance».

OTÁVIO MEDEIROS

desolado. De repente, faz um gesto rápido de sentido aborrecimento, brandindo a bengala que segura com a mão direita.

E, como não poderia deixar de acontecer sempre que estão em cheque lusitanos aborrecidos, a imprecação reboou candente. A jovem de vermelho esquivou-se com habilidade, mas a situação foi salva pelo aparecimento do simpático animador do programa.

— Não tem importância, professor... Na semana que vem o senhor irá voltar, estou certo, para receber os seus 90 mil cruzeiros. Como prêmio de consolação, já é um bom dinheirinho que não faz mal a ninguém.

O professor voltou vibrando:

— Que m'interessa lá êsse dinheiro, homem? — O qu'eu já lhe disse no programa, confirmo, agora, também: Meu único desejo é adquirir uma casita para morar. Nada mais. Não quero dinheiro algum mais!

Nesse momento, viu-se o grupo todo tanguido do estreito espaço por trás das cortinas, em vista da aproximação violenta de um estrado móvel que já deslizava, tocando as pernas do professor.

Tateando o chão com a bengala, volta o mestre ao auditório.

Logo uma pequena multidão de «fans» o rodeia, inconsolável. Do grupo se destaca um jovem louro e robusto. Gesticulando, fala cheio de indignação:

— Professor! O senhor estava certo! Aquela pergunta não é de Geografia, mas sim de «Geofísica»...

O professor estaca de súbito e repete em voz alta, maquinalmente:

— E' isso mesmo! E' «geofísica»... geofísica... e eu não estou obrigado a responder a perguntas de «geofísica»!

Há um princípio de tumulto, logo desfeito pelos funcionários da casa que solicitam silêncio, pois novo programa estava «no ar». Daí por diante, até atingirmos a porta de saída, a palavra «geofísica» teve centenas de vezes sua repetição batida por quantos no «hall» se reuniam comentando o inesperado desfecho.

Para transpor o portão foi necessária a intervenção da polícia. Outra multidão de entusiastas recebe o ancião sob o estrondo de palmas e vivas.

O professor procura um lenço e enxuga as lágrimas que começam a rolar pelas suas faces enrugadas.

Inicia um «speech». Fala aos «fans» com simplicidade comovente, mas sem lamentações. Apenas, exorta-os a que se mantenham calmos e serenos como êle.

— Com a mesma satisfação com que saberia ganhar também assim estou sabendo perder... Não se aflijam por mim... Isso não é nada...

Um táxi providencial, permite-nos sugerir-lhe, em voz baixa, que nos acompanhe, pois pretendemos conduzi-lo à sua residência em Copacabana.

A multidão rodeia o veículo e com viva indignação faz veemente o seu protesto. O trajeto foi feito, em silêncio, da Urca ao Túnel Novo. De repente, o professor se aflige:

— Onde estamos?

— Quase em casa, professor...

Fica mais calmo, então. E volta a repetir com máguia indistigável.

— Ora veja o senhor!... Que pergunta! a **den-si-da-de da Ter-ra**, sílaba vagarosamente. E até chegarmos à rua em que reside, por muitas vezes ainda, ouviu-lo repetir a mesma frase.

Multidão ainda maior nos aguardava próximo ao edifício.

— Papai... papai... O diretor do I.B.G.E. telefonou agora mesmo dizendo que o senhor está com a razão... e eles não poderiam fazer o que fizeram...

Agora falam todos ao mesmo tempo.

— Também o desembargador... (e citam um nome famoso das ciências jurídicas do país) mandou dizer que está disposto a instruí-lo para mover um processo contra o patrocinador do programa...

O professor permanece de pé na calçada, apoiado na bengala. Olha sem ver ninguém, de lábios entreabertos, numa vaga expressão de atordoamento.

Subimos. A balbúrdia não é menor no apartamento de seu primo onde vai buscar a família. E como o professor não possui aparelho de televisão é em casa do primo (dr. José Figueiredo) que a família «torce» pelo papai.

Um quarenta pessoas se agitam no amplo salão. O dono da casa, de pijama e chinelas impreca, furiosamente. Vozes estridentes de mocinhas e crianças, o livro na mão, citam em altos brados, números mirabolantes: fala-se muito de **diâmetro, raios, pesos e superfícies**.

— Veja aqui!... O senhor está com a razão!... 1 trilhão, e citenta e três bilhões...

— No meu também confere: 1 trilhão e noventa e sete bilhões...

O professor não diz palavra. Limita-se a ouvir as explicações.

Novos números impressionantes continuam a ser citados a cada momento. Nem mesmo foi possível notar a entrada da mocinha que permanece indecisa no umbral. De repente, o silêncio se faz, a pedido do dono da casa.

— Otávio! Aí está uma professora de geografia do Instituto de Educação que deseja falar com você, homem!

A mocinha aproxima-se com timidez, mas quando começa a falar faz com absoluta segurança. E' mesmo um tom professoral.

— Professor: vim trazer-lhe o testemunho de minha solidariedade. O senhor respondeu corretamente às duas primeiras perguntas quando disse o **pêso** e o **volume** da Terra. Ora, para que se conheça a **densidade**, nada mais fácil é o **cálculo** do que se aplicar uma simples fórmula matemática — **Densidade é igual ao Pêso dividido pelo Volume**. Coisa que, evidentemente, o senhor não poderia se propor a efetuar nos exíguos 30 segundos de que dispunha. A **resposta** à terceira pergunta que lhe formularam estava, portanto, implicitamente respondida nas duas primeiras.

A lógica de sua argumentação provocou um estrondo de palmas.

A recém-chegada foi logo crivada de novas perguntas e convidada também a tomar de um lápis e passar para o papel tudo quanto dissera em testemunho da **verdade verdadeira**.

E então, novas lágrimas afloram à face do professor.

— Muito agradeço a essa juvenzita simpática que aqui me vem abraçar. Acredito-me plenamente feliz quando me vejo tão querido por êsses meus desconhecidos e estimados amigos que tantas demonstrações de confiança depositam em minha humilde pessoa...

Nova algazarra se faz, o que nos impede de anotar o nome da jovem que se despede apressada. O telefone chama com insistência. O dono da casa atende e vem informar ao professor que são os «repórteres» que desejam entrevistá-lo.

Prudentemente, intervimos para fazer sentir ao professor que mantivesse reserva em suas declarações, pois, não poderia saber ainda qual teria sido a reação dos próprios organizadores do programa, ou mesmo dos intuitos do patrocinador que havia de certa forma contribuído para torná-lo, repentinamente, tão famoso e admirado em toda a cidade. Era justo, parecia-nos, que breves momentos de reflexão em muito ajudariam a não se comprometer futuramente.

Um conselho de família foi formado às pressas e uma decisão ficou assentada: **Nenhuma declaração, antes de ouvir os advogados ou de saber das reações dos promotores em face aos fatos novos que surgiam.**

O telefone foi desligado e a calma voltou ao ambiente.

Durou pouco, pois novos argumentos iam aparecendo a cada momento. Aíne numerosos livros estavam sendo manuseados. Ante o ameaçador dilúvio de cifras, resolvemos transferir a entrevista para o dia seguinte.

A saída, acompanhou-nos o professor até à porta.

— Desculpe-me e muito lhe agradeço. Amanhã, prometo contar-lhe alguma coisa de minha modesta vida de homem pobre, porém honrado.

Encontramo-lo à sua mesa de trabalho. Cumprimenta-nos muito bem disposto e aparentemente calmo.



A marquesa d. Marta, a esposa atual, é quem faz a leitura da matéria que o professor precisa recordar. Medeiros enxerga muito pouco, mas tem excelente memória.



A prima Inês, responsável pelo seu comparecimento ao programa «Papo de Homem», é o «maior»! Otávio Medeiros começou ganhando 5.000 cruzeiros e pretende conseguir o suficiente para comprar um apartamento.

O professor Otávio de Medeiros — assim se chama o «velhinho da geografia» — pede licença e volta a se debruçar por sobre a mesa para redigir uma breve comunicação a um amigo. Constrange vê-lo tão curvado usando o lápis, que corre com dificuldade no papel. Empunha, na outra mão, uma possante lupa de aumento, anteposta às excessivamente grossas lentes dos óculos.

— Só assim consigo escrever... E isso foi consequência de uma «meningite» que fui acometido aos... 30 dias de nascido...

O sotaque lusitano se faz sentir mais forte. Demonstra o professor que o bom humor, coadjuvante da formidável simpatia que despertou ainda está em forma:

— Mas... não foi só «meningite» que tive... foi também febre amarela, escarlatina, vômito negro e impaludismo, tudo isso antes de completar 5 anos. Por isso meu pai transferiu-se do Rio onde nasci para a cidade de Lisboa, onde me criou e permaneci até aos 25 anos. Todos os meus irmãos e irmãs (eram 7) morreram em consequência dessas epidemias do início do século.

ANALFABETO AOS 10 ANOS

Relata-nos o professor Medeiros o que foram os melancólicos dias de sua infância de menino doente.

— Os melhores especialistas da Europa desiludiram meu pai. Minha vista era incurável. Esse fato obrigou-me a ficar até aos 10 anos proibido de aprender a ler e escrever. Burlando, todavia, a vigilância dos velhos, e ajudado por uma boa vizinha, foi nas areias da praia do Estoril onde aprendi a rabiscar as primeiras letras.

«Até hoje, o coração me aperta ante a lembrança de ver meus velhos a chorar, quando pela primeira vez os surpreendi ao ler as manchetes de um jornal d'aldeias».

Embora forçado ao uso permanente de uma lente extra (26 dioptrias), revelou-se no entanto Otávio Medeiros um verdadeiro fenômeno nos estudos.

— Sim. Fui mesmo um «estudante galopante»... Em cada período letivo fazia eu 2 anos ao invés de um... e assim cheguei ao 7º ano de Letras, quando mal completava 21 anos.

DONO DE COLÉGIO E PROFESSOR

— De sociedade com dois brasileiros que em Lisboa residiam, fundei um colégio e, pela primeira vez, **lecionei umas poucas aulas de geografia**... Era o «Ginásio Guerra Junqueiro». Mas, não durou muito tempo, pois, ao contrair matrimônio pela primeira vez, desfiz a sociedade. Tivemos 3 filhos que ainda hoje vivem longe de mim, Fernando (37 anos) funcionário da SAS, em Lisboa, e Casimiro e Helena, radicados em Nova Lisboa, na Angola Portuguesa em África.

CASAMENTO COM NOBRE MARQUESA

Viúvo, alguns anos depois do nascimento do caçula, não suportou a vida solitária e resolveu contrair novo casamento. Desta vez escolheu uma nobre senhora, que é a atual esposa. Faz «blague», quando d. Marta Carrillo de Alborboz e Medeiros dá um muchocho de reprovação.

— Era nobre, porém alquebrada financeiramente, por isso até hoje dispensa o tratamento especial a que tem direito. E' ela mesma quem o diz: «No debe haber «Don» sin «din»... (din — abreviatura de dinheiro na Espanha).

E a propósito recita-nos singular quadrinha que compôs:

«Es el don, señor hidalgo
como el don del algodón...
Ya que, para tener don
es menester tener «algo»...

Ri com satisfação pela primeira vez. A esposa não compartilha e, de longe, reprova com movimentos de cabeça.

POETA NA ESPANHA

Fala de suas aventuras pelas terras espanholas onde procurou arranjar-se como pôde, lecionando línguas.

— Por essa época (1925) publiquei meus primeiros livros de poesias AFFONSEIDA (contra a demagogia portuguesa ao tempo de Afonso Costa) e mais tarde, «Portugal nasceu de um beijo...» que valeu-me um prêmio do governo luso, e ainda mais 3 biografias reunidas num volume «El Portal de Las Indias».



Uma coleção de romances e alguns compêndios de geografia — eis a biblioteca do professor. Escreveu 3 peças para o teatro e pretende estreá-las muito breve, fazendo ele mesmo importante papel.



Frente à câmara, no momento culminante em que deixou de responder à última pergunta (cujas respostas eram dois algarismos) para citar cinco outras (não solicitadas) de números astronômicos. «Confesso que não sei qual é a densidade da Terra. O professor pediu desculpas.

Até que em 1947 fui escolhido para professor de línguas da Universidade Nacional de Madri.

— Em 1948 aqui aportei, sem destino certo ainda. Para viver, consegui vender a um vespertino desta capital uma série de 22 reportagens que trouxe comigo de Espanha. Com isso fui tentando até que o Liceu Literário Português incumbiu-me de empreender uma excursão para angariar fundos para a estátua de Afrânio Peixoto. Percorri 54 cidades do Brasil nessa missão. Mais 4 filhos (Otávio, Júlio César, Marta e Jaime) vieram aumentar minha «pobre riqueza».

VENDEDOR DE LIVROS

— Atualmente, exerço as modestas funções de vendedor de livros. Trabalho para uma editora subsidiária da Jackson e continuo também a lecionar línguas. **Apenas línguas. Não leciono Geografia;** matéria a que, apenas como passatempo, venho me dedicando há muitos anos. Valho-me de minha memória um tanto fértil para guardar números. Não pretendo ser nenhuma sumidade na matéria. Agora, garanto que conheço **muita coisa mesmo**. Posso-lhe dizer, sem medo de errar, todos os acidentes geográficos dos 4 cantos do mundo. Os Estados Malaicos com suas províncias de nomes complicadíssimos e uma infinidade de outras informações guardo ainda de memória sem nenhum proveito prático realmente. A não ser agora, quando me aparece uma tão excelente oportunidade de ganhar dinheiro...

Surpreende-nos mesmo que em sua modesta biblioteca não figure um número maior de compêndios geográficos: poucos volumes, a maioria de versos e romances.

— Realmente. Eu aqui só possuo mesmo o «Gran Atlas Universal» (onde por sinal não se encontram informações sobre a **densidade da Terra**), um outro «Atlas» da Melhoramentos, uma Geografia Universal de Gallach e a de «maior confiança para mim» que é a «Geografia de Posh» no original francês, editado em Paris.

A VOLTA DA ALEGRIA

Seriam cerca de 11,30 horas quando pelo telefone do vizinho chamam com insistência o professor.

Ele se ausenta por instantes e quando volta permanece de pé à entrada.

Olhos arregalados por detrás das grossas lentes, se queda mudo.

— Que foi, professor? «Outra» notícia desagradável?

O sr. Otávio de Medeiros aproxima-se a passos vacilantes. Procura uma poltrona e se deixa sentar pesadamente. Põe as mãos na cabeça e olha-nos de longe, sem nos ver, evidentemente.

— E'... E'... tudo tão surpreendente... Eles resolveram retroceder. Nada feito... Acabam de me informar pelo telefone que aquela minha segunda resposta estava **absolutamente certa** e que em face disto resolveram anular o resultado e me proporcionar uma nova «chance» para a próxima segunda-feira...

Já numerosos vizinhos estão chegando ao apartamento modesto, composto de uma só peça. Perguntas chovem de todos os lados. Parentes próximos chegam também e a casa fica pequena para nós... que nos retiramos discretamente.

— Professor! Quer dizer que o senhor vai voltar a disputar os 400 mil cruzeiros na semana que vêm?

Foi a última indagação que ouvimos de uma vizinha que quase nos derruba na entrada, esbaforida enxugando as mãos num enorme avental de matéria plástica.

O «velhinho da geografia» volta ao suplício... e agora, **que pergunta se fará?**

Estavam esgotadas as 16 horas de emoções de um pobre homem que ficou famoso porque um dia resolveu estudar geografia... e que não sabe se agüentará até o fim, porque... o coração também tem limite.

INTERNACIONAIS

ELIZABETH E seu marido, o duque de Edimburgo, foram oficialmente convidados para uma visita à União Soviética. Não se sabe se aceitaram o convite ou quando partirão.

★

BEATRIZ, FILHA mais velha da Rainha Juliana, e portanto herdeira do trono da Holanda, está sendo festejada por seus méritos. Agora, exibida pela primeira vez com um conjunto de cores, ao lado de conhecidos artistas neerlandeses, em Amsterdam. Greet Holman parece que não foi ao imponente «vernissage»...

★

O ÚLTIMO romance de Scroyan, grande escritor norte-americano de origem armênia, não foi bem recebido pela crítica, a começar pelo título, o qual, vertido para o português, é mais ou menos assim: «Mamãe, eu gosto de você».

★

BUSTER CRABBE, um dos velhos «Tarzans» do cinema norte-americano, agora virou produtor cinematográfico, e está filmando, em Tirrenia, um filme sobre a Legião Estrangeira. Seu filho Cuffy, que já não é criança, trabalha como galã.

★

PARECE que os duques e condes e príncipes e marqueses não gostam muito da cara de Margaret, princesa da Inglaterra: pelo menos, basta que se diga que um deles se casara com a irrequieta pequena, para que no outro dia o desmentido apareça nos jornais do mundo inteiro, categórico e afobado.

★

O DOUTOR Schacht, que reorganizou as combalidas finanças alemãs após a terrível derrota de 1918, e que pode-se dizer foi o gênio financeiro com o qual contou Hitler para dominar a Europa, escreveu há pouco a Adenauer, oferecendo-lhe seus préstimos. Resposta do chanceler: «Os seus serviços não me servem. Sua volta à vida pública seria agora de todo inoportuna».

★

AGORA, QUE se comemora o primeiro centenário do nascimento de Bernard Shaw, vale a pena repetir o seu célebre dito sobre a infância: «A infância é uma coisa maravilhosa. Não se devia confiá-la às crianças».

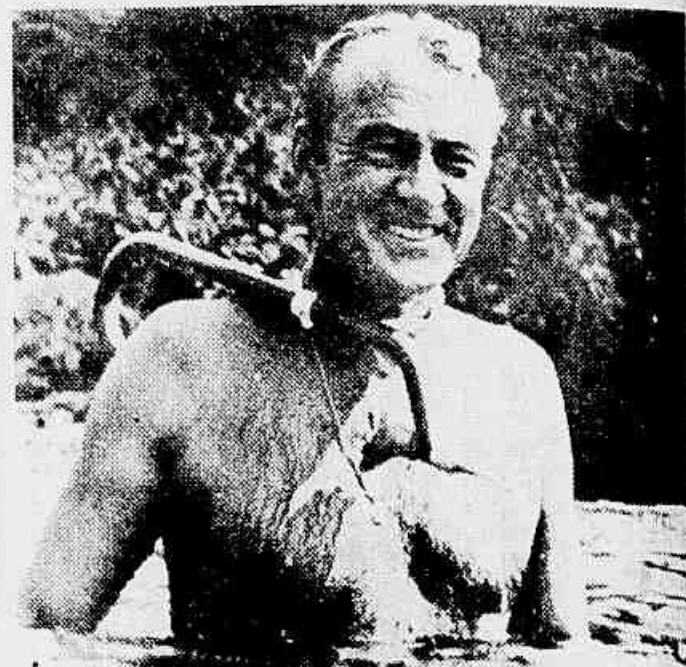
★

ISMAEL CENI, padreiro uruguaio, está dando o que fazer aos governantes da simpática República Oriental do Uruguai. O governo aumentou o preço dos pães, porém Ismael continuou a vendê-los segundo os preços antigos; o Estado ofereceu um auxílio aos padeiros, porém Ismael o recusou, por achá-lo de todo inútil. «Ganho rios de dinheiro com o pão, para que ainda vou receber dinheiro do governo?» De lápis e papel em punho, Ceni demonstra que, mesmo vendendo seu produto pelo preço antigo, sem ajuda oficial nem nada, lucra mais de 1.500 pesos uruguaios por mês. Virou herói nacional, concede autógrafos e entrevistas. Acaba deputado.

A SEMANA



♦ MARLENE DIETRICH acaba de merecer as honras de uma biografia, de autoria do escritor inglês Leslie Frewin. O livro chama-se «A Vênus Loura».



♦ GARY COOPER vendeu por oito milhões de cruzeiros suas memórias; ao jornalista que as redigira deu um e meio milhões; e ao empresário, um milhão. Pagou de imposto aproximadamente 4 e meio. Resultado: apenas lhe restou o outro milhão...



♦ PIADA NARRADA por Danny Kaye: Uma senhora procurou um oculista, dizendo-lhe: «Doutor, tenho algo na visão. Só vejo manchas diante de mim». O médico lhe apresenta três painéis, um onde apareciam letras, outro figuras geométricas, e outro ainda, figuras da vida quotidiana, como cadeiras, cães, mesas, etc. «Que está vendo?» «Manchas terríveis, somente manchas». «A senhora já viu um psiquiatra?» «Não, doutor, só vejo manchas, manchas, terríveis, manchas...»



♦ JANE RUSSEL será a intérprete da Duquesa de Windsor, no filme que brevemente será rodado, segundo o argumento da própria Duquesa, que valeu, à sua época, um trono, mas que hoje vale menos do que ação do Canal de Suez com carimbo britânico.



♦ FOSTER DULLES, caso vença Eisenhower as próximas eleições, nos Estados Unidos, levará um chute: dizem que Ike já está cansado de suas trapalhadas internacionais.

♦ PARECE QUE o ex-rei Faruk e sua ex-espôsa, Narriman, chegaram a uma espécie de reconciliação, quando da última visita da princesa à Itália, onde Faruk reside há vários meses, desde que o «aposentaram» do trono egípcio. Ao menos, diz-se que ela ficou hospedada na própria «villa» do ex-soberano, mais adiposa e sorridente do que nunca.



EM REVISTA

NACIONAIS

◆ NO RIO Dizzy Gillespie, um dos maiores músicos de «jazz» dos Estados Unidos. O conhecido Gillespie apresentar-se-á no Rio e em São Paulo em concertos e pela televisão.



◆ LEON ELIACHAR foi premiado, num Concurso Internacional de Humorismo efetuado há pouco em Roma, com as «Palmas de Ouro», por seu conto «O Judeu». Vemos assim que, enquanto seu compatriota Nasser resolve nacionalizar o Egito, o egípcio Eliachar tenta exatamente a atitude inversa, isto é, internacionalizar-se. E com que êxito, puxa!



◆ OS PROGRAMAS de televisão do tipo perguntas e respostas são atualmente, no Brasil, uma espécie de epidemia — a exemplo do que vem acontecendo no mundo inteiro. E de todos esses programas, um — «O Céu é o Limite» — reúne as preferências dos espectadores e dos concorrentes, pelas emoções e pelos prêmios que oferece. A «vedete» do programa continua sendo o professor Otávio de Medeiros, um velhinho que sabe monstruosidades de coisas sobre geografia. Mas já outros astros despontam na maratona. Entre eles avulta o nome do doutor Paulo Berger, um pediatra que sabe tudo sobre o Rio Antigo, e que na foto aparece sendo entrevistado pelo «mestre de cerimônias» J. Silvestre.



◆ O BRASIL, ou melhor, o selecionado brasileiro, «entrou bem» do tcheco, no próprio Maracanã, por um tento a zero. Leônidas, que comandava a ofensiva, foi vaiado inúmeras vezes pela torcida, e só não julgou encontrar-se em algum estádio de Praga, porque lá ninguém iaia ninguém. No segundo tempo, o «tanque» não voltou ao gramado, tendo sido substituído por Vavá. E foi o que se viu: as coisas não melhoraram nem um pouquinho para as nossas bandas. Até pelo contrário: logo de saída, os «boêmios» conquistaram um lindo «goal». O jogador do América, que indiscutivelmente teria feito muito mais confusão dentro da área adversária do que qualquer outro, ficou calmamente do lado de fora, enquanto Vavá levava um «baile» com música cigana...



◆ ROSINA PAGÃ está de volta ao Brasil, após três anos de ausência. Disse que, nos vários «night-clubs» americanos por onde se exibiu, cantou mais músicas mexicanas que brasileiras. O norte-americano já estará esquecendo o samba?

CONHECIDO HUMORISTA mineiro sediado no Rio (como todo mineiro que se preza...) apresentou, na última página de bela e conceituada revista carioca, uma piada lamentável, por todos os motivos; tendo como vítima um caminhão da Petrobrás. O que é mais estranhável é que esse rapaz, ainda moço e cheio de talento, e que colabora igualmente em um semanário que prima pelo nacionalismo de suas opiniões, não necessita utilizar tais recursos para preencher um pequenino espaço de suas ótimas páginas de piadas. A menos, evidentemente, que fatores estranhos tenham colaborado na idealização da dita — o que não podemos conceber. Será que o menino aderiu ao lema do Ibrahim Sued?

★

JUAREZ TAVORA anda meio engasgado com o caso das areias monásticas. Seu depoimento, na Câmara dos Deputados, foi realizado em sessão secreta.

★

ADALGISA COLOMBO, a bela Miss TV do Rio, cuja eleição tanta complicação deu, compareceu a uma recepção no apartamento de Harry Stone ostentando uma aliança. Há quem fale que Adalgisa, quando estive há pouco na Holanda, ali deixou um noivo, um aviador holandês que, dizem, qualquer dia vem por aí. A menina é verdadeiramente bonita, e não há aviador holandês que resista.

★

PORTINARI VOLTOU ao Brasil, após uma ausência de vários meses. Percorreu Israel, onde efetuou diversas exposições, e depois foi matar as saudades da Itália. Parece que, durante sua estada no exterior, não deixou de trabalhar um só dia. Volta entusiasmado com o esforço extraordinário do pequenino país levantino, no sentido de se construir um Estado moderno e progressista.

★

O GLOBO completou trinta e um anos de existência adquirindo mais duas rotativas e acrescentando-as ao lote já numeroso que delas possui. E' que o «O Globo» não pára um minuto de crescer e de aperfeiçoar-se, dentro da melhor tradição de seus fundadores. Agora mesmo, acaba de inaugurar no Morro da Viúva um imenso Jornal Luminoso, de setenta e seis metros de comprimento e de onze de altura, pesando um total de 66 toneladas. E' o maior, em seu gênero, no mundo, e quando entrar em funcionamento, apresentará as manchetes das principais notícias do país e do exterior, para o Rio e para Niterói. E', por todos esses motivos, sumamente grato à REVISTA apresentar seus votos de prosperidade a um jornal que, como O GLOBO, é atualmente um dos maiores e melhores do nosso continente, e de todo o mundo.

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dores de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando estes órgãos não funcionam normalmente, o gênio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma boa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sobre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo

a usar **Regulador Gesteira**

**UM NOVO
tratamento**

complexo injetável de alto valor
anti-anêmico, anti-tóxico e reconstituente
Injeções intra-musculares:
1 ou 2 ampólas diariamente.

YAKRITAMIN



fração solúvel de extrato hepático
concentrado com ácido fólico
triptofano, histidina e metionina
Caixas com 3 amp - 2cc.

INSTITUTO BIOLÓGICO do RIO de JANEIRO Ltda.
E.C.: Rua Santa Luzia 733-13º - fone 220402 - Lab. Alam. São Boaventura 1027-Niterói.



**EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO**

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280.00 — Casal 380.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



P U X E P E L O C É R E B R O

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—«Couvade» é termo utilizado em:

- zootecnia?
- etnologia?
- sociologia?

2—Epicuro foi discípulo de:

- Zenon?
- Plotino?
- Aristóteles?

3—Thomas Moor escreveu:

- Utopia?
- Irish Melodies?
- Oteló?

4—Exemplo de quilópode é:

- a centopéia?
- a tanajura?
- o bico-de-lacre?

5—O filho de Júpiter e de Clímene chama-se:

- Polifemo?
- Ajax?
- Atlante?

6—Capri foi a residência favorita do Imperador romano:

- Augusto?
- Júlio César?
- Tibério?

7—Esculápio é identificado, na História Egípcia, com:

- Phtah-Hotep?
- Amenemat I?
- Ikhnaton?

8—Sabendo-se as temperaturas de um lugar plano e outro elevado, pode-se calcular a altitude deste último, utilizando-se a fórmula de:

- Bode?
- Babinet?
- Simpson?

9—A primeira ópera de Carlos Gomes foi:

- Se sa nunga?
- Noite no Castelo?
- Joana de Flandres?

10—Fundou a Nova Espanha:

- Balboa?
- Grijalva?
- Pizarro?

11—Houve dois Irmãos Grimm: Jakob e:

- Heinz?
- Wilhelm?
- Kurt?

12—A superfície da Holanda é de:

- 200 mil quilômetros quadrados?
- 68 mil?
- 34 mil?

13—«Casamento de Mercúrio com a Filologia» é obra de:

- Marciano Capela?
- Martinho Lutero?
- Tomás de Aquino?

14—Plotino expôs suas idéias no livro:

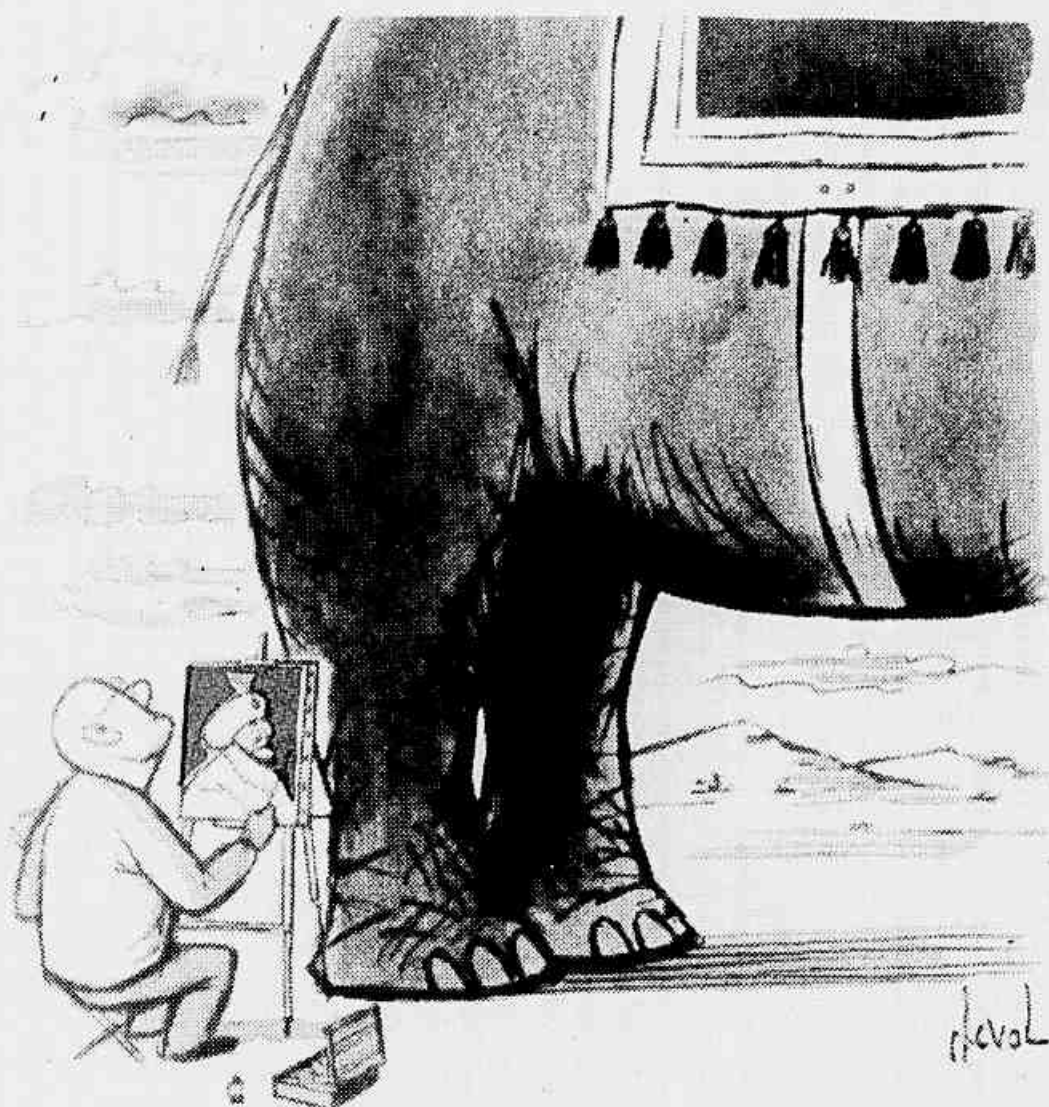
- «Princípios»?
- «Eneadas»?
- «Suma Teológica»?

15—A seita cristã do Egito chama-se:

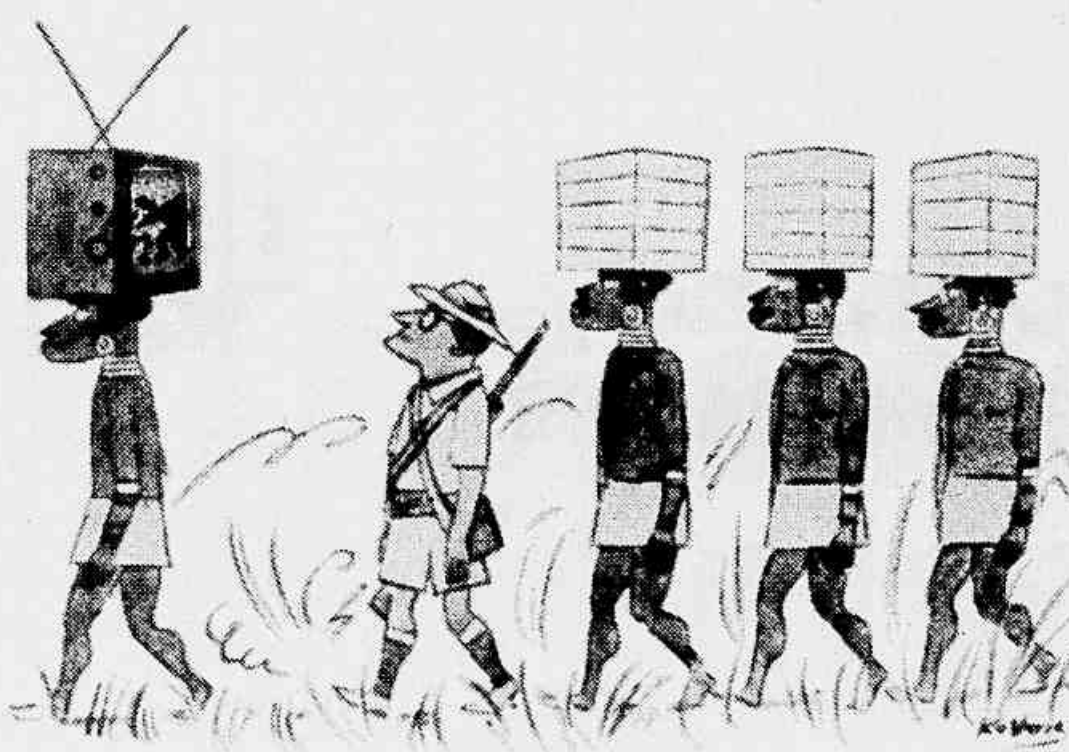
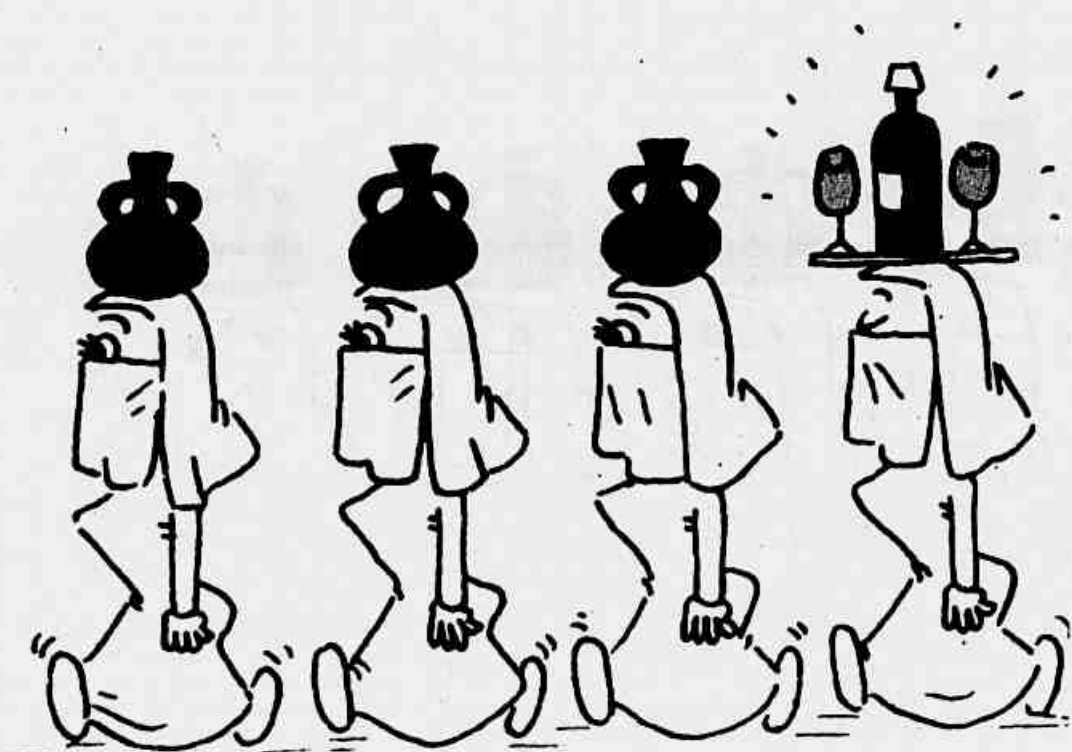
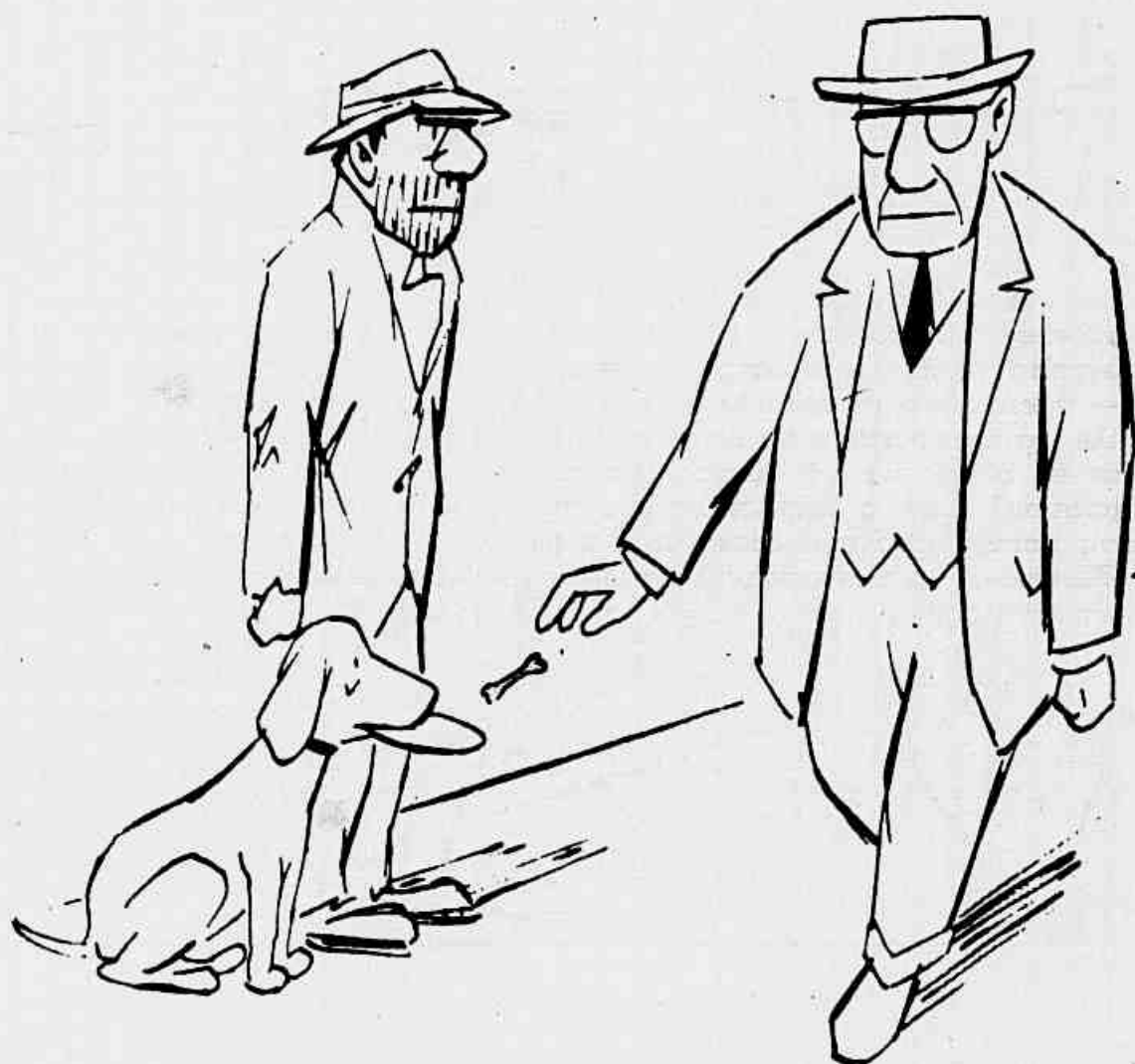
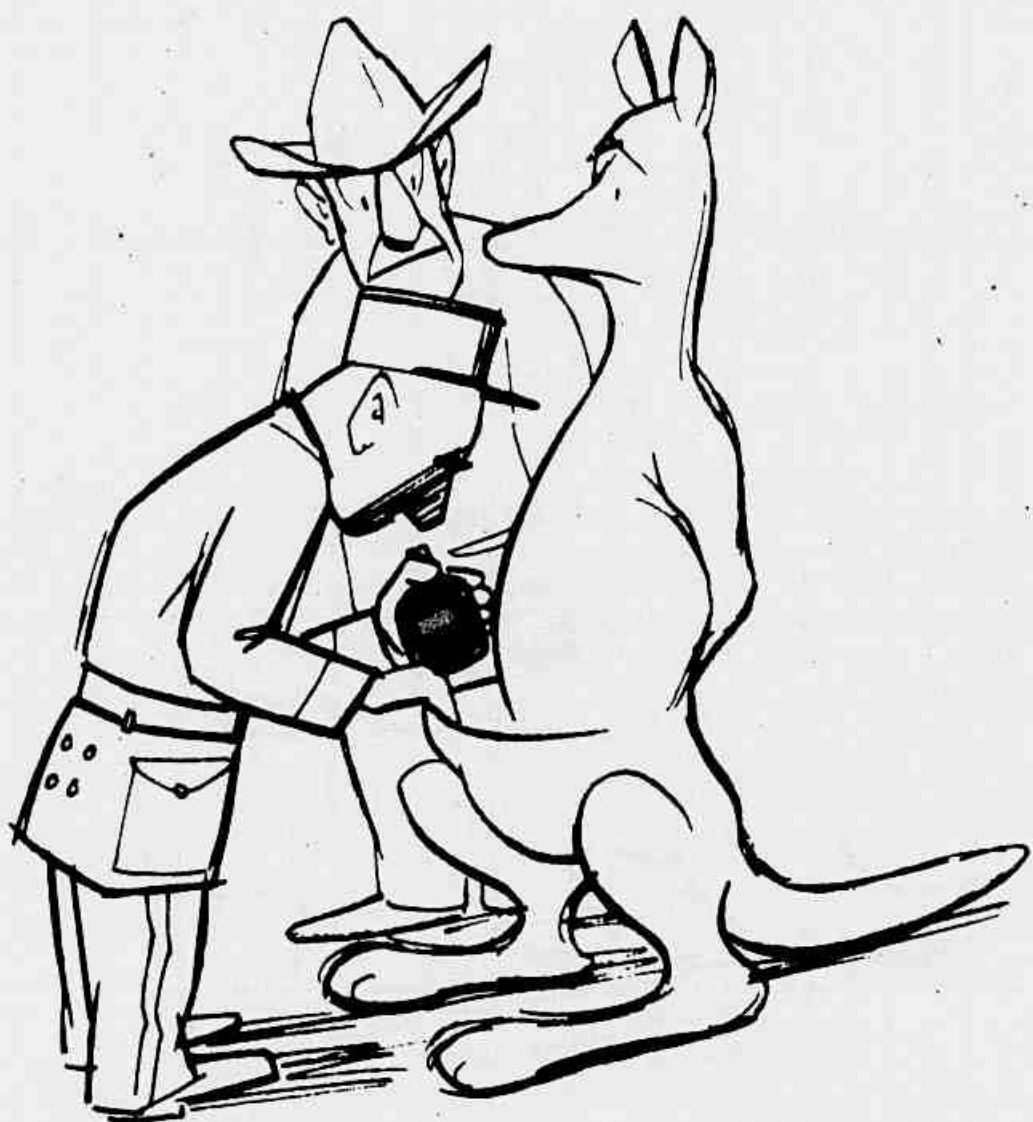
- hierática?
- drusa?
- copta?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — etnologia; 2 — Aristóteles; 3 — Irish Melodies; 4 — a centopéia; 5 — Atlante; 6 — Tibério; 7 — Phtah-Hotep; 8 — Babinet; 9 — Noite no Castelo; 10 — Grijalva; 11 — Wilhelm; 12 — 34 mil quilômetros quadrados; 13 — Marciano Capela; 14 — «Eneadas»; 15 — copta.



O RISO DOS OUTROS





M presente de Natal!? urra Ioffe, do lado oposto da linha. Estará acaso brincando comigo?

— Não, estou falando sério. Falo de Lavra, de Loubianskaia Lavra. Não é um tema que se coaduna perfeitamente com o Natal?

Lavra é um imenso mosteiro. Subitamente, Ioffe pensa que, com efeito, existe um «Lavra» situado à praça Loubianska. Tratar-se-ia, então, de Laurenti Beria? O caso deve ser urgente. Ioffe resolve mudar de tom.

— Um presente, senhor Abade? Um presente de Natal para mim? Naturalmente, coisa pequena: uma pobre Bíblia para meus correligionários...

— Um presente muito original, diz Beria. Vem de Sua Excelência Andra Ovna Ontai, de Holnístok.

Ioffe compreende: AlexANDRA MichalOVNA KollONAI, embaixatriz em Stockholm. Foi célebre por sua beleza estonteante, mas agora, os anos se passaram. Deve estar na casa dos setenta anos. Que poderá ter ela para me ofertar? pensa Ioffe.

— Fósforos, ou lâminas de barbear?

— Ainda não sei. E nem vou verificar. O pacote está de tal maneira atado, e seu perfume é tão bom... Venha logo, Abram FEODOROVITCH. Ou então irei eu ao seu encontro. Em dez minutos, eu poderia estar no Museu de História, na sala dedicada aos Citas. Está bem? Até logo então.

Ioffe se apressa, porém Beria é mais rápido do que ele. Quando chega, já o outro espera, na grande sala. Está sozinho. Seus guardas pessoais devem manter uma distância razoável.

O Museu de História está situado à Praça Vermelha, muito perto, mesmo, do Kremlin. É sempre muito visitado, porém a sala dos Citas está quase todo dia às moscas. Beria aproxima-se do velho professor, e saudá-lo respeitosamente, como um estudante saudá seu mestre. Aliás, a comparação adequa-se perfeitamente à pessoa de Beria, que ainda não chegou aos quarenta anos, e que aparenta menos idade ainda.

— Camarada professor, começa ele, permita-me endereçar-lhe, antes de tudo, algumas perguntas?

Ioffe aqiesce, com a cabeça.

Beria começa a falar, num ritmo estranho. Entretanto, após uma frase banal, sobre a arrumação da sala, transmite a Ioffe uma novidade da maior importância. Ioffe escuta em silêncio:

— Uma chamada telefônica de Kollontai — o caso deve ser muito importante — ocorreu essa manhã, em linguagem cifrada e urgente. Ela foi ver Lise Meitner, a física que recebeu há pouco uma comunicação de Otto Hahn, de Berlim. Hahn bombardeou um núcleo de urânio com não sei bem o que, e o núcleo se dissociou, libertando uma quantidade fabulosa de energia. Já enviamos um homem a Berlim — Dahlem, e aguardamos, a qualquer instante, a sua comunicação. Quería porém saber sua opinião. Quero saber se é de fato importante...

Ioffe exulta, como um garoto que afinal recebe um presente de há muito cobijado. Num gesto largo, porém, interrompe a longa exposição de Beria:

— Meu caro estudante, diz ele, será que o senhor não ouviu falar no baile de máscaras que hoje à noite será levado a efeito, em Kalouchkoie? Pois eu o espero há várias semanas. E o senhor ainda me faz perguntas enojadas? Não, o senhor fará o que quiser, mas sem mim. Tenho apenas duas horas para me assegurar a presença de «Koury».

«Koury» é o pseudônimo pelo qual são designados o professor Kourtchatov e seu assistente, Flerov. Beria, imediatamente, percebe o que Ioffe quer significar.

Aquela noite de natal, em vários recantos da cidade, serão organizadas festas populares, para afastar o povo das igrejas. Em Kalouchkoie uma festa semelhante será efetuada, ou melhor, seria, pois, por falta de espaço, os organizadores terminaram por cancelá-la. Kalouchkoie fica na rua do próprio Instituto de Física de que Kapitza é diretor. Ora, se Ioffe afirma que a festa terá lugar, Beria não deseja mais discutir. Dispõe apenas de duas horas para preparar a farsa, que terá como cenário o pomposo e severo edifício do instituto científico. É preciso apressar-se, pois o tempo voa.

Alguns dias antes, a 22 de dezembro de 1938, tivera lugar em Berlim-Dahlem, no Instituto de Química Kaiser-Wilhelm, um acontecimento da maior significação. Desde a fundação do Instituto, em 1912, que o professor Otto Hahn ali trabalha. O professor Lise Meitner também vem efetuando pesquisas no mesmo Instituto, de alguns anos para cá. Foi em casa de Emile Fischer, seu velho mestre, que Otto Hahn conheceu a doutora, que passou a trabalhar em colaboração com o famoso cientista.

Judia, um dia teve a doutora Lise Meitner de abandonar a Alemanha, fixando-se em Stockholm, na Suécia, mas mantendo continuamente com Otto uma correspondência do mais alto valor científico. Ottó, para substituir Lise, contratou o professor Strassmann, e ambos executam agora

importante experiência. A preparação foi lenta e difícil, e já fizeram, antes, várias tentativas. Naquele dia, porém, quando praticamente estavam decididos a abandonar o projeto, experimentam pela última vez certo processo, que lembre um pouco, por sua extrema simplicidade, o ovo de Colombo... E a experiência dá resultados!

Emocionado e feliz, Otto Hahn resolve comunicar o fato à sua antiga colaboradora e amiga fiel Lise Meitner. Ela trabalhara muitos anos a seu lado: era justo que fôsse a primeira a saber de tudo. Contudo, para não desvendar em público seu segredo, Otto tomara algumas precauções. E o que confia à doutora, afinal, não é muito. Ele lhe envia suas saudações, às quais junta algumas vagas palavras, e é só. O professor desconhece que a carta que envia à velha amiga será retransmitida, quase que palavra por palavra, para Moscou, pelo próximo correio...

Semanas se escoam, antes que a grande descoberta do professor venha a ser conhecida pelos cientistas do mundo inteiro. Seis anos após, somente, dar-lhe-ão o Prêmio Nobel. Mas seus colegas moscovitas já sabem do segredo, desde o seu descobrimento...

Moscou. Desde o encontro entre Ioffe e Beria, na sala dos Citas do Museu de História, duas horas se passaram, e grande é o espanto dos moradores das proximidades de Kalouchkoie, quando vêem as janelas do austero Instituto de Física iluminadas profusamente, enquanto as portas se abrem de par em par, para algumas dezenas de convidados. Beria é mestre na arte de organizar em poucos minutos essas reuniões brilhantes. Os mascarados penetram por um grande corredor, decorado esplendidamente, e são acolhidos com intusismo por seus pares. O que não impede que alguns se mantenham prudentemente reservados, principalmente quando repararam a presença de alguns dominós de atitudes suspeitas, naturalmente policiais à espera de vítimas...

Alguns desses dominós (que não são policiais, porém Kapitza, seu mestre Ioffe, dono da festa, os professores Terenine, Vavlov, Kourtchatov, Flerov e Petrzak) se dirigem para uma ampla sala ao lado do salão principal, onde está instalado o laboratório central de Kapitza. Já ali os espera Beria, que narra a Ioffe, sem omitir coisa alguma, o longo relatório que acabou de receber de Madame Kollontai. Essa comunicação, em uma palavra, narra com tôdas as minúcias as experiências de Otto Hahn. No entanto, ainda é preciso aguardar o segundo relatório, do homem que foi enviado às pressas para Berlim, a fim de se saberem os pormenores da experiência de Otto Hahn, de vez que as explicações enviadas por Otto a Lise Meitner deixam ainda muito a desejar. Como devem agir?

Abram Ioffe põe-se a trabalhar imediatamente. Já estivera na Alemanha, e ali conhecera o professor Emile Fischer, professor quer de Otto Hahn, quer de Lise Meitner. Está, pois, ao corrente dos métodos de trabalho de ambos, e talvez possa resolver o enigma.

Os sábios prosseguem suas pesquisas. Madame Ioffe e seus filhos terão muito que esperar por Ioffe. Ela está habituada a essas ausências, porém nunca dantes o velho físico custara tanto a voltar para casa. Basta dizer que já se haviam escoado várias semanas, e nada de Ioffe aparecer de regresso ao lar. O velho pesquisava, absorto em seu trabalho.

JOLLIOT-CURIE E A REAÇÃO EM CADEIA

O professor Otto Hahn não tem pressa em anunciar ao mundo sua descoberta. Tal como Einstein, teme que dela possa advir algum mal à humanidade. De resto, trata-se apenas de uma hipótese — que pouco após poderá ser destruída — segundo a qual um neutron, penetrando no núcleo de um átomo de urânio, divide-o em duas partes iguais, libertando grandes quantidades de energia. É justamente o último fenômeno que se quer reproduzir. Neste sentido é que trabalham, dia e noite, os sábios moscovitas.

Muitos meses mais tarde, organiza-se novo encontro dos sábios que tomam parte nas pesquisas. Dessa vez, a sede da reunião é o Ministério das Finanças, sob o pretexto de se visitar a imensa coleção de moedas ali conservadas. Beria e Jdanov estão presentes. Para um observador colocado à distância, Jdanov parece dar explicações sobre a coleção.

— A coisa é complicada, disse ele. Há dois meses que estamos de olho em Jolliot-Curie. Nem tudo está indo no ritmo em que desejaríamos, porém pode ser que tudo melhore. Ele mesmo nos apresenta, por intermédio de Manouilski, as pesquisas. Eu, por mim, afirma ainda, não vejo diferença alguma entre essas fotografias. Porém, não sou perito. Vocês, que se especializaram, devem saber melhor. Jolliot-Curie chama a isso de «reação em cadeia».

É mesmo. O professor Jolliot-Curie, detentor de uma grande nomeada, está muito impressionado porque alcançou êxito em uma série de experiências sobre a dissociação nuclear. É uma amplificação da descoberta, considerável, porém sem qualquer utilidade prática, de Otto Hahn. É a descoberta de tal modo importante que Jolliot-Curie, o qual desde a mocidade se sentira atraído pelo Partido Comunista, colocou à disposição dos soviéticos as suas deduções.

(Cont. na página 56)

Por M. A. BIEV

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone e Pierre Horay — (Continuação do número anterior)

Ilustração de RAMÓN

O ENIGMÁTICO KAPITZA

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

◆ KAPITZA, após vários anos de voluntário exílio na Grã-Bretanha, volta à União Soviética, de onde não mais sairá. Incumbido por Stalin de pesquisar a bomba atômica, para a Rússia, a princípio tenta tergiversar, a fim de ganhar tempo. Depois, porém, premido pelas circunstâncias, mete mãos à obra, chefiando uma grande e valiosa equipe de cientistas. Entre seus mais diretos colaboradores estão Ioffe, seu antigo professor na Escola de Física; e Kourtchatov, o qual pretende encontrar o segredo do fracionamento atômico através da fissão nuclear.



Reynolds



ZARCO

P

ENSARA fazer seu chá, ele mesmo, porém o cozinheiro de bordo se negara a dar-lhe a água morna. Somente seu grande sonho, que a cada instante ficava mais próximo da concretização, ainda o animava.

Foi uma tentativa de suicídio (uma judia egípcia meio doida quis atirar-se ao mar com seu filhinho aos braços) que fez com que Aaron se aproximasse dos demais israelitas.

Escutou pacientemente a história da infeliz; era a mesma coisa de sempre, uma divorciada em Nova York que agora fora mandada de volta para o Cairo, sem um só tostão no bolso. Judeus de mais recurso, inclusive um velho judeu russo, cheio de dinheiro, e mais diversas senhoras caridosas tinham custeado a passagem da pobre mulher. Conversando com um e outro, Aaron ia aos poucos ficando a par da vida de privações de todos eles, vida de privações que, graças a Deus, teria em breve seu término. Egípcios, americanos, gauleses, ingleses, russos e holandeses conversavam, no convés, sobre seus planos. E, para a grande felicidade de Aaron, um imenso judeu russo com quem tratara relações não havia muito partilhava os seus sonhos de uma Palestina em cujos rios corresse leite e mel, e onde os antigos preceitos bíblicos viessem a ser novamente executados. Era membro da Sociedade Amigos do Sion. Era homem moço ainda, de barba ruiva e olhos sombrios. Trazia vestimentas surradas, velho chapéu e camisa de algodão já bastante encardida. Mas, como quase todos os judeus que já sofreram bastante, tinha uma inteligência bastante moderna de suas fórmulas habituais de crença. Foi por intermédio desse judeu russo que a viagem de Aaron, que até então vinha sendo triste e despidida de qualquer atrativo passou a se fazer num clima de maior alegria. O russo citou trechos do Livro da Fé,

dizer «herança de dupla tranquilidade» — será a fortaleza da paz sobre a terra. Ensinará as nações a disputar umas às outras a primazia não das riquezas ou da força, mas da pureza e da virtude. Cada homem aprenderá que existe para a felicidade de todos os homens, pois sem isso homens e feras se equivalem. Enfim, o «conhecimento de Deus cobrirá toda a terra como as águas cobrem o mar».

— Mas se elas se limitassem a cobrir somente o mar... — acrescentou o alemão, que acabara de ser atingido por algumas gotas de água salgada trazidas pelo vento.

— Os que não mais acreditam nesse preceito, nem mesmo merecem o nome de judeus. Sem tal esperança, a raça judaica é uma grande incongruência. Se eu não mais acreditasse, atirar-me-ia agora mesmo ao mar.

— Só o senhor e a egípcia, arrematou, impiedosamente, o alemão.

Em Alexandria, onde quase todos os passageiros ficaram, Aaron teve de ficar detido, por medida sanitária, 40 dias, de modo que antes de por os pés nas ruas santas de Jerusalém, teve de errar por entre o mau odor das ruas de Alexandria. Enfim, lá um dia de novo zarpou a caminho da Terra Santa, e em breve avistava o porto de Jaffa. Um mar cruel estendia-se ainda entre ele e a sagrada terra dos antepassados. O navio ancorara perto do velho porto, enquanto pesadas barcas guiadas por árabes e sírios robustos vinham buscar os passageiros. Aaron foi apanhado no convés por braços possantes, e sem nenhum cuidado atirado dentro da escura e velha embarcação, magoado, mas exultante de afinal enxergar a Palestina. E enquanto a barca se aproximava da terra, um odor muito doce de flores de laranja chegava até suas narinas, odor proveniente dos espessos bosques das proximidades, e que pareciam simbolizar as bodas entre o viajante exausto e a Terra Santa. Terra

O PEREGRINO DA PALESTINA

Por ISRAEL ZANGWILL

Ilustração de ZARCO

de Saadja Gaon, e dos Deveres do Coração, de Bachja, até Alexandria, quando saltou do barco. E havia mesmo ali quem desempenhasse o papel de Sancho Pança, pois um judeu alemão, muito gordo, quando se entabulavam as infundáveis discussões de natureza religiosa ou política, no tombadilho, queria passar os olhos de todos por homem cheio de bom senso e prudência, e só dizia tolices.

— Só há uma razão que faz os homens ir à Palestina: é que muitos pensam que, como afirma o psalmista, a terra olvida os pecados. E eles pensam também que os corpos que não forem enterrados na Palestina quando soarem os últimos acordos das trombetas que anunciam o Messias, terão de errar até à proclamação da Nova Jerusalém. E é por isso que muitos partem: para ir morrer na Terra Santa, e para evitarem essa incômoda peregrinação post-mortem. De resto, Maimonides afirma que o período messiânico durará somente quarenta anos. Quem sabe eles temem que os refrigerios já tenham terminado, e o Leviatã tenha sido morto, quando chegarem?...

— O número dos imbecis é infinito, afirmou o russo. E sua religião não lhes pode dar inteligência. Os que tomam a sério pensam que um Templo pode crescer como um ventre de boi, só porque está escrito no Talmud que, por maior que seja uma multidão de liéis, o interior da Sinagoga sempre expandir-se-á no sentido de contê-la. Esses ignoram que o Templo de que fala o Talmud é o próprio espírito, e não um edifício em pedra. Como disse o profeta Joel: «Encherei meu espírito. E os ancianos terão sonhos, e os moços visões». Esse espírito está em ação, hoje mesmo, mas dentro de nós. Pois não temos país sobre a terra, e é por isso mesmo que estamos em toda parte: porque cada um de nós é um país. Porém, devemos possuir também um país, e havemos de possuí-lo. Pois, sem ele, nossa raça morrerá. Ele nos espera. Por que não?

— E porque os patos andam de pés descalços, repetiu o judeu alemão, citando o velho provérbio israelita, às risadas.

— O país nos espera, repetiu o russo, fervorosamente, a fim de que possamos desincumbir-nos, nele, de nossa missão. Jerusalém — que quer

dos antepassados! Enfim ali estava, e, num transporte de felicidade, pela primeira vez na vida o pobre diabo sentiu-se alegre, e pensou em seus ancestrais. Porém, ainda havia qualquer coisa a lhe dizer, num pressentimento maligno, que sua felicidade não iria durar por muito tempo. Rezava silenciosamente, de olhos fechados e sua oração logo se transmutou em ação de graças, quando a barcaça penetrou no porto, em que acotovelava uma enorme chusma de orientais coloridos e barulhentos. Pondo às costas a valise, que a despeito de sua fraqueza lhe pareceu levíssima naquele instante, subiu quase em êxtase os degraus que o levaram ao ancoradouro. Já estava pisando em terras da Palestina, quando um oficial turco o deteve:

— Passaporte? perguntou-lhe em árabe.

Aaron não compreendeu, foi necessário que lhe traduzissem a pergunta.

— Não tenho, retrucou, com pressentimentos ruins.

— Para onde vai?

— Viver na Palestina.

— E de onde vem?

— Da Inglaterra, replicou triunfalmente, pensando que esse era um nome respeitado em todo o mundo.

— Mas o senhor é inglês?

— Não, balbuciou. Vivi vários anos na Inglaterra, mas não sou inglês.

— Naturalizado?

— Não.

— E de que país é então originário?

— Da Rússia.

— E judeu, é claro?

— Sim.

— Nenhum judeu russo pode entrar na Palestina.

E Aaron foi de novo mandado para seu barco, e pouco depois, melancólico, espiava o porto de Jaffa, de bordo do naviozinho.

MASAKO MOYAMA

PIONEIRA DA GEOGRAFIA NO JAPÃO



Masako Moyama (Sakamoto, pelo matrimônio), emérita geógrafa japonesa, apresenta duas importantes teses ao XVIII Congresso Mundial de Geografia, ora reunido no Rio. Antes da guerra, realizava suas pesquisas em segredo, pois no Japão ainda não se admitia mulheres pesquisadoras...

MASAKO MOYAMA CONTA, MODESTAMENTE, SUAS PRIMEIRAS INCURSÕES NUM CAMPO PROIBIDO ÀS MULHERES JAPONÊSAS — APRESENTA DUAS IMPORTANTES TESES AO XVIII CONGRESSO MUNDIAL DE GEOGRAFIA — VIVAS IMPRESSÕES DE VIAGEM E A PERENE GRANDEZA DO VALE AMAZÔNICO

Reportagem de LUIS MORENO

Fotos de A. FERREIRA

A submissão milenar imposta à mulher japonesa, cristalizada através de tantos séculos, parece muito próximo de fender-se definitivamente. Como consequência da nova política japonesa do após-guerra, horizontes imensos acabam de se descobrir aos olhos das descendentes de Eva nascidas sob a luz do Império do Sol Nascente, dando à mulher nipônica a tão desejada oportunidade de se revelar também útil nas mais variadas atividades até então exclusivas do sexo forte.

Exemplo vivo e dignificante dos honrosos atributos de inteligência feminina do Japão atual é essa figura modesta que agora nos visita em missão especial, escolhida pelo mais alto conselho científico de sua pátria para representá-la num conclave mundial — a jovem senhora Masako Moyama, bio-climatologista de renome universal que juntamente com sete outros professores, toma parte no XVIII Congresso Mundial de Geografia e Estatística ora reunido nesta capital.

A desenvoltura dos repórteres desse mundo desconhecido com a sua proverbial bisbilnotice faz corar a jovem Masako, que arregala os olhos de espanto para o intérprete.

— Por que tanto interesse e tanta importância para comigo, uma simples e ignorante criatura?

Foi-lhe, então, explicado que, de quase meio milhar de congressistas ela era uma das poucas mulheres presentes. Daí o significado especial que tal fato provoca, isso para não mencionarmos a sua notável fôlha de serviços prestados no campo em que se especializou.

Masako sorri e abaixa a cabeça, ruborizando-se.

xxx

Estamos sentados no «hall» de um confortável hotel da Praia do Flamengo. O intérprete, um nipo-brasileiro, transmite-lhe a nossa próxima pergunta. E daí por diante, cada vez que a interrogamos podemos anotar reação idêntica. Confusão e nervosismo, traduzidos pelo característico esfregar de mãos.

Masako nasceu num bairro de Tóquio e mal acaba de transpor a casa dos 30 anos. Filha de um notável engenheiro naval, que se especializou em miniaturas de barcos pesqueiros e, depois, em navios de guerra, teve infância comum, juntamente com sua outra irmã e dois irmãos.

— «Influenciada pelo meu mestre de Geografia, durante os anos que frequentei a «Japan Woman's University», no período de 1936 a 40, apaixonei-me de tal modo pelo assunto que passei a dedicar-lhe a maior parte do meu tempo disponível para as diversões».

Explica, então, que como antes da guerra poderia constituir sério desrespeito a simples alusão de suas preferências, conservou por muito tempo em segredo o resultado de suas primeiras pesquisas no campo da geografia humana.

— Constituiriam, porém, o ensaio prévio de um trabalho que viria a me dedicar mais seriamente anos depois: estudo sobre as endemias regionais das ilhas Filipinas, levado a efeito quando já então era funcionária do «Instituto da Ásia Oriental».

Conta-nos que a sua graduação pela Faculdade de Medicina da Universidade de Tóquio, em 1949, foi uma das suas maiores emoções. Desempenhando sempre altas funções, enquanto realizava seu programa de estudos, exerceu, durante os anos de 46 a 47, cargos de relêvo no «Instituto de Saúde Pública», da Fundação Rockefeller, em Tóquio. Desde 47 está à frente do «Applied Meteorological Laboratory», do «Meteorological Research Institute» ligado ao Ministério da Saúde do Governo Japonês.

— «Estou satisfeita porque meu pioneirismo fez escola em meu país». Realmente, Masako Moyama foi a primeira mulher do Japão a revelar-se notável no estudo das ciências geográficas.

— «Hoje, centenas de outras jovens seguem como eu destino idêntico, trabalhando com afinco pelo mesmo ideal de bem servir à humanidade no campo da pesquisa médico-geográfica».

DUAS TESES

A contribuição de Masako Moyama ao XVIII Congresso de Geografia se constitui de duas importantes teses: um estudo sobre o desenvolvimento e controle da tuberculose no Japão e uma contribuição ao debate sobre os métodos e objetivos da «geografia-médica».

... — «São trabalhos modestos, frutos de meus parcos conhecimentos do assunto que nessa oportunidade me foi dado oferecer à suprema apreciação das maiores expressões científicas que aqui se reúnem».

IMPRESSÕES DA PRIMEIRA VIAGEM

Ficamos sabendo que essa é a primeira viagem de Masako fora dos limites de sua pátria. Através do intérprete, a jovem ganha tempo e põe os olhos ao longe para responder-nos:

— «A saudade foi a primeira impressão mais forte que senti ao deixar meu país».

Olha-nos curiosa, para ver o efeito de sua resposta. Confirmamos com um assentimento de mútua compreensão e ela se anima um pouco mais:

— Fora isto, só a impressionante vastidão do Vale Amazônico ainda não se apagou de minha mente, e creio que perdurará para sempre. Em nada é possível compará-lo com tudo que tive oportunidade de ver nessa viagem.

Masako sente-se mais a vontade, agora. Sorri muitas vezes, antes de referir-se às tão decantadas belezas do Rio.

— «Tudo aqui é tão diferente que não sei o que dizer. Mas, acho que gosto mais da sua maravilhosa cidade quando anoitece... não sei bem porque...»

E sorri novamente, receosa de haver cometido alguma «gaffe».

Conhecer S. Paulo, principalmente, o interior do Estado é outro de seus numerosos desejos.

— «Muita prosperidade é a imagem que nós, no Japão, guardamos do Estado de São Paulo. Conhecer seu povo, seus hábitos, a terra grandiosa que ali acolhe meus compatriotas com tanta generosidade é o que pretendo fazer nesta viagem».

PREFERÊNCIAS

Masako casou-se há dois anos. Seu espôso não pôde acompanhá-la, pois, como professor da Cadeira de Matemática-Estatística da Universidade de Tóquio e também de Kobe, não encontrou maneira de ausentar-se do país, no momento.

— «Na volta, pretendo maravilhá-lo com minhas narrativas...»

O casal não tem filhos. Masako ruboriza-se, novamente, ante a nossa curiosidade e explica, mui nitidamente, que «os filhos às vezes atrapalham quando inoportunos... mormente quando há tanto trabalho por fazer».

Nos momentos de lazer, sua maior satisfação é passear com o espôso pelos campos que rodeiam a cidade de Tóquio. Gosta de música clássica e adora as óperas italianas. Quanto ao cinema, prefere o francês, mas mui raramente frequenta casas de espetáculos.

Detalhe curioso era a ocidentalização de suas vestimentas. Masako vestia um «tailleur» simples, cor de rosa claro. Interrogamo-la sobre as suas impressões da mulher brasileira, mas a jovem doutora ainda não havia encontrado tempo para apreciá-la convenientemente.

— Aqui, no hotel, só consegui ver estrangeiras, até agora... — sorri como se desculpando.

Todavia, como o assunto é moda feminina, conseguimos saber que para a cerimônia de inauguração do Congresso, Masako vestirá o quimono tradicional de gala.

Por muito insistirmos, Masako concorda em vesti-lo para que a fotografássemos. Não houve demora e, logo depois, reaparece no «hall» a jovem doutora, atraindo a atenção dos demais hóspedes, que param em grupos para contemplá-la.

Masako baixa os olhos e se dispõe a seguir as instruções do fotógrafo. Terminada a tarefa, volta-se para nós e acrescenta, pela primeira vez, com resoluta decisão:

— «Admiro a tenacidade e perseverança dos homens de imprensa desse país tão surpreendente. Espero, porém, que não mais voltem a se importar com alguém que nenhum mérito tem, além o de haver transposto um oceano de águas e outro de florestas para visitar-vos...»

Numa pose especial no «hall» de um hotel do Flamengo, Masako veste o quimono, apenas reservado para o cerimonial de abertura do Congresso.

«Desculpe-me se estrago sua chapa. Não sou muito fotogênica... A grandeza do Vale Amazônico impressionou tremendamente a jovem Masako.

«Não há nada com que eu possa compará-lo em meu país...»





CAPA DA «REVISTA DA SEMANA», de 19 de agosto de 1906.

O NÚMERO 327

19 de agosto de 1906

♦ A CAPA, um desenho de Bambino, era uma alegoria interessante: «A CONFÉRENCIA Pan-Americana» negando-se a fazer «confidências» à Imprensa. Uma jovem elegantemente trajada, sendo assediada por um jornalista. Como legenda, a letra de um samba muito popular à época: «Vem cá mulata... Não vou lá não...»

♦ Como curiosidade, apresenta a REVISTA DA SEMANA o menu do almoço oferecido pelo Conde Mendes de Almeida aos jornalistas estrangeiros: Hoers d'oeuvres froids, Omelette aux truffes, Garoupa-sauce mayonnaise, Chateaubriand aux champignons, Aspic de foie gras à la Gutenberg, Dindonçau à la Brésillienne, Jambon de Parana, Asperges à l'Americaine, CREME AUX SABAION, FRAISES A LA CREME — DESSERT — VINS Chateau Yquem, Chateau Margaux, Macon — Champagne et Porto. — Café et Liquers.

♦ Como sempre, essa edição apresentava inúmeras fotografias, entre elas uma em que apareciam o dr. Joaquim Nabuco, ao lado do sr. Elihu Root, e de Lloyd Griscom, diplomata inglês. Noutra, o dr. Afonso Pena, eleito presidente, aparecia com sua comitiva em Caruaru, Pernambuco.

♦ O Suplemento Infantil (do João Paulino, como se denominava) apresentava, como de costume, inúmeras páginas em cores, com passatempos, piadas, historietas, etc., etc.

♦ Na parte referente a esportes, apareciam as fotografias dos vencedores das corridas de ciclismo, então popularíssimas.

CONSELHEIRO AQUINO E CASTRO

19 de Agosto de 1906

♦ Na semana transacta falleceu nesta Capital, após longos padecimentos, o sr. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Presidente do Supremo Tribunal Federal. Essa dolorosa perda, embora esperada ha alguns dias, devido ao estado de saude sensivelmente alterado do illustre extinto, não deixou, contudo, de abalar a magistratura brasileira, que tinha no venerando ancião um dos seus mais bellos ornamentos. Magistrado de rija tempera tinha o illustre finado um passado de glorias, posto ao serviço da Patria a cujo culto consagrou todo o vigor da sua existencia. Quer no antigo regimen, quer no vigente, occupou importantes cargos, desempenhando-os sempre com o maximo criterio, intelligencia e austeridade.

TEATROS

♦ A semana que finda não foi como a antecedente, prodiga em novidades theatraes. Na sua totalidade, as peças que ora se representam nos diversos theatros da cidade são bem conhecidas do publico carioca e já foram devidamente apreciadas n'esta secção. Isso, porém, embora difficulte ao chronista assumpto para encher uma meia duzia de tiras de papel, com algumas novidades, não o impede, contudo, de se referir á interpretação das reprises, que vão conquistando francos applausos do publico. E assim começaremos pelo elenco da Companhia Lyrica Italiana, que cantou, ha dias, a bella opera de Verdi. Assás querida na nossa platea, que por vezes tem-na admirado, representada pelas companhias de nomeada, que aqui se tem exhibido, Otello teve na noite de terça-feira, uma interpretação digna dos maiores encomios. O principal papel da peça confiado ao actor Fassino, foi desempenhado com o ma-

ximo criterio, o que bem lhe valeu a manifestação entusiasta da assistencia: cantou com sentimento e paixão. A senhora Alloro encarnou o papel de Desdemona a contento geral, merecendo, com o protagonista, calorosos applausos. O sr. Ardito, por seu turno, fez um Yago, na altura do seu talento artistico. De resto, as senhoras Pagano, Ferraresi e Fiore concorrerão bastante para o successo da peça.

Triumpho identico ao do elenco da Companhia Lyra Italiana, tem alcançado os artistas da empresa dramatica Portuguesa, que trabalham no Apollo, com a graciosa Corally & Cia., uma das comedias francezas de mais espirito, leva das á scena este anno, no Rio de Janeiro.

Tambem merece justos elogios a Companhia A. de Miranda, que com a interessante revista portugueza «Não lhe Bulas», tem tido a chance, a transbordar. — Marcinillo.

POPE GAPONY

♦ O pope Gapony é um typo lendario. A sua figura tragicamente messianica, que a circumstancia do sacerdocio destacava ainda mais, conseguiu que se fitassem nella os olhos de toda a humanidade. Gapony morreu envolvido nas brumas do mysterio. Quem o matou? Ninguém sabe. Com versão de que foi assassinado pelos seus correligionários, que trahira; mas será certa essa versão? A Russia é uma terra tão extraordinaria, tão cheia de imprevistos, e a sua politica uma cousa intangível como o polo seu vizinho. Quem nos pode affirmar a veracidade do boato? O facto é que, de qualquer modo, elle se tornou francamente admiravel. Beleguim ou apostolo, a sua obra ficou, e lançou no solo arido da Russia a semente sanguinolenta da revolução. O pope Gapony fez alguma cousa. Seja a sua obra uma trahição ignobil, ou cheia de uma philanthropia martyrologica, o facto é que elle a realizou em parte, perante o mundo attonito, em uma prova singular de vontade. Gapony era um homem de intelligencia e de querer. E a gente, perante os factos, perante o que elle narra, e a accusação posthuma com que o atiram á ignominia, e á execração, duvida. Por que Talvez a sympathia que nos habituamos a nutrir por elle, nos faça repugnar a hypothese de trahição. As suas «Memorias», de que damos hoje um trecho, parecem entretanto sinceras e previnem despreocupadamente as accusações que agora lhe são feitas. Será astucia? Oh! nem assim mesmo elle seria um policia de grande merito e — beleguim ou apostolo, repetimos — a Russia perdeu um grande homem. Em todo o caso, Gapony morreu com valentia. A sua vida agitada, destes ultimos tempos, exigia um fim tragico, original, imprevisto. Elle o conquistou, e, quando o «rideau» pôe o ponto de admiração final na ultima scena de sua vida, o mundo inteiro, villipendiando-o ou enaltecendo-o, bate palmas a sua extraordinaria audacia.

→
O DOUTOR Afonso Pena, Presidente eleito da República, esteve visitando diversos Estados brasileiros, durante julho e agosto de 1906. Ei-lo, num grupo tirado em Caruaru, Pernambuco — cidade dos famosos irmãos Condé da Literatura atual. Quem sabe estará na foto algum antepassado dos endiabrados irmãos?...





Na Tribuna de Honra do Hipódromo, os Presidentes da Bolívia e do Brasil assistem às corridas em companhia do sr. Mário de Azevedo Ribeiro, Francisco Eduardo de Paula Machado, Celso da Rocha Miranda e Luiz Gallotti.

Noutro grupo, na Tribuna de Honra, o Presidente da Bolívia e sra. Hernán Silles Zuazo, o Presidente Juscelino Kubitschek, o presidente Mário de Azevedo Ribeiro, em companhia de ilustres damas de nossa sociedade.

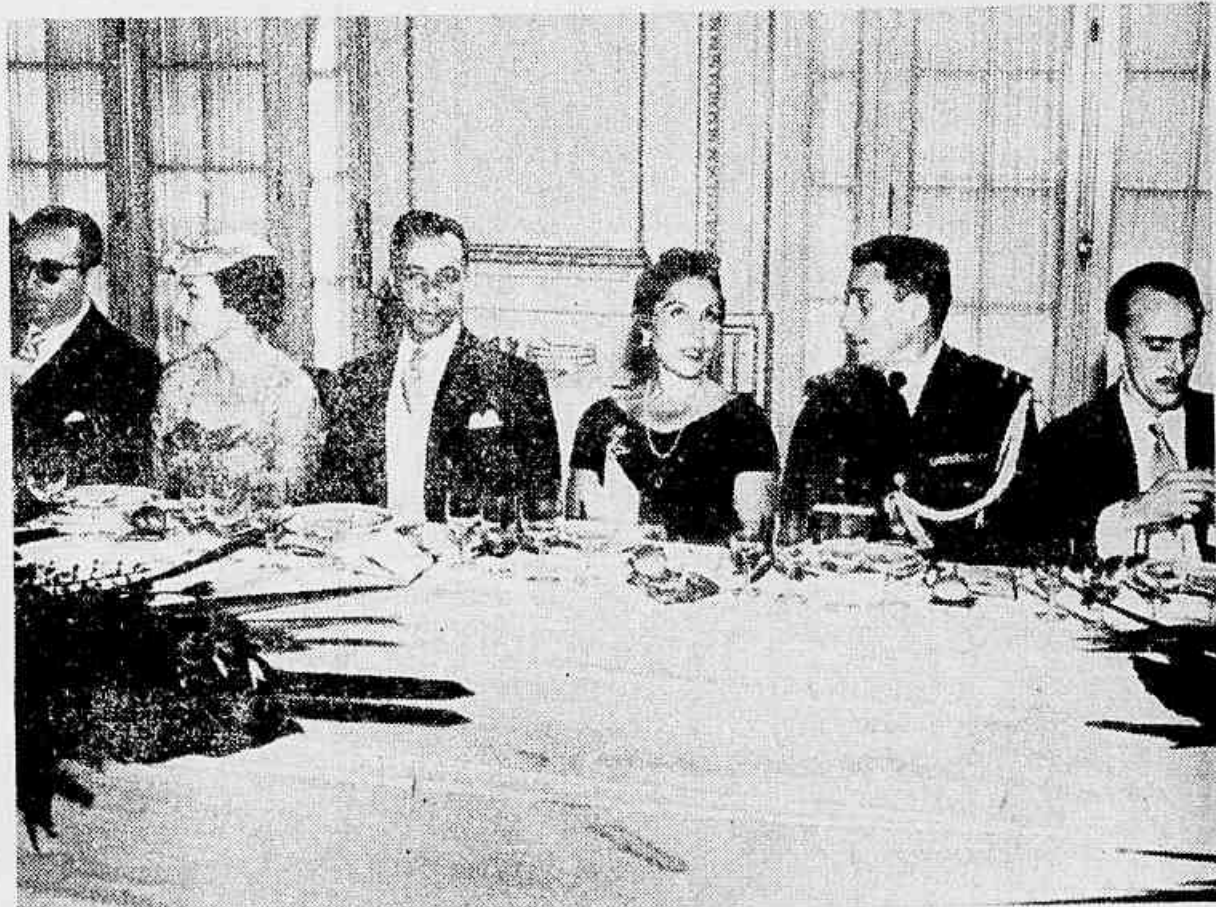
No Jockey Club Brasileiro

HOMENAGEM AO PRESIDENTE ELEITO DA BOLÍVIA

◆ Incluindo no programa oficial de homenagens ao presidente eleito da Bolívia, sr. Hernán de Silles Zuazo, o Jockey Club Brasileiro ofereceu ao ilustre hóspede um banquete no Salão das Rosas do Hipódromo Brasileiro, reunião que foi presidida pelo chefe da Nação, sr. Juscelino Kubitschek. Em torno do eminente estadista boliviano, o Jockey Club reuniu altas figuras da diplomacia e do governo. Ao champanha, trocaram eloquentes saudações o sr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente da aristocrática sociedade carreirista, e o embaixador da Bolívia, sr. Gutierrez Granier, que falou em nome do mais alto magistrado do seu país. O sr. Mário de Azevedo Ribeiro disse da honra que fora dada ao Jockey Club de homenagear o ilustre estadista sul-americano, com o honroso privilégio de ter a presidir a reunião o sr. Juscelino Kubitschek, que,

«como eminente chefe do governo demonstra, assim, os elevados desígnios da superior orientação que sabe imprimir aos atos dimanantes de sua inconcussa austeridade». Coube ao embaixador Gutierrez Granier responder à saudação, em nome do presidente Hernán de Silles Zuazo, ressaltando o papel do Jockey Club Brasileiro, «instituição que é a síntese, a expressão mais genuína da sociedade carioca, quicá da sociedade brasileira, porque o Jockey Club Brasileiro congrega a sociedade do Brasil.» Frisando ter sido essa uma das mais significativas homenagens recebidas pelo presidente boliviano entre nós, e depois de se referir ao papel do Jockey Club na obra de aproximação internacional, levantou sua taça em honra do presidente da República e do presidente e demais diretores do Jockey Club Brasileiro.

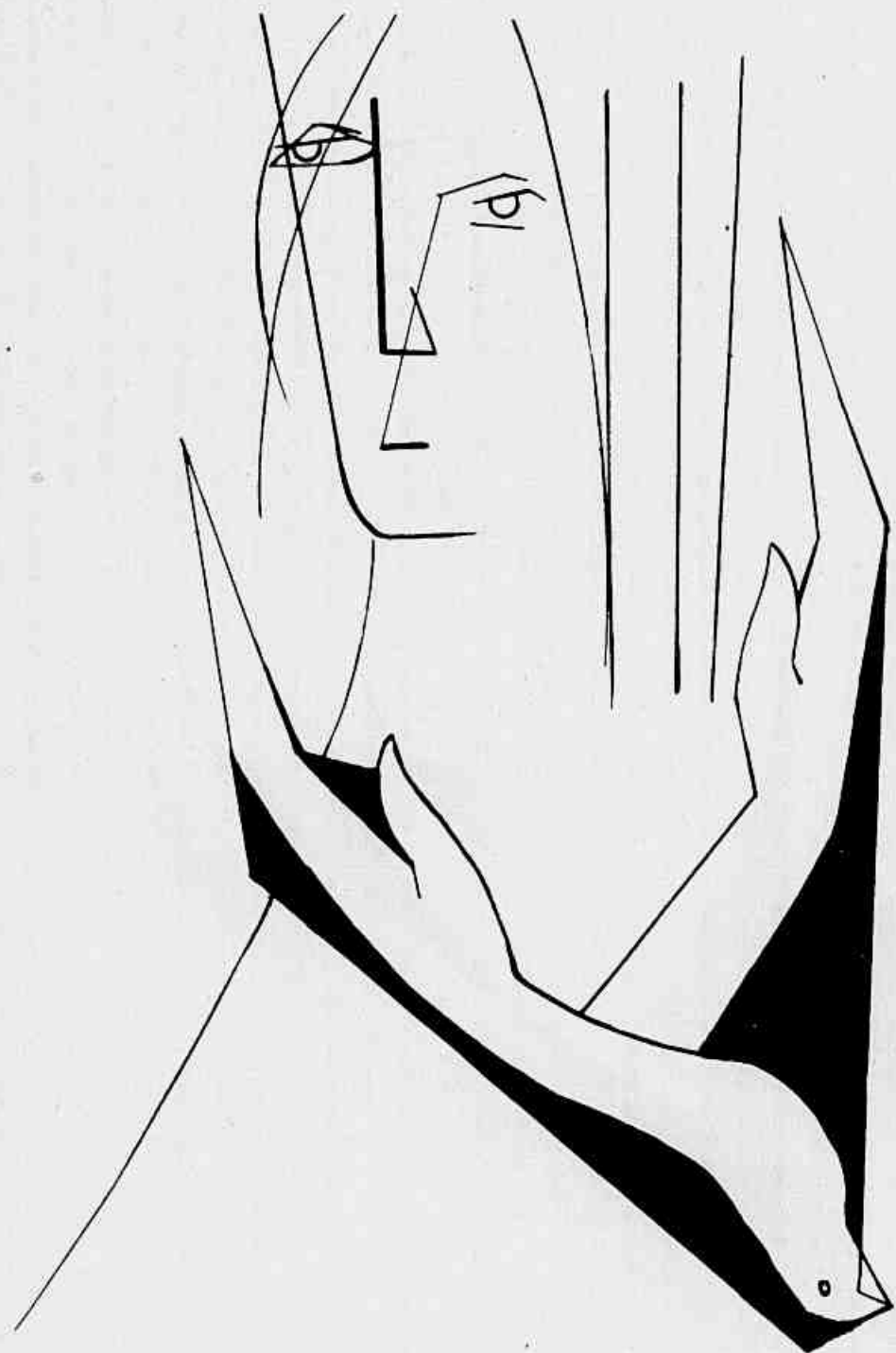
À mesa do banquete, o presidente Juscelino Kubitschek tinha à direita a sra. Hernán de Silles Zuazo e à esquerda o sr. Frederico Gutierrez Granier, enquanto o sr. Mário de Azevedo Ribeiro sentava-se entre o presidente Hernán de Silles Zuazo e a sra. gen. Júlio Prado. Seguiam-se o sr. Francisco Negrão de Lima, sra. Mário de Azevedo Ribeiro, gen. Nelson de Mello, min. Luiz Gallotti, sr. Francisco Eduardo de Paula Machado, gen. Armando Prudêncio, srta. Maria da Graça Sampaio, sra. e sr. Alvaro Lins, sra. e sr. min. Armando Trompowsky, sra. e sr. emb. Teixeira Soares, sra. e sr. emb. Carlos Martins de Souza, sra. e sr. gen. Floriano Peixoto Keller, gen. Júlio Prado, sra. e sr. Jorge Castilhos Marcondes, sra. e sr. Celso da Rocha Miranda, sra. e sr. Adayr Eiras de Araújo, e outros que escaparam às anotações do repórter.



À esquerda — Um aspecto do banquete no Salão das Rosas do Hipódromo Brasileiro, na grande tarde de 29 de julho. À direita — No banquete, o sr. Francisco E. Paula Machado entre as sras. Adayr Eiras de Araújo e A. Caringi.

Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE



POESIA

Soneto

*O campo que inventei para meus dias
É zona lúcida de sonho, zona
Em que decifrarei todos os signos
Mais obscuros e irreais. Dela disponho*

*Para a mágica e vêde que construo
Esta aurora de pétalas e o dia
Para uma floração perfeita. A lua
É um mito noturno que destruo.*

*O campo que inventei é solo aberto
À predestinação. Rendida a lua
Resta o cisne com sua alegoria,*

*Mas que cantos soarão além da nossa
Música agreste e toda a partitura
Em que renasce a paz e esta poesia?*

FOED CASTRO CHAMMA ★ Ilustração de QUAGLIA

LIVROS EM DESFILE

★ ACABA DE aparecer a segunda edição de «Os Flagelados», romance de Jesuino Ramos que, ao aparecer, foi efusivamente saudado por críticos da responsabilidade de Elói Pontes, por exemplo (Editôra Vecchi, Rio, 1956 — 195 págs.).

★ ABDIAS LIMA, escritor cearense, remete-nos «Crítica da Província — Primeira Série», de sua autoria. São ensaios sem grande fôlego. Um, o mais ingênuo de todos, leva o título de «História da Literatura Inglesa», e ocupa somente três e meia páginas do livrinho... (Edição do autor, Fortaleza, 1956 — 151 páginas).

★ O SEGUNDO romance de Françoise Sagan, a precoce autora de «Bonjour, Tristesse», acaba de ser vertido para o português, pouco após seu lançamento na França, por Maria de Lourdes Teixeira. Trata-se de «Un Certain Sourire», que na edição brasileira recebeu o nome de «Um Certo Sorriso» (Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1956 — 179 páginas).

★ A NOVELA «Sonata de Amor», de Claudionor Linhares, é uma história bisonha, cheia de lugares comuns, envolvendo pianistas e regentes. A capa, de F. Ramos, desencoraja qualquer leitor, mesmo valente (Edição do autor, Rio, 1956 — 91 páginas).

★ FRANCISCO ALEXANDRE, autor de várias obras jurídicas, edita «Naturalizados e Outros Aspectos da Nacionalidade», bom trabalho, onde se resume o Estatuto do Naturalizado, apontando-se-lhe direitos e obrigações, de maneira simples e objetiva. Na segunda e terceira parte do volume, trata-se da Nacionalidade, em geral, e muito especialmente do Mar Territorial e do Espaço Aéreo. Também o recente projeto da O.N.U. concernente à delimitação e conceituação do que sejam **mar territorial e espaço aéreo** vai aí reproduzido, e comentado (Coelho Branco Editor, Rio, 1956 — 242 páginas).

A Gioconda e o sr. Isarlo

O HISTORIADOR George Isarlo, de origem persa, mas de há muito radicado em França, acaba de lançar em livro o que já uma vez afirmou em artigo para uma revista especializada: o modelo tido por Leonardo da Vinci para a célebre tela hoje conhecida como «La Gioconda», no Louvre, era... um homem! Um rapazinho, amigo de Leonardo, o qual, por diversas vezes, teve a sua vida sentimental bisbilhotada pelos curiosos.

Temos em mão o livro em que George faz a leviana acusação. Leviana porque é ele mesmo quem nos afirma que foi levado pela simples intuição a formulá-la, sem que tivesse estribo em qualquer texto escrito ou fonte fidedigna. Teve a impressão de que a Gioconda era um rapazinho, e pronto. Publicou um primeiro artigo em revista, artigo que o órgão especializado «Sexology», dos Estados Unidos, logo reproduziu. Vieram depois as conferências em diversas cidades, e outros artigos, estampados em Paris, Viena, Nova York. Artigos baseados somente numa fugaz impressão. Que nada provam, nada significam.

A verdade é que «La Gioconda» sempre desconcertou os que dela se aproximam. Assim aconteceu conosco, face à obra famosa. Talvez por isso tantas lendas se inventem a seu respeito. A mais recente é a de Isarlo. O poeta Cendrars achava que o original da tela estava no interior de nossa Minas Geraes. Isarlo acha que o modelo utilizado por da Vinci pertencia ao sexo masculino.

Pela boca de Gioconda, Leonardo sorri de ambos.

PICASSO E OS LINOTIPISTAS

Não faz muito tempo, aqui mesmo na REVISTA DA SEMANA, na seção «Por Esse Mundo de Deus», foi publicada uma frase que muita dor de cabeça vem causando ao colunista: «O Decrépito pintor Picasso», etc. Desde que surgiu, até agora, as reclamações e os pedidos de explicação, por parte de leitores e conhecidos, não cessaram de aparecer. Como era possível que o responsável pela seção de Literatura e Arte da REVISTA não tivesse tomado qualquer providência, no sentido de evitar o horroroso sacrilégio? A questão seria dada como encerrada, se a ilustre cronista Eneida, mulher inteligente e de bom gosto, não tivesse em conversa com Celestino Silveira manifestado igualmente a sua estranheza em relação ao caso. Assim, de uma vez por todas, para Eneida e para todos aqueles que, exigindo esclarecimentos, deram uma prova excelente de bom gosto artístico, quero afirmar que estava escrito originariamente na legenda apenas «O Pintor Picasso», etc., e não como apareceu depois. Acontece que, para acertar uma linha, o linotipista encarregado de compor aquela matéria resolveu acrescentar, por sua conta e risco, uma palavra. Quatro sílabas seriam suficientes. E, entre tantas palavras de quatro sílabas, nosso homenzinho foi logo escolher o adjetivo fatídico: de-cré-pi-to... Lamentavelmente. Absurdamente. Temerariamente. Completando a sua linha, não há dúvida; mas cometendo um erro de julgamento que, francamente, deixa mal, do ponto de vista estético, toda a digna classe dos linotipistas...

A FOTO que motivou a legenda fatídica: Picasso, com a atriz Brigitte Bardot, junto a algumas esculturas recentes.



LETRAS MUNDIAIS

FRANZ TAMAYO, considerado por muitos o maior poeta boliviano de todos os tempos, acaba de morrer, em seu retiro das montanhas, próximo a La Paz. Contava setenta e sete anos, e deixou uma obra grande pela qualidade e pela quantidade. Formava, com Ricardo James Freyre e Gregório Reynolds, o trio da Poesia Contemporânea da Bolívia.

♦

ANDRÉ MALRAUX, voltando de uma breve excursão à Suécia, declarou aos jornalistas que o Prêmio Nobel de Literatura de 1956 seria atribuído a... André Malraux! A notícia vem despertando comentários desfavoráveis ao conhecido escritor francês.

♦

PAUL FORT, último poeta do velho grupo simbolista francês, acaba de contrair matrimônio, aos 84 anos de idade, com a proprietária do histórico café «Closierie des Liles», que frequentou quarenta anos seguidos. Paul Leautaud, que não gostava de Paul (nem de ninguém), costumava dizer que alimentou, durante muito tempo, uma cabra de sua propriedade com páginas dos livros de Fort. Segundo Leautaud, era a única utilidade da poesia do simbolista...

NOTAS & INFORMAÇÕES

NA BIBLIOTECA Nacional, o gravador Poty apresenta as ilustrações que fez para a linda edição «Canudos», de Euclides da Cunha, feita pelos Cem Bibliófilos.

O PRÊMIO Sul América do ano vindouro (cem mil cruzeiros) será concedido ao autor do melhor ensaio sobre «O Teatro no Brasil».

SÍLVIO MOREAUX, poeta e radialista, faleceu há algumas semanas, com pouco mais de cinquenta anos de idade. Era o idealizador do programa «Música e Poesia», da Roquette-Pinto, e muito fez pelas jovens vocações artísticas.

EM ENTREVISTA concedida ao «Jornal de Cultura», recentemente aparecido em João Pessoa, na Paraíba, o romancista José Lins do Rêgo (que presentemente encontra-se na Europa) afirmou que seu discurso de posse na Academia será qualquer coisa de inédito: não pretende falar de seu antecessor, porém unicamente do patrono da cadeira, Junqueira Freire, a quem classifica de «Poeta de fôlego comprado». José Lins do Rêgo sucede, na Academia Brasileira de Letras, a Ataúlfo de Paiva. E o que iria ele dizer, de bom ou de ruim, sobre o escritor Ataúlfo de Paiva?

GILBERTO FREIRE está na Europa, pronunciando conferências e palestras, pela Inglaterra, Holanda e Alemanha. Em meados do corrente, participará, em Amsterdam, da Conferência Internacional de Sociólogos que ali se realizará.

O CLUBE de Poesia de São Paulo tem nova diretoria, assim constituída: Presidente — Domingos Carvalho da Silva; vice-presidentes — Lêdo Ivo, Mauro Mota e Antônio Rangel Bandeira; secretário-geral — Péricles Eugênio da Silva Ramos; secretários — Afonso Dávila, André Carneiro; tesoureiro — Renata Pallotini; diretor de cursos — Antônio D'Elia; diretor de edições — Milton de Godoi Campos; diretor de intercâmbio cultural — José Paulo Moreira da Fonseca; Conselho Deliberativo — Cassiano Ricardo, Edgar Braga, Ciro Pimentel, J. Pinto Nazário, Jamil Almansur Hadad, Mário da Silva Brito, Geraldo Vidigal, Aluísio Medeiros, Afrânio Coutinho, João Francisco Ferreira, Carlos Burlamaqui Kopke, Bueno de Rivera, João Accioli, Geir Campos e Rossini Camargo Guarneri.

OSVALDO ORICO andou gastando uma fortuna, porém suas Obras Completas, editadas por sua conta e risco, fi-

carão verdadeiramente uma beleza...

LÊDO IVO traduziu para a Civilização Brasileira «Les Illuminations» e «Une Saison en Enfer», de Arthur Rimbaud. Será essa a primeira edição brasileira de «Illuminações». A «Estação no Inferno» já mereceu uma tradução de Xavier Placer, publicada nos Cadernos de Cultura, de Simeão Leal.

EM JUNHO do corrente, a revista espanhola «Mundo Hispanico» publicou um resumo castelhano de «A Seara de Caim», de Rosalina Coelho Lisboa, sob o título «Las Siembras de Cain».



ALMÔÇO

DE DEIXAR ÁGUA NA BÔCA



Frank Vanderbloenker, um guarda-vidas da Flórida, teve uma idéia singular: convidou algumas garôtas, e lhes ofertou um almoço submarino.

❶ FRANK VANDERBLOENKER é um guarda salva-vidas da praia de Flórida, nos Estados Unidos. Tipo simpático, possuindo grandes amizades, mormente entre as pequenas. Pois bem: o bicho fêz anos. E para comemorar condignamente o acontecimento, resolveu oferecer às suas relações femininas (e que relações, puxa!) um almoço. Até aí, nada de extraordinário: todo mundo faz anos, ao menos uma vez em cada trezentos e sessenta e cinco dias (os Reis e Imperadores costumam fazer duas, uma para a família, outra para o Estado — maneira prática de duplicar os presentes...), e dos aniversariantes, alguns, os menos pão-duros, ou os mais abonados, gostam de oferecer aos amigos um grude, na grande data. O interessante é a maneira pela qual Frank, que decididamente tem uma aduela de menos, resolveu organizar a sua festa: debaixo d'água, a alguns metros de profundidade, sob as ondas volumosas do mar da Flórida. Na hora combinada, os convidados de Frank (melhor dizer logo **as convidadas**, porque barbado não come às custas do rapaz...) compareceram devidamente trajados para a ocasião, quer dizer, de maiô e olhe lá. E ainda tiveram de fazer força: pegaram tôdas a mesa, e depois de arrumá-la, tal e qual se usa fazer aqui mesmo na superfície, desceram com ela até seis metros de profundidade. Aboletaram-se em cadeiras que também haviam levado, e principiou a estranha celebração.



Antes do almoço, os próprios comensais carregam a mesa para o fundo do mar. Dizem que a feijoada estava bastante aguada...

DE DEIXAR ÁGUA NA BÔCA



Fornecido assim debaixo d'água, o pão nosso de cada dia assume um aspecto estranho. Enfim, os tempos não estão para reclamações.

Não houve velinhas nem bolo de aniversário, é claro — que Frank Vanderbloenker é homem sério, e não gosta dessas infantilidades. Mas comida não faltava: nem bebidas, como facilmente se pode imaginar. Antes de levarem à boca (sabe lá com que dificuldade) os pedaços de um peru formidável, que nunca pensou, em vida, que depois da morte transformar-se-ia em uma espécie de peixe, os comensais fizeram suas preces, dentro das mais aplaudíveis tradições cristãs. Frank sabe que o "pão nosso de cada dia" deve ser agradecido Àquele que o propicia, mesmo que consumido debaixo d'água... As jovens que

De vez em quando, os pratos e os alimentos querem voltar à superfície.

Epa! Como é possível tomar-se um





Depois de feitas as orações, vamos ao almoço. Quer me fazer o obséquio de passar um pedacinho de peru?

tomaram parte na festa de Frank são tôdas modelos profissionais, e trabalham em lojas especializadas em maiôs e artigos para a praia. Tôdas nadam melhor do que andam, de modo que não devem ter estranhado, por êsse lado, a esquisita comilança. Quanto a Frank, há precisamente quinze anos que passa mais de dois terços de seus dias na praia, dentro d'água ou de papo pro ar, em plena areia. A coisa, foi, assim, uma espécie de festinha íntima entre grandes amigos do mar. Ninguém se afogou, ninguém teve indigestão de líquidos. Os peixes arregalaram os olhos. E o próprio Netuno telegrafou ao aniversariante.

cafézinho debaixo de tôda essa água?

Depois de um bom almoço e de um café excelente, nada melhor do que um charutinho...



A qualquer hora
do dia
ou da noite
a

RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

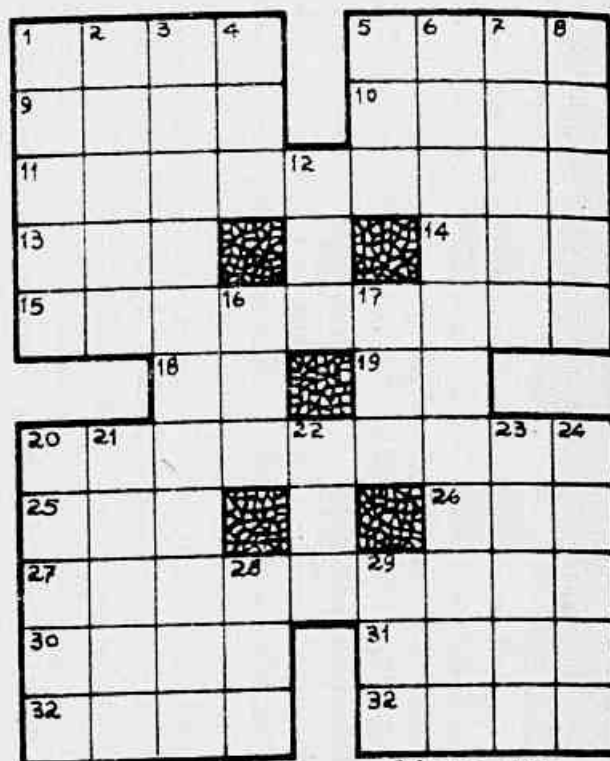
Record

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 132

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Unidade fundamental da falange macedônica — 5. Marisco do Cabo Verde e do Senegal (pl.) — 9. Irritar — 10. Camarão — 11. Que tem má vontade contra alguém (pl.) — 13. Gênero de orquídeas — 14. Interjeição para mandar parar — 15. Homem muito sabedor (pl.) — 18. Símbolo do metalóide líquido de peso atômico 79,916 — 19. Nome de uma sacerdotisa de Juno, seduzida por Júpiter — 20. Repugnante — 25. Grande oásis do Saara — 26. Espécie de sapo — 27. Cônego que tem o ônus do ensino — 30. Espécie de boi selvagem (pl.) — 31. Pasta de cêra e pó de sementes com que os Parecis se pintavam para as cerimônias e festas — 32. Que não tem nada escrito — 33. Nome de homem.

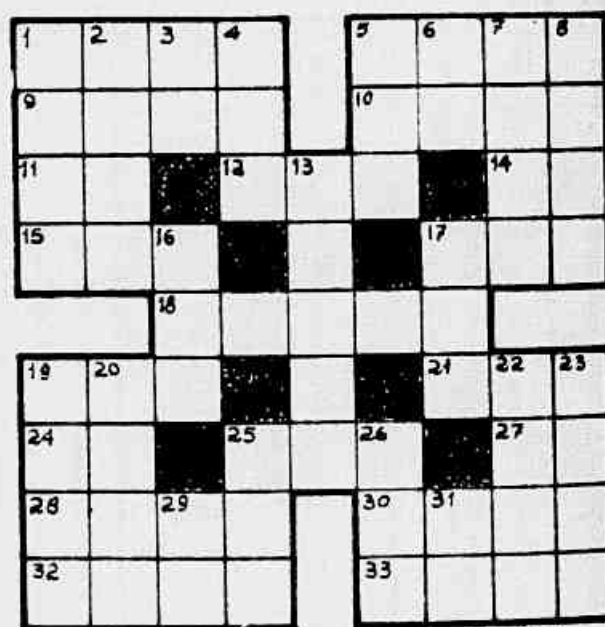


Q. Tanaka - Rio

VERTICAIS: — 1. Temperar com azeite e limão — 2. Indivíduo pouco sensato — 3. Trocadilhos — 4. Peça — 5. Crustáceo branquiópode — 6. Cobardia — 7. Vá-se embora — 8. Prudência (pl.) — 12. Baixos — 16. Gênero de plantas leguminosas — 17. Amuleto dos negros malês — 20. Nome de homem — 21. Gemera — 22. Mi-sustenido na nomenclatura alemã — 23. Convivência — 24 (Leonardo), Matemático alemão — 28. Prefixo que exprime igualdade — 29. Comprimento do estôlo necessário para a confecção de um quimono, no Japão.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Carta geográfica — 5. Rosto — 9. Irritar — 10. Rezar — 11. Graceja — 12. Geminados — 14. Símbolo químico do rádio — 15. Rio da Suíça — 17. Colorido — 18. Venera — 19. Dificuldade — 21. Estudar — 24. 5º mês dos hebreus — 25. Sofrimento — 27. Perversa — 28. Leito — 30. Vazias — 32. Querer bem — 33. Sem rugas.



-Por que preciso fazer um Seguro de Vida?

Será este
o seu
caso?

O Sr. José Palhares tem grandes responsabilidades de família. A situação que hoje desfruta é o prêmio exclusivo do seu trabalho pessoal e do seu enorme esforço. Entretanto, o Sr. Palhares não possui qualquer espécie de seguro. Argumenta êle: "Não tenho interesse em segurar-me, porque, se puser de lado, todos os anos, as importâncias que deverei pagar em prêmios de seguro, chegarei um dia a ter quantia igual ou superior à que seria paga à minha família, depois de minha morte."



- Se êste é o seu caso

o Sr. deve fazer um
Seguro de Vida:

- 1** PORQUE o Sr. realizará *imediatamente* aquêlê sonhado pecúlio, e não daqui a anos, sem correr o risco de desaparecer sem completá-lo.
- 2** PORQUE o seguro de vida não é "emprego de capital", mas a cobertura de um risco, que o Sr., como todo homem, corre a cada instante.

- 3** PORQUE em meio a tantas incertezas que atormentam seu futuro (a incerteza da duração da vida, da conservação da saúde, da capacidade de ganho, da estabilidade dos negócios, etc.) só o seguro de vida representa uma garantia infalível.

A' SUL AMERICA - Caixa Postal 971 - Rio de Janeiro

Desejando conhecer outros detalhes da organização "SUL AMERICA",
peço enviar-me publicações sobre o assunto.

Nome
Data do Nasc.: dia mês ano
Profissão Casado ? Filhos ?
Rua n.º Bairro
Cidade Estado



O Seguro de Vida
é a Solução Ideal e Imediata
do seu problema

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
FUNDADA EM 1895



AOS CINQUENTA anos de idade, Marlene Dietrich é esta mulher bela e sensual que a fotografia apresenta. Circulam boatos de que Marlene estaria enamorada pelo ator cinematográfico italiano Vitorio de Sica.



DE BIGODEIRA vasta, o jovem duque de Kent, espécie de ovelha negra da família real inglesa, aqui aparece num cabaré londrino. O duque que já completou vinte anos, não tem nenhum pinga de juízo.

POR ÊSSE MUNDO



DURANTE A CORRIDA de motocicletas de Tourist Trophy, nos Estados Unidos, a máquina do corredor J. R. Clark derrapou sensacionalmente, atirando-o por terra. Um fotógrafo amador colheu essa foto pitoresca.

A MARQUESA Masei, da alta aristocracia italiana, resolveu fundar um asilo para a infância (canina) desvalida. Já adotou nada menos de 40 «órfãos».



GINA Lollobrigida, que não faz muito cantou uma ária da Tosca em um filme, agora estuda ballet, para fazer a cigana Esmeralda.



SUSAN HAYWARD e Van Johnson, juntos à senhora Edward G. Robinson. Ao fundo, um Van Gogh e um Renoir da coleção de pintura do grande ator cinematográfico, coleção que o recente divórcio fez dispersar.

DE DEUS

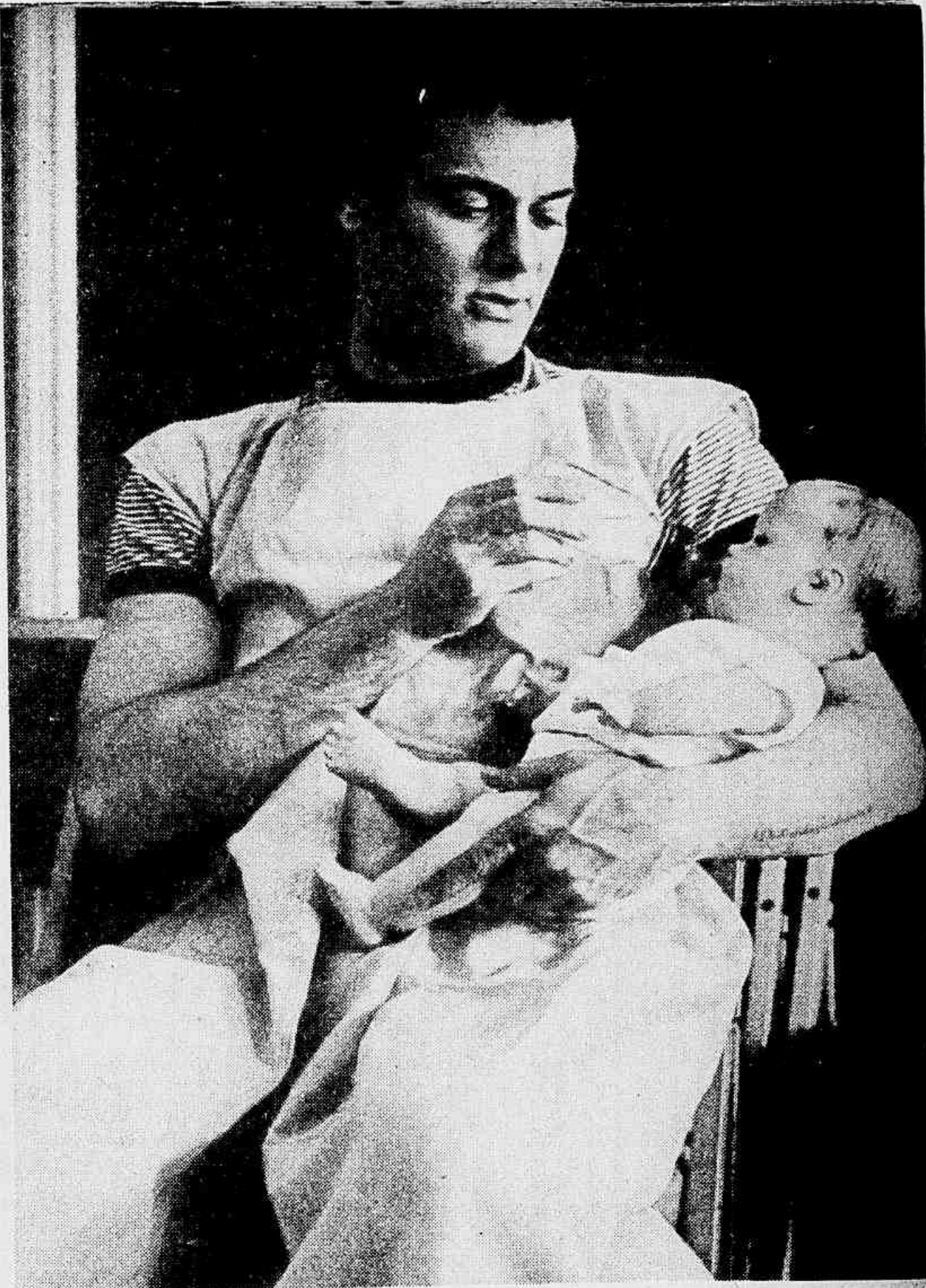


A PRINCESA BEATRIZ, da Holanda, talvez com medo de tantos comentários que ultimamente cercam o trono neerlandês, foi passar as férias em Roma. Aqui nesta fotografia podemos vê-la em seu luxuoso hotel.



FOI UM custo convencer a essa mulher, Melrose Sherman, de que as surras que o marido lhe dá não eram motivo para um suicídio no rio Hudson.

O ANJO de Dien Bien Phu, a enfermeira francesa Genevieve de Galard, casou-se com um capitão do exército. Na fotografia, o Anjo e o Marmanjo.



TONY CURTIS tendo o filho ao colo. O ator americano é casado com a estrêla Janet Leigh, e a criança pesa cêrca de três quilos. Pela fotografia, quase diríamos que Tony foi mãe, em outra encarnação...



QUE É UM LUTERANO?

Por G. ELSON RUFF

Redator-Chefe da Casa Editora da Igreja Luterana — Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

EM 31 de outubro de 1517, havia um único protestante no mundo inteiro: chamava-se Martinho Lutero. Poucos anos depois, porém, já existiam alguns milhões. A grande explosão chamada ordinariamente de Reforma seccionou a Igreja em inúmeros segmentos. A Igreja Luterana é um deles.

Lutero foi um sacerdote católico, que amava sua Igreja, e que não tinha a intenção de dela separar-se. Porém, protestou em altos brados contra a venda das indulgências, levada a efeito pela Igreja Católica. Dizia-se que o pecador podia, adquirindo mediante dinheiro as denominadas indulgências, reduzir o tempo que sua alma teria de se penitenciar no purgatório. Lutero tinha lido, nas Escrituras, que o perdão do pecado foi prometido, por Deus, através da fé, segundo o testemunho trazido por Cristo. Foi essa a idéia central das críticas feitas por Lutero à Igreja de Roma. Cedo a ruptura entre ele e o Papa se manifestou.

Os Luteranos não seguem qualquer doutrina que se afaste um mínimo que seja dos ensinamentos cristãos descritos no Novo Testamento, e sumarizados no Credo dos Apóstolos. Fomos todos criados por Deus, porém utilizamos a liberdade que Ele nos concedeu para desobedecê-lo. O resultado é a grande tragédia que é a vida humana. Porém, Deus não nos abandona nesta tragédia: Ele vela por nós.

Na figura de Cristo, Deus manifestou-se como um Salvador, sofrendo punições e mesmo a morte, de modo que, quando ressuscitasse, todos nós ressuscitássemos, com Ele. Através da fé em Cristo, uma vida nova começa para nós. É alimentada pelos dons de Cristo, através de Suas Palavras e Sacramentos. A palavra Divina está gravada na Bíblia, porém, em si mesma, ela é uma coisa viva, uma coisa ativa, a nós propiciada pelo Espírito Santo, a fim de nos fortalecermos em fé e em sabedoria.

Será impossível ouvir-se da boca de um Luterano a frase: «Não importa a maneira pela qual você crê: o que importa é como você vive». Não: os Luteranos pensam que o modo de viver muito depende do modo de crer.

De vez que o Luteranismo originou-se da intensa experiência de salvação através da fé, de Lutero, já foi bastante notado o fato de que a fé é parte essencial da religião luterana. Assim, os Luteranos acentuam a importância da doutrina, mais que qualquer outro ramo protestante. Insistem na educação rigorosa de seus pastores, e antes de enviá-los para pregar nas igrejas, por longos e longos anos fazem com que aprendam, até nas menores minúcias, a própria fé cristã. Mas o Luterano desconhece proibições, pois acha que a vida cristã se coordena mais como o amor a um Pai Amoroso, do que o temor a um Senhor Implacável. A vida luterana deve ser altamente virtuosa, independentemente de regras e de regulamentos. E é nisso, justamente, que o luteranismo se diferencia das outras religiões.

De vez que Lutero foi um sacerdote católico, antes de ter sido excomungado pelo Papa, é natural que o luteranismo não seja tão drástico, no rompimento com o culto à maneira católica, como o protestantismo de outros reformadores: sempre restou, em Lutero, muito do sacerdote católico. É verdade que o culto luterano é uma espécie de culto católico simplificado, e pôsto ao alcance da compreensão do povo, e na própria língua do povo, não mais em latim.

Os Luteranos observam todas as festas do calendário tradicional cristão. Nas suas igrejas, têm altares, a cruz, candelabros, vestimentas e todo o equipamento do culto — a ponto de os outros protestantes os considerarem «católicos demais». Eles, os Luteranos, admitem que tais formas de liturgias não sejam essenciais, mas sabem que são valiosas, porque são belas, e porque, através delas, mergulhamos na experiência da família de devotos cristãos de todos os tempos.

A música luterana é mundialmente conhecida, bastando citar, aqui, as composições inextinguíveis de Johann Sebastian Bach.

Lutero possuiu inúmeros defeitos. Tinha, por exemplo, um temperamento violento, e muitas vezes ofendia, intempestivamente, seus oponentes. Quando prenado contra a parede, chegou a firmar diversos compromissos que ninguém, hoje em dia, de são espírito defende. O próprio Martinho pedia a seus seguidores que não se denominassem de Luteranos. O nome foi dado pelos inimigos de Lutero a seus seguidores, a fim de anatematizá-los. Eles mesmos se denominavam de Evangélicos — os que acreditam no Evangelho.

Os defeitos de Lutero não impedem que todos os luteranos da atualidade considerem o monge dominicano como um dos maiores educadores e reformadores religiosos que já apareceram. Suas idéias, em grande parte, ainda são atualíssimas hoje em dia. E, sobre seus pensamentos,

comentando-os ou desenvolvendo-os, muitos estudiosos escrevem, todos os anos, dezenas de livros. Ninguém, porém, o venera como santo, coisa que o valha — ao contrário do que apregoam alguns inimigos do Luteranismo.

Quanto à pergunta sobre se os Luteranos veneram algum santo, preciso ressaltar que cada cristão é um santo. No Credo dos Apóstolos a Igreja não é chamada de «Comunhão dos Santos»? Um santo não é um ser perfeito, porém alguém que, tocado pela graça divina, progrediu em santidade. Cada cristão é também um pecador até ao último dia de sua vida. Mesmo que se chame Pedro, ou Paulo. Os Luteranos veneram apenas a Deus. Não rezam à Virgem Maria ou a quem quer que seja — mas somente a Deus.

O pecado é a situação de todos aqueles que desobedeceram a Deus. Não é, especificamente, o mal (esse é a consequência do pecado), mas a condição básica de nossa personalidade. É de nossa própria condição humana o transformarmos nossas próprias vidas em escopo de nossa existência, ao contrário dos desígnios divinos. Pecar significa, pois, ousar pensar que somos iguais a Deus. É recusar-se o homem a aceitar a restrição de nossa liberdade, consequência sem escapatória do fato de que todos fomos criados unicamente para fazer o bem e realizarmos a vontade do Senhor. Já na história antiga está retratado o fato, no episódio de Adão e Eva no Jardim do Eden. Adão e Eva não estavam satisfeitos com a posição que lhes tinha sido concedida por Deus — queriam comer do fruto de determinada árvore, a ver se alcançavam ser iguais a Deus.

Como encaram os Luteranos a salvação dos homens?

Nenhum homem pode escapar, por suas próprias forças, da condição de pecador que é a sua própria, assim como nenhum naufrago pode, nadando, atingir as areias alvas de uma praia, se se encontra perdido no meio do oceano. O que podemos fazer, nesse caso, é desejar a salvação. E até mesmo o desejo de salvação é proporcionado apenas por graça de Deus. Em outras palavras: os Luteranos reconhecem a fraqueza humana, e sabem que apenas por dom divino é que podemos todos alcançar a salvação.

Foi a situação do próprio Lutero, durante sua longa «noite escura da alma», quando, monge ainda, buscava realizar todas as coisas que, segundo o catolicismo, levam à salvação. Descobriu, quando tentava salvar-se a si mesmo, que o Deus misericordioso e justo só poderia salvá-lo e mais ninguém, através da fé em Cristo. Pudessem os homens se salvarem pela obediência a leis e regulamentos, e todos salvar-se-iam por si mesmos. Mas não: os Luteranos sabem que só a Graça conduz à salvação.

Lutero chegou à conclusão de que o sacrifício de Cristo, morrendo pelos homens, foi o suficiente para redimir-nos a todos. Por isso, o sacrifício da Missa, católico, não tem sentido para os Luteranos. A Comunhão, segundo os ensinamentos de Lutero, é um encontro entre o fiel e o Senhor vivo, o qual está em verdade presente na Sagrada Comunhão, a fim de perdoar os pecados e renovar a vida espiritual dos crentes. Nenhuma mudança na substância do pão e na do vinho ocorre, porém.

Foi esse ensinamento, talvez, o mais radical de quantos propiciou a Reforma. Atacou toda a estrutura da Igreja Católica, que se diz um tesouro espiritual ajuntado pelo merecimento de missas celebradas e milhares de anos e em milhares de lugares, e vibrou-lhe outro golpe considerável ao pregar o «sacerdócio de todos os crentes», isto é, afirmando que cada homem podia chegar livremente até junto a Deus, sem necessidade de intermediários.

Lutero acreditava que, no Batismo, o homem nasce para o reino dos céus, tornando-se um herdeiro da salvação. É o início da vida de fé, durante a qual, a cada dia «a natureza humana deverá ser destruída e contrariada pelo arrependimento e pela dor, de modo a que os pecados e o mal sejam destruídos, e um novo homem surja, capaz de viver na presença de Deus em pureza e retidão, para sempre» (Lutero, «Queno Catecismo»).

Os cinco sacramentos restantes da Igreja Católica, nenhum é aceito por Luteranos, de vez que não foram estabelecidos por Cristo.

A confirmação, o casamento e a ordenação do clero são ritos eclesásticos aos quais não está ligada uma única promessa divina. A penitência é desnecessária, porquanto Deus afirmou que o perdão dos pecados se concedido totalmente a quem solicitá-lo, movido pela fé; não existe nenhuma dívida a saldar «do outro lado», em algum purgatório. E a extrema unção, que é untar de óleo a testa e outras partes do corpo dos doentes, ao mesmo tempo em que fórmulas sacras são pronunciadas, é uma boa terapia cristã, mas não uma exigência das Sagradas Escrituras.

(Continua no próximo número)



ELIZABETH GASPER, A ALEMÃOZINHA, JÁ PASSOU POR MAUS MOMENTOS, ATÉ CHEGAR AO BRASIL E «ABAFAR» COMPLETAMENTE.

OS RUSSOS PERDERAM ESSE MATERIAL

OS FREQUENTADORES de espetáculos noturnos não de conhecer, certamente, a figura encantadora de Elizabeth Gasper, que tendo começado a fazer, entre nós, cinema, logo foi contratada para figurar no elenco de "Banzo Aiê", no Night and Day, e agora se exhibe na boite Beguin. Poucos, porém, saberão a história de Elizabeth, história que começou de maneira triste, às voltas com as peripécias da guerra, para depois transformar-se num verdadeiro conto de fadas, com "happy end" e tudo. Elizabeth nasceu na Alemanha, porém, quando seu país declarou guerra à União Soviética, encontrava-se na Polônia. Ali foi aprisionada, com toda a família, e remetida para um campo de concentração na gélida e longínqua Sibéria. Foram cinco anos de sofrimentos, que a menina suportou penosamente.

ELIZABETH VEIO DA ALEMANHA

• UM DIA, quando ainda se encontrava prisioneira, a menina Elizabeth, tombada por terra de inanição, foi dada como morta pelos soviéticos, e lançada a uma vala comum. Ao voltar de trabalho forçado, seu pai, e mais um médico amigo, também prisioneiro, ouviram a notícia e não se conformaram. Procuraram pacientemente, por entre as pilhas de mortos, até que encontraram o corpinho da garôta. Com fricções nos pulsos e tapinhas nas faces, conseguiram reanimá-la. Foram dias de angústia e de terror, que nem convém estar a reviver. Depois veio a repatriação dos detentos, e Elizabeth Gasper seguiu para Berlim. Numa noite de trevas, ela e os pais, burlando a severa vigilância das sentinelas russas, atravessaram para a zona americana da Alemanha. Dali, para a obtenção de um passaporte, e viagem ao Brasil, foi um salto apenas, embora dado sobre um oceano...





ELA PRIMEIRO foi modelo profissional, depois fez cinema, e em seguida exibiu-se em «boites». É bastante alta, bonita e ainda por cima inteligente. Dizer que os russos perderam àsse material...

● LOURA, ALTA, com um rostinho que é uma mistura de ingenuidade e malícia. Elizabeth no Brasil cedo impressionou os proprietários de lojas comerciais. Foi ser modelo profissional — e numa loja é que foi procurada, certa tarde, por um diretor da Atlântida que lhe oferecia um contrato no cinema. Aceitou. E filmou "Escola de Brotos", que ainda não foi exibido. Depois surgiram as "boites". Carlos Machado levou-a para o Night and Day. E só Deus sabe até onde conseguirá chegar. É uma jovem bonita e inteligente. Tem todo um futuro à sua frente. Mas o passado ainda lhe pesa. Quando lhe perguntam quais são os seus planos, ela responde invariavelmente: "Primeiro, comprar uma casa para a minha mamãe; depois... depois, uma boneca bem grande, para mim... O senhor sabe, eu nunca tive uma, em minha vida e ainda está em tempo..." (Ektachromes de ALBERTO FERREIRA).

O PRIMEIRO GOVERNADOR DEPOSTO

EDUARDO TOURINHO

NETO de Salvador Corrêa de Sá e filho de Martim de Sá, o general Salvador Corrêa de Sá e Benevides nasceu no Rio de Janeiro em 1594 e morreu em Lisboa em 1 de janeiro de 1688. Pertencendo a uma das mais poderosas famílias do Brasil colonial, teve uma existência a que fortuna, triunfos, honrarias tornaram notável. Náutico e guerreiro, daqui partiu em 1625, conduzindo reforços para a defesa da vila do Espírito Santo sob ameaça de ataque dos holandeses. Em seguida, dirigiu-se à Cidade do Salvador e assistiu à capitulação dos flamengos.

Filipe III nomeara-o almirante do Mar do Sul e general das tropas destinadas a combater os Calchaquis de Tucuman. Lá, empenhou-se em sucessivos vitoriosos combates e, num encontro, foi doze vezes frechado. Mas, em 1634, aprisionou o cacique Chumai, submeteu o povoado de Suiquil e — no ano seguinte — ganhou a batalha de Paclingasta. Baltazar Lisboa — nos ANAIS — ocupa-se desses sucessos. Por três vezes governou a Capitania do Rio de Janeiro: 1637 a 1643; 16 de janeiro a 12 de maio de 1648; 4 de outubro de 1659 a 29 de abril de 1662. Quando fora da administração, comandou esquadras que navegaram entre o Rio de Janeiro e Lisboa.

Coube-lhe no ano de 1648 dirigir a expedição aqui formada para a expulsão de Angola. Compuseram-na quinze navios: seis fretados no porto do Rio de Janeiro; quatro, fornecidos por Sá e Benevides; cinco, enviados da Bahia pelo conde de Vila Pouca de Aguiar. As tropas de desembarque — aqui alistadas — somavam novecentos homens.

A 12 de maio deixa a esquadra a Guanabara e a 15 de agosto aporta nas proximidades de S. Paulo de Loanda. Salvador e seus homens de armas marcham sobre o forte de Santo Antônio — que os flamengos evacuam — e penetram na cidade. Com a artilharia colhida na praça forte conquistada e mais quatro peças providas das naus, assedia a fortaleza do morro de S. Miguel. Repellido no primeiro assalto, tem cento e sessenta e três homens mortos e cento e sessenta feridos. Mas não abandona a posição em frente do forte. No dia seguinte — quando se preparava para outro assalto — o inimigo capitula.

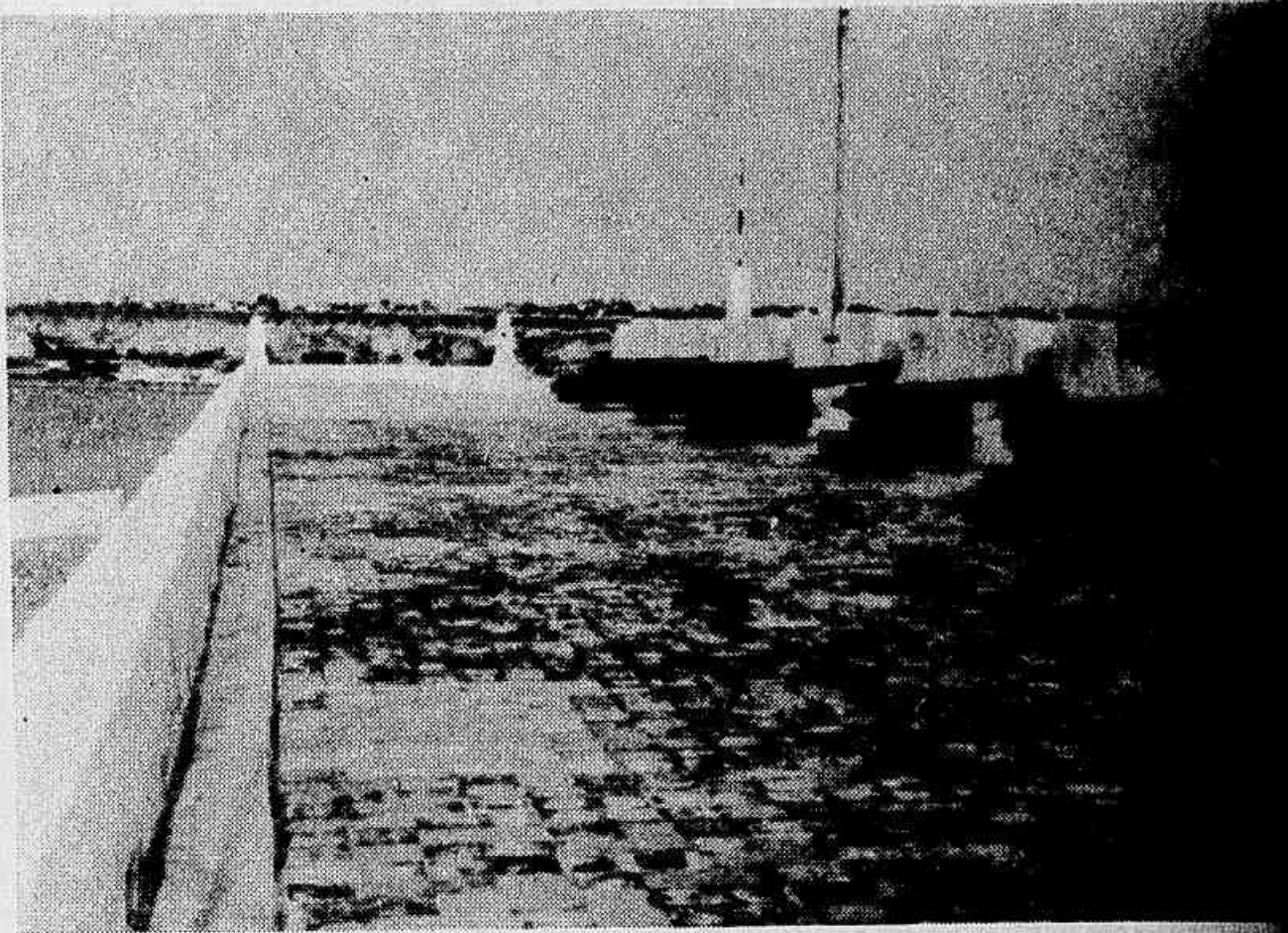
—o—

♦ A 3 de janeiro de 1637 — conforme a carta de Filipe IV — toma posse do governo do Rio de Janeiro. Em 1641, D. João IV — rei de Portugal pela Restauração — confirma-lhe a patente. Mas como administrador das minas, um ano depois — 19 de março de 42 — ausenta-se da cidade deixando, interinamente, à frente da administração a Duarte Corrêa Vasques. Regente de Portugal na minoridade de Afonso VI, a rainha D. Luísa nomeia, novamente, Salvador Corrêa de Sá e Benevides para governar a Capitania fluminense. Deixa Lisboa, toca na Bahia e a 18 de outubro de 1659 assume o cargo.

Mas — ao cuidado da administração das minas — segue pouco depois para S. Paulo. Mal desembarca em Santos, tem notícia de que o substituto que deixara — Tomé Corrêa de Alvarenga — fôra deposto pelo povo amotinado diante da cobrança de mais um novo tributo.

—o—

♦ Na propriedade dos Barbalhos — na Ponta do Bravo, em S. Gonçalo — arquitetara-se a revolta. A 30 de outubro de 1659, representantes do



A antiga fortaleza de São Miguel, em Loanda, hoje Museu e Arquivo, é conservada com as características das velhas lutas que fizeram correr, ali, sangue brasileiro. E os velhos canhões em repouso, são as testemunhas mudas daqueles tempos.

povo exigem do governador interino a suspensão do novo imposto. Desatendidos, os conspiradores — sob a chefia de Jerônimo Barbalho, Diogo Lôbo Pereira, Lucas da Silva e Jorge Ferreira de Bulhões — na manhã de 8 de novembro atravessam a Guanabara, convocam o povo e reúnem os Oficiais da Câmara. O governador Corrêa de Alvarenga homizia-se — em face dos sucessos — no Mosteiro de S. Bento. Agostinho Barbalho Bezerra — irmão de Jerônimo — é aclamado governador. Era um homem de bem mas era também um tímido. Ao saber de sua escolha, refugia-se noutro convento: o de Santo Antônio. O povo arranca-o da morada dos franciscanos e — sob ameaça de morte — investe-o nas funções.

—o—

♦ A 16 de novembro, a Câmara fluminense comunica à de S. Paulo a deposição do governador eletivo e do governador interino. Nobreza, clero e povo — dizia a carta — tinham decidido «a deitar de si a carga com que já se não podia». A isso, Salvador de Sá e Benevides trata de captar a solidariedade da gente bandeirante. A 1 de janeiro de 1661, publica um bando — para ser lido a toque de caixa em toda a Capitania — perdoando os «excessos» cometidos pelo povo.

Mas, embora jugulado o movimento, a grave crise levou a rainha D. Luísa de Gusmão a nomear para a direção da Capitania o bom Pedro de Melo. Os Corrêa de Sá não mais voltaram à dignidade de governadores. A cidade do Rio de Janeiro, à sua vez, tinha por seis meses se dirigido a si mesma. O bravo e poderoso Salvador Corrêa de Sá e Benevides acrescentou a seus privilégios o título de primeiro governador deposto no Brasil. Com o tempo, muitos outros vieram a experimentar o mesmo amargor...



Na antiga cidade de Bagdad, um pobre poeta é confundido com o chefe de um grupo de pedintes. Hajj, que havia lançado uma maldição sobre o bandido Jawan. Este, ordena o seu sequestro e que seja conduzido à sua presença para pedir-lhe que retire a maldição, pois devido a ela, roubaram-lhe o filho que ele quer recuperar. O poeta vê uma oportunidade de fazer dinheiro e propõe a retirar a maldição mediante pagamento de uma alta soma em ouro. Jawan dá-lhe o dinheiro e, jubiloso, corre para Bagdad com a esperança de ali encontrar o filho. Entretanto, o Grão Vizir está procurando conseguir um empréstimo de uma nação vizinha, e Lalume, sua emissária particular, espôsa principal do vizir, informa de que o reino de Ababu pode facilitar-lhe todo o ouro que carregue dez camelos, se conseguir que as três princesas dessa nação venham a contrair núpcias com o jovem califa de Bagdad. Por sua vez, o califa não pensava em casar-se, todavia, muda de opinião quando descobre a filha do poeta, Marsinah, de quem se enamora perdidamente.

Por desgraça, o dinheiro que Jawan deu ao poeta, havia sido roubado a um príncipe na noite anterior, e quando a polícia prende o poeta só porque seus papéis não estavam em ordem, fazem conduzi-lo à presença do vizir. Este, ordena que seja cortada a mão direita do pobre moço. Para vingar-se, lança o poeta uma tremenda maldição contra o vizir. Quando a sentença está a ponto de ser executada, a polícia introduz o bandido Jawan, que acaba de ser detido nas ruas de Bagdad. Jawan reconhece o poeta e o insulta, dizendo-lhe que é um pantomineiro, pois nem é realmente Hajj nem pode anular maldições... Mas ao voltar os olhos para o vizir, descobre um medalhão que está leva preso ao peito e nele reconhece o filho Sim. Jawan havia pendurado o medalhão no peito da criança, antes do seqüestro... É claro que Jawan sente-se feliz e muito alegre ao saber que o vizir é seu filho e não esconde a satisfação, enquanto o grão vizir não quer que ninguém saiba ser ele filho de um conhecido ladrão. Ordena que, sem demora, o pai seja executado.

Lalume, agora, estava feliz... Ela convencera o vizir de que devia deixar o poeta às suas ordens para fazer milagres... Mas os milagres eram feitos de outra natureza!

UM ESTRANHO NO PARAÍSO

(KISMET)
CAPÍTULO IV
ELENCO:

O Poeta	Howard Keel
Marsinah	Ann Blyth
Lalume	Dolores Gray
O Califa	Vic Damone
Omar	Monty Wooley
O Vizir	Sebastian Cabot
Jawan	Jay C. Flippen
Chefe de Polícia	Mike Mazurki
Hassan-Ben	Jack Elam
Subalterno de Polícia	Ted de Corsia
Princesas de Ababu	Reiko Sato
	Patricia Dunn
	Wonci Lui
Zubbediya	Julie Robinson

Argumento de Charles Lederer e Luther Davis
Direção de Vincente Minnelli
(Cortesia da Metro-Goldwyn-Mayer)

O Grão Vizir, bom homem apesar de tudo, ficou seriamente consternado. O fato de ter o califa decidido escolher por esposa, outra mulher que não fôsse uma das princesas de Ababu, retirava de um golpe todas as possibilidades para conseguir o cobinado empréstimo. Convencido de que essa súbita mudança de sorte, agora transformada em azar e dos bons, era ainda consequência da maldição que o poeta havia lançado contra ele quando estava a ponto de cortar-lhe a mão, sentiu-se comovido e olhou com respeito para o homem que tais poderes possuía. Imediatamente dispôs que lhe devolvessem o ouro que a polícia havia confiscado e prometeu ao poeta fazê-lo um emir, se assim o desejava, mediante o uso de seu mágico poder, impedindo que o califa se casasse com a mulher que este acabava de mencionar.

Fascinado com a idéia de que tanto ele como sua filha se converteriam em membros da alta nobreza, aceitou o convite do vizir. Em suma: se

lograsse impedir o matrimônio do califa, seria promovido a emir... Mas, se falhasse, pagaria o malogro com a sua cabeça.

— Vai ser uma linda cabeçada! ululava o vizir aos saltinhos à porta do salão.

— Quando meu fervoroso espôso se enfurece contra alguém que fracassa, geralmente o empurra, vivo, para um abismo e tem o cuidado de subir ao ponto mais alto de um despenhadeiro, para não escapar nem os ossinhos das falanges! disse a venenosa Lalume ao poeta. E juntou, com uma pitadinha de sal e pimenta.

— Possivelmente meu augusto espôso, tão generoso quanto vingativo, fará o mesmo convencido, quando descobrir, oh Alah, que sois um charlatão perito!

— Nesse caso... oh, protetora dos poetas e salomões, oh inspiradora minha! Permiti que faça uma sugestão... Poderei? atalhou o poeta tímido e inibido...

— Sim, como não, claro está... E qual é a sugestão, mancebo?

— Que não lhe digamos nem uma palavra, nem um suspiro sobre este assunto... Pode ser, dama ilustre?

Lalume encantou-se com a vivacidade de espírito do poeta sem alcançar o seu intuito venenoso. Porque era muito estúpida!

Para ele, tudo o que sucedia estava já escrito nas estrelas, desde a véspera. Tudo coisa do destino. Isso não se podia remediar... Portanto, se o destino havia disposto que ele tomasse Lalume em seus braços e a beijasse com vontade, isso também não poderia ser remediado. E vai daí, o poeta beijou, beijou, beijou... Lalume gostou. Pudera!

—o—

Mas aparece sempre um palhaço quando se tem nos braços uma garôta das boas. Repare se é ou não verdade, leitor. Lembre-se do passado... passe em revista as suas conquistas (hein?) e responda...

Pois também Lalume e o poeta estavam entregues a uma dessas fogosas cenas de amor que séculos mais tarde deveriam ser as delícias dos diretores de filmes românticos, quando de súbito chegaram a seus ouvidos, enternecidos de tanto amor, as sonoras vibrações de guisos címbalos... Ambos estremeçeram, mais do que lhes permitiam as vibrações do amor; suspenderam bruscamente aquêle abraço que era de causar inveja a Don Juan Tenório, especialista em amplexos similares, e correram, desenfreados, ainda mal refeitos das pulsações mais velozes, de pressão alta, rumo ao terraço... Em frente ao palácio puderam ver uma extensa procissão composta de acrobatas, bailarinas, palhaços, músicos e outros tipos cujos atraentes uniformes contribuíam para proporcionar cores e aparato ao inusitado desfile. Era o big-parade daquele tempo. Nesse momento exato, o sol começava a tocar as fronteiras do poente, bordando uma franja côr de sangue e anil:

— Ora muito bem, senhor charlatão! disse uma voz macia, por detrás do poeta incauto. Por que não comesas de uma vez a fazer uso de seus poderes mágicos? Onde a tua faculdade sobrenatural, onde o teu elixir fabuloso?

O poeta voltou o rosto e viu, bem pertinho, a ameaçadora presença do vizir, o malfadado vizir...

Ao perceber o completo descontrôle do poeta, o vizir continuou, com um arzinho de farçante de escol:

— Ou acaso nosso ilustre mago das dúzias, ignora o que significam essa música excelsa e essa procissão fantástica? Sua Alteza o Califa dirige-se, neste momento histórico, ao lugar preciso em que tomará nos braços sua noiva... e a conduzirá, magnífica de pureza e virgindade... ao álamo nupcial!

O poeta bufou:

— Estais seguro disso? murmurou irado, mas na verdade tratando de ganhar tempo e sentindo, já seu corpo destroçado e tôda sua anatomia fragmentada...

— Por que te encolhes? Será frio ou sofres do sistema nervoso, meu caro? perguntou o vizir com um sorriso diabólico. Um homem com teus poderes mágicos nada tem a temer... Controla-te, domina o teu amigo com teu próprio «ego»... Usa teus artifícios milagrosos... E's um homem ou um mago? Fala, tartufo!

— Não é bem isso... A história é outra... Não vê o meu amigo vizir que para hoje já esgotei todo o meu «stock» de poderes mágicos e sobrenaturais... Usei e abusei, compreende... Por isso, a esta hora da tarde, milagre é impossível! Só transferindo para amanhã.

— Verdugo! gritou com ferocidade o vizir, já sem aquêle ar brando de bom moço, interrompendo o interlocutor. Esse mago parece ter poderes para fazer coisas inverossímeis, e não creio

que venha a falhar no que se propõe... Mas, se porventura fracassar, pelas dúvidas começa a preparar a câmara das torturas... aquela, a mais engraçadinha... e diverte-te mandando acender as vinte e nove fogueiras para um lindo efeito luminoso.

O verdugo inclinou-se até ao solo e afastou-se aos pulos. Porque era atleta. Os olhos dos acompanhantes do vizir estavam fixos no desolado poeta, cuja boca ficou mais seca que um pergaminho e mais amarga que o fel de um touro bravo. Como necessitasse fazer alguma coisa para sair daquela sinuca, fechou os olhos e começou a murmurar um patati-patata, composto de palavras gregas e fragmentos de frases hebréias, fingindo ao mesmo tempo conjurar alguém, invisível, com seus gestos e movimentos das mãos, desenhando arabescos no espaço. Um número.

Porque entoasse a sua lenga-lenga num ritmo esquisito, à maneira do cantochão dos rabinos judeus, pouco a pouco começou a influir no ânimo dos presentes, envolvendo-os em algo assim como um hálito hipnótico.

Antes de que emergissem dessa espécie de transe, o poeta, convenientemente ajudado por Lalume e um eunuco, saltou ao parapeito e deslizou por uma corda até o empedrado da rua. E, uma vez na rua, debandou, que ninguém é bôbo para esperar quem nos persegue...

—o—

Com um pé no ar e o outro também, correu que nem pássaro, à mansão da viúva Yuseef, onde Marsinah esperava a chegada do califa. De impeto, disse à filha que o grão vizir o estava perseguindo, já bem perto, e que tinham de fugir de Bagdad. Sem dar à filha oportunidade de responder, e muito menos de pensar, rapidamente recolheu os pertences de ambos, aliás muito escassos, e pondo tudo sobre o lombo de um camelo, arrastou Marsinah pela mão. Conduziu-a até à rua pela porta de campo justamente quando os emissários do califa se acercavam à porta principal do edifício.

Quando, disfarçados até onde era possível, cruzaram as ruas de Bagdad, o poeta e sua filha puderam ver a procissão do califa de volta, silenciosa e vagarosamente, até o palácio, com aspecto de fato consumado.

— Parece impossível! dizia uma faladeira mulherzinha. Como pode uma rapariga fugir de tão honroso destino? Ora vejam só, ser a esposa do califa! Ah, se fôsse aqui com a mamãe!

— O que houve não sei, mas o caso é que a procissão volta sem a noiva... Isso quer dizer tudo...

Um raio de luz atravessou o cérebro atônito do poeta. Compreendendo que não tendo

encontrado a noiva do califa, ele não se casaria, porque não teria com quem, então sua promessa ao grão vizir estaria cumprida. E sendo assim, assistia-lhe o direito de exigir a sua recompensa. Sem perder tempo, foi procurar o vizir no palácio, pedindo à filha que o esperasse por momentos, na grande praça, enquanto ele ia descontar um título.

O vizir recebeu o poeta de muito bom humor, sem ocultar a sua gratidão. Lalume soubera convencê-lo de que um homem com tal poder extraordinário de magia, seria bastante útil para a côrte. Ela teve muito cuidado, por certo, em nada dizer sobre a irresistível atração que pessoalmente sentia pelo notável «mago», e da necessidade que ele permanecesse indefinidamente no palácio. Em outras palavras: estava pelo beicinho...

Poucas horas mais tarde, o bardo lustre viu-se trajando luxuosas vestimentas próprias para um grão emir, e atendido sollicitamente pelas formosas pupilas do harém. Elas haviam recebido ordens expressas do vizir para atendê-lo em seus menores caprichos (poeta de sorte!) nada lhe negando. Desfrutando sibariticamente dos esquisitos manjares que suas escravas bonitonas lhe serviam, regados por não menos deliciosos vinhos — nectar dos deuses, como não se cansava de repetir o papagaio do vizir — o poeta mandou chamar sua filha, recreou seus olhos cândidos no exame das beidades que tão amorosamente o serviam e pensou que o destino havia sido muito magnânimo com ele.

— Papai, de onde veio tudo isto? Por que só veio agora? E quando acabará? Isso é de entontecer um tronco giratório...

Logo que Marsinah se apresentou às portas do palácio, foi nêle introduzida por um fâmulos e levada à câmara onde se encontrava seu pai. Este rogou-lhe que ali ficasse, vivendo em sua companhia, mas a pequena insistiu em que era preciso voltar à casa da viúva Yuseef.

— Como se pode compreender que prefiras uma residência comum e vulgar, a este luxuoso palácio, minha pobre filha? disse-lhe o poeta agora muito importante.

— E' que, papazinho... muitas vezes tenho tentado dizer-te... Estou enamorada! O homem a quem amo tem que ir buscar-me a casa de Yuseef... entendeis?

O poeta mostrou-se contrariado:

— Será possível que em um momento destes, venhas a falar-me dessas ninharias?

— Não, papazinho... Não são ninharias. Meu amor por esse homem é puro e verdadeiro. Tão verdadeiro como o amor que sinto por ti, meu pai...

(Conclui no próximo número)



Em poucas horas o poeta viu-se ataviado com as luxuosas vestimentas de um Grão Emir e sollicitamente servido pelas beidades do harém.

Caçando BÚFALOS



IRVAL LOBATO, BACHAREL, FAZENDEIRO E EXÍMIO ATIRADOR, TEM A SEU CRÉDITO MAIS DE DUZENTOS BÚFALOS MORTOS.

De A. DE MIRANDA BASTOS

NOTA DA REDAÇÃO: A respeito do búfalo no Brasil diz Pimentel Gomes:

«É uma espécie que prospera em Marajó, onde foi introduzido em 1890. Os primeiros espécimes — 60 cabeças — foram importados da Itália por Vicente Miranda. Dez anos depois, Miranda abandonou a fazenda e veio para o sul. Os búfalos, deixados à lei da natureza, multiplicaram-se e tornaram-se bravos. Caçar búfalos é um esporte marajoara. Atualmente, há, na grande ilha, 2.000 búfalos domésticos e talvez outros tantos bravos. Há pequenos rebanhos em vários outros pontos do Pará. Em Belterra, o Instituto Agronômico do Norte tem 1.500 búfalos selecionados.

O búfalo é um grande produtor de leite. Há búfalas que fornecem mais de 20 litros de leite numa ordenha. O leite tem cerca de duas vezes mais manteiga que o de vaca européia. Com 8 quilos de leite de búfala se faz 1 quilo de queijo, enquanto são necessários 12 litros de leite de vaca. Com 14 a 15 litros de leite de búfala tem-se 1 quilo de manteiga saborosa, quando são precisos 20 litros de leite de vaca.

Os touros búfalos pesam 700 a 900 quilos. As fêmeas, 360 a 680 quilos, conforme a raça. Um garrote, com um ano de idade, pesa 200 a 250 quilos. Um búfalo castrado com dois anos de idade, pesa cerca de 400 quilos. O búfalo é um excepcional produtor de carne.»

JA estava quase certa a viagem para uma pequena fazenda de criação de gado perto da cidade de Soure, quando o Irval Lobato, com o ar humilde de quem cobra uma dívida, veio falar-me:

— E a nossa visita à Ribanceira? Têrça ou quarta o meu aviãozinho fica pronto e, numa hora, vamos diretamente até lá. Agora é o tempo das caçadas de búfalos...

O convite datava já de algum tempo. Afinal de contas, se era inevitável que em qualquer parte de Marajó, entre março e abril, eu ia ter sempre dias de chuva, melhor seria ir para onde tão cordial e tão insistente era o convite, e tão sedutora a perspectiva.

Desde menino eu ouvira falar nos búfalos selvagens de Marajó. Em 1944, numa das minhas excursões pela ilha, cheguei até Dunas, e foi com um misto de respeito e admiração que ouvi o franzino Vítor «Mata Onça» contar alguns dos seus feitos e exibir no corpo as cicatrizes testemunhas da fortaleza e astúcia dos seus robustíssimos adversários. Várias vezes combinei caçadas com o Delmar Cavalcante,

recordista distanciado de lutas contra esses ríginos animais. Mas nunca deu certo.

Claro que de nenhum modo eu pretendia enfrentar um búfalo. Tinha ância, porém, de participar de uma caçada, tendo a garantia da pontaria tranqüila e afamada de um homem como o Irval Lobato, diante da qual já havia sucumbido cerca de duzentas dessas verdadeiras feras, desde que, há dezesseis anos, ele tornou sócio e depois dono da Ribanceira.

O teco-teco não ficou pronto no prazo. Ocupações diversas, por sua vez, aconselharam o prolongamento da minha estada em Belém. Mas, vimos de seguir mesmo de navio até Soure, daí para a frente, no pequenino iate de um velho fazendeiro.

O meu amigo tinha um rol de problemas para sua espera: aportação de gado para embarque no atêrro de currais, conserto duma represa, preparo de rações para o gado fino. Matei o tempo nos primeiros dias, dormindo horas a fio, assistindo a um e outro serviço, soando duas vezes com os caçadores de capivará, sempre quando chuva e me atolando na lama, conforme

em MARAJÓ

é de praxe no inverno, na antiga ilha dos rheengaibcs.

Até que o Irval ficou livre e a caçada foi marcada para o dia seguinte, 4 de abril. Acertamos a partida para as quatro horas, bem antes de nascer o sol. Mas chovia tanto, que só pudemos sair dia claro, quando o aguaceiro cedeu.

Enquanto seguíamos para o pôrto, o fazendeiro explicou-me:

— Iremos para o campo da Pindoba. O feitor de lá mandou pedir socorro, porque há um mês apareceu um novilho que está assustando o pessoal. Na semana passada, investiu sobre o casco em que iam de viagem dois vaqueiros e acertou num. E' perto. Se tivermos sorte, hoje mesmo você come churrasco de búfalo.

A caçada de búfalos em Marajó é feita no inverno por causa das conveniências do transporte. Os pirizais e mondongos onde os animais vivem são terrenos de vegetação herbácea, alagadiços, enormes, onde os cavalos encontram grandes dificuldades no verão e nada podem fazer no inverno. Nesta quadra, porém, os campos se transformam, na parte centro-norte da ilha, num imenso lago, com a vegetação à superfície ou acima desta; e aproveita-se a circunstância para empregar canoas, que, empurradas a vara, podem ir a qualquer ponto e servem para o transporte da caça porventura abatida.

Irval embarcou num casco pequeno com três rapazes de confiança.

— Prefiro caçar com moleques — disse êle. — Quando têm medo, eu grito e eles fazem o que eu mando.

Para mim ficou uma embarcação maior, com quatro «empurradores».

Na Boa Vista, retiro da Ribanceira, deixamos os sacos com as rédes e mudas de roupa. Na Pindoba, pegamos o feitor Pedro Silva, que nos indicaria as zonas de trabalho do novilho. Como antes havíamos agregado o feitor e um vaqueiro da Boa Vista, ficamos com uma pequena expedição de quatro canoas que, durante horas a fio, esgaravatarem tôdas as baixas e escalvados da zona.

Mas foi um dia perdido. Dispersamo-nos pelas dezessete horas sem nada haver descoberto.

A noite, enquanto jantávamos, num outro retiro, o Cipó, Irval mudou os planos:

— Vou deixar de banda o tal novilho. Amanhã iremos é para os pirizais dos fundos da nossa fazenda, onde várias vezes já tenho caçado.

Muito cedo, no dia seguinte, nossas duas canoas deslizavam por sobre o tapete de canaranas, mururés e outras plantas que se erguiam do meio metro d'água que inundava o campo, aqui e ali rompendo passagem através espessas barreiras de piri, arumã ou aninga, mais altas que um homem de pé na embarcação.

Irval seguia calado. E' ainda novo. Quando o conheci, era franzino, muito elegante, sucesso entre as moças de Belém. Agora está gordo, com alguns cabelos brancos nas têmporas. Sempre fino e insinuante, porém. Formou-se advogado porque precisava de uma profissão para viver e não tinha dinheiro para começar uma fazenda. Mas, tanto fez que comprou um pedaço de terra, aumentou-o, trocou por outro, arranhou sócio, por fim virou fazendeiro sozinho, sem prejuízo da sua reputação de homem tão tremendamente trabalhador como profundamente honesto. A caçada aos búfalos selvagens é uma das suas fontes de renda. São trezentos a oitocentos quilos de carne em cada animal. E mais uns quinhentos cruzeiros pelo couro.

Mais ou menos uma hora depois, êle deu as instruções finais:

— Eu vou por este lado, vocês abrem um pouco e seguem no rumo daquela ilha de mata. Mateus, tu és o responsável pela vida do dou-

tor. Esse rifle não falha. Se o bicho aparecer no rumo de vocês, não espera que êle chegue muito perto.

Ao contrário do que acontecera na véspera, o sol ainda não conseguira uma brecha entre as nuvens para demonstrar a sua presença. Uma lástima, para as fotografias que eu pretendia bater.

Veio um chovisco gelado, e tive de vestir o velho casaco de baeta que trouxera por empréstimo. Os meus homens, entretanto, suavam. O batelão exigia um grande esforço para romper o caminho.

Durante essa parte do percurso, conforme a recomendação recebida, ninguém pronunciava palavra.

De repente, estacamos. Mateus, que varejava na proa, à esquerda do João Batista, abaixou-se e falou ao meu ouvido:

— Olhe! Batida dêles...

— Essa batida é de gado comum! Garanto!

Voltei-me e dei com os olhos assustados do Geraldino, um dos empurradores de pópa. Estava com medo. O porcaria não entendia nada de rastos de búfalos. Era estreante em caçadas, entrara no batelão de manhã, no lugar do Bira, que tinha serviço no retiro.

João Batista impôs-lhe silêncio com um dedo na boca. Por sorte, o vento soprava de frente, nem sons nem cheiros poderiam com facilidade alcançar a caça, se de fato ela estivesse adiante.

— Por onde andaré o meu padrinho? — sussurrou Geraldino, sem conseguir dominar o pânico que o dominara.

Naquele ponto, o piri era tão alto como qualquer um de nós, de pé no batelão. Um bom quarto de hora ficamos ali, parados, esquadrihando com a vista todo o setor à nossa direita, para onde rumara a canoinha do Irval Lobato.

No bom momento, a uns trezentos metros, percebemos, acima da vegetação, as extremidades das varas dos empurradores dêle. Mateus pôs

o chapéu de caracúba na ponta da sua vara e suspendendo-o, fez repetidos sinais para a direita e a esquerda.

Os outros viram logo e aproximaram-se. O fazendeiro olhou para a batida na canarana e confirmou:

— Devem ser dois ou três.

E após uns instantes:

Esta montaria é muito baixa para eu atirar com segurança. Vamos trocar.

A mudança foi feita silenciosa e rapidamente. Não dei opinião, porque o Irval se esqueceu de pedir-me e tive acanhamento de dar parte de fraco. Confesso, porém, que, naquela canoinha insignificante, que fazia água pelas bordas cada vez que um dos homens varejava desigualmente senti que não tinha mais a tranquilidade de que antes eu próprio me surpreendera. Um simples movimento brusco que o meu guardião fizesse para empunhar o fuzil poderia alagar-nos. E todos já me haviam explicado que, se o búfalo não fôr ferido de morte ao primeiro tiro, investe contra os seus agressores e tem força para reduzir a fânicos o casco de qualquer canoa.

Antes de avançar, Irval fez um gesto para que o deixássemos ganhar uma certa distância. E seu batelão deslizou sobre a superfície flutuante de erva amassada, os homens manejando as varas com tal cuidado e perfeição que mal se ouvia elas entrarem na água e saírem.

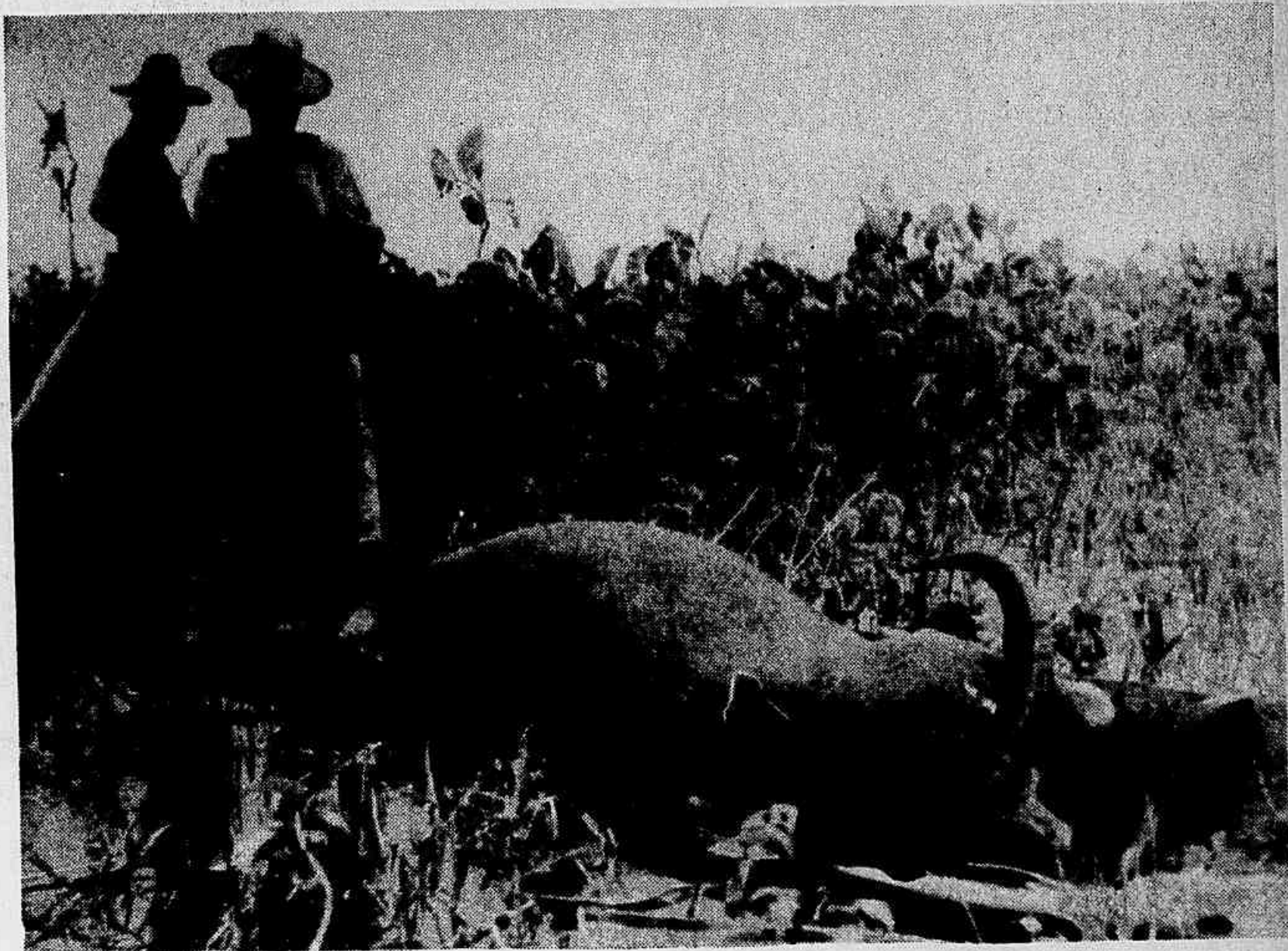
Irval ia firme, com seu leve e permanente sorriso no canto dos lábios, sem demonstrar a menor emoção, empunhando a Winchester.

Não demorou, um espadanar violento d'água avisou que o animal perseguido resolvera deixar o lugar em que se amoitara. Os homens do batelão deram força nas varas.

Um tiro estrondou. Segundos após, os berros de uma rês nova encheram os nossos ouvidos.

— Ah!... Era um bezerro! O meu padrinho matou!...

(Cont. na página 56)



Finda a caçada, tem lugar a viagem de volta, com mil precauções para que não se alague a canoa ao peso da enorme carga.

Crônica noturna muito otimista

Fernando LÔBO



GLÓRIA MAY, vai apertar o cinto no lugar de Anilza Leoni

◆ De quando em vez a gente pensa nesta crise terrível que nos sufoca. Os jornais trazem manchetes apavorantes que nos apontam a ameaça da inflação da guerra querendo começar, de coisas terríveis que o destino prepara para nós pobresinhos. E a gente se comporta dentro de suas carteiras, temerosos que o dia de amanhã seja mesmo um eterno dia negro, de fome, miséria e tristeza. Um acontecimento, uma festa, um Carnaval, nos faz virar a cabeça e são as notícias radiofônicas ou jornalísticas que nos vem dizer que tudo vai bem, que a alegria vai começar, que não há nada de novo sobre a terra e a questão do Suez era uma bomba que teria que estourar mais dia menos dias e que nós não temos nada a ver com a briga dos outros. Renasce dentro do homem triste um novo homem. O homem se penteia com mais gomalina e mesmo num «sem pulo» maior que aquele de Didi, ele se arruma, levanta o dinheiro e vai enfrentar as noites. Fala-se em crise, em miséria e em fome, mas não há dentro das noites cariocas uma só casa noturna que não esteja abarrotada. Nunca o Rio de Janeiro teve tanto barzinho de uísque carinho como ultimamente. E há sempre empoleiradas nas suas mesas, uma infinidade de pessoas. E as «boites»? Apesar da «baixa» de duas por terem «casualmente» pegado fogo, as restantes estão sempre cheias e, mesmo sem exibir grandes coisas como atração entregam «couverts» os mais caros e que o homem noturno paga, com muito pouco estrilo. E para somar as casas já existentes na zona sul desta cidade, casas que têm as suas freguesias certas e em separado, mais duas nasceram: «La Maschera» e «Fiesta». A primeira já é uma realidade e a segunda uma promessa. «La Maschera», de Ruth Amaral, fez uma série de tentativas frustradas para acabar, finalmente, com uma inauguração bonita, onde jornalistas e gente da noite se reuniram para ver de perto o trabalho que ali estava. E está cheia. E virou moda. Quanto a «Fiesta» sei apenas que tem boas regentes a sua frente, mas não a vi inaugurada, desde o momento destas linhas. Há de ser boa. Há de ir para frente, para quebrar um pouco a monotonia das casas dos mesmos donos, dos garçons das mesmas caras, dos bifes do mesmo gosto. E o mais era como noticiava aquele jornal de Recife em eras priscas: «O ovo subiu para meia pataca a dúzia — o Brasil está a beira do abismo».

A CRÔNICA SOCIAL INVADE

Pois bem, falaram tanto em torno dos cronistas sociais cariocas que eles proliferaram em todos os pontos do Brasil. A princípio as grandes capitais ensaiaram os seus e os jornais mantiveram a ideia e, já agora — dizem — não há cidadezinha do interior que não conte com o seu anotador de fatos da sociedade. Acabo de ter notícia que,

lá pelo Norte e pelas minhas bandadas, o cronista social também usa seus termos criados e quando um cavalheiro ou uma senhora não chegam ao ponto máximo da elegância ele costuma chamar de gente «roial briar». Eu hein?

UM ANÚNCIO

Recebo, também do Norte, um anúncio de redação muito original e onde ponto e vírgula não são armas de seu redator. Assim diz o título de uma pequena fatura de um negociante em terras de Joazeiro do Padre Cícero: «A NOVA ESPIGA» de Mané Vitá. Fazendas Miudezas Louças Ferragens Sombriinha Prá muié do cabo tórto Relógio prá moça do fundo de aço».

AS MOÇAS

Vale a pena ouvir as três moças cantoras do «Arpège». Com elas Valdir Calmon nos promete mais um L.P. na «Rádio».

VERÔNICA

Verônica Beck, esta simpática Verônica do «La Crémallère», está com contrato firmado para uma temporada na Califórnia: U.S.A.



TRIO IRAQUITÃ, o destino é correr mundo.

Enquanto não acerta os seus papéis continuará ainda naquela casa, que tem sido a melhor coisa noturna ultimamente, por conta de seus «menus» gostosos e de sua bebida honesta.

NOTINHAS

Glória May chegou de Portugal, mais gorda e mais alegre. Vai ficar

30 dias na revista «Aperta o Cinto» substituindo Anilza Leoni e depois voltará a base lusa. ◆ O Trio Iraquitã adiou por pouco mais a sua viagem a Venezuela por causa de uma filmagem que fazem ao lado de Eliana. ◆ Elisete Cardoso continua trazendo muita gente para o «Clube 36» nos dias em que canta. ◆ E o resto é uma questão de uma arara a mais ou uma arara a menos.



ELISETE CARDOSO, uma voz dentro da noite do «36».

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 18 E 24 DE AGOSTO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — O leitor terá êxito, alcançará bom resultado em tudo o que empreender no curso da semana. Marte receberá dos seus irmãos do espaço, os melhores aspectos, beneficiando, assim, seus eleitos aqui na Terra.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — A semana será propícia aos seus negócios, equilibrando-lhe as finanças. Se houver um pouco mais de esforço de sua parte, poderá até registrar um saldo apreciável. Os melhores dias serão 19, 21, 22 e 24.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — A semana será, no seu caso, bem desfavorável, especialmente no que diz respeito ao concurso de terceiros estranhos à «entourage». A vida doméstica, do mesmo modo, estará ameaçada de fortes desentendimentos.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — Se tem promessas de melhoria na posição ou nos proventos, insista agora junto a quem as fez. O momento é o mais oportuno para ver tais promessas realizadas. Os melhores dias para pedidos serão 19 e 21.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — O leitor ocupará uma posição harmoniosa, em face do Céu emissor, nos próximos sete dias. Aproveite a excelente oportunidade que lhe vai ser oferecida para pôr em ordem suas finanças ou para restaurar sua economia.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Os planetas mostrar-se-ão de modo mais ou menos benéfico, durante a semana, no caso do leitor e lhe darão «chance» para a realização de alguns dos seus projetos. Para tanto, seja um pouco mais objetivo.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Fique adestrado às atividades ordinárias, às coisas comuns. Qualquer passo fora desses limites importará em queda, em insucesso, em prejuízos. Adie para outra oportunidade o que, de extra, tiver programado.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Homens e mulheres influenciados pelo signo do Escorpião, vão ter uma semana freca nos resultados e difícil na solução dos casos que se oferecerem. Terão necessidade de apoio, da cooperação de terceiros, mas dificilmente conseguirão encontrar quem se disponha a tanto.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O novo período lhe aconselha ação e mais energia. Saia das expectativas e entre na prática, pois, se não o fizer, perderá uma excelente oportunidade. Êxito seguro. Apenas o dia 18 será desfavorável.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — A semana será boa para viajar, para contratar, comprar ou vender imóveis, organizar sociedade e para a admissão de sócios ou de empregados. Os dias ímpares serão os melhores para os novos empreendimentos.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — O concurso dos astros será melhor para o leitor, no decorrer da semana. Encontrará melhor aplicação para suas disponibilidades e conseguirá relativa facilidade na conclusão ou efetivação dos negócios.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Um período benéfico, eis o que lhe prometem os astros para a semana entrante. Haverá bons influxos na vida social, profissional, sentimental e doméstica, amando-se a tudo isto o despertar de novas energias.

OS NOMES DA SEMANA

Agosto, 18	—	João	—	Moema.
" 19	—	Martinho	—	Silvana.
" 20	—	Hermógenes	—	Selma.
" 21	—	Hermes	—	Eurides.
" 22	—	André	—	Frida.
" 23	—	Soténia	—	Iris.
" 24	—	Dugoberto	—	Izabel.

EFEMERIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Agosto, 18	25° 29' 42"	(Signo do Leão)
" 19	26° 27' 32"	" " "
" 20	27° 25' 16"	" " "
" 21	28° 23' 03"	" " "
" 22	29° 20' 50"	" " "
" 23	0° 18' 39"	(Signo da Virgem)
" 24	1° 16' 30"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que as prognósticas correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, nesta publicação, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

BANCO DO COMÉRCIO S. A.

O MAIS ANTIGO DA PRAÇA DO RIO DE JANEIRO

FUNDADO EM 1875 — CAPITAL e RESERVAS Cr\$ 174.486.055,30

SEDE: RUA DO OUVIDOR, 93/95 — Telefone 43-8968

End. Telegr. «BANCOCIO» — Caixa Postal 633

AGÊNCIAS METROPOLITANAS

AGÊNCIA MEIER: Rua 24 de Maio, 1355 — AGÊNCIA TIJUCA: Praça Saenz Peña, 9 — AGÊNCIA S. CRISTÓVÃO: Rua S. Luiz Gonzaga, 173 — AGÊNCIA RIACHUELO: Rua Riachuelo, 367 — AGÊNCIA URUGUAIANA: Rua Uruguaiana, 7 — AGÊNCIA COPACABANA: Avenida N. S. Copacabana, 1155 — AGÊNCIA MADUREIRA: Estrada da Portela, 44.

AGÊNCIA NA CAPITAL DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Rua Álvares Penteado, 196/200 — Caixa Postal, 8213.



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Deste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

"Mil" lhe oferece:



ALMOFADAS
ASSENTOS VENTILADOS
Cadeiras PARA CRIANÇAS
PALHINHA - COURO - PLÁSTICO

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6144 RIO DE JANEIRO

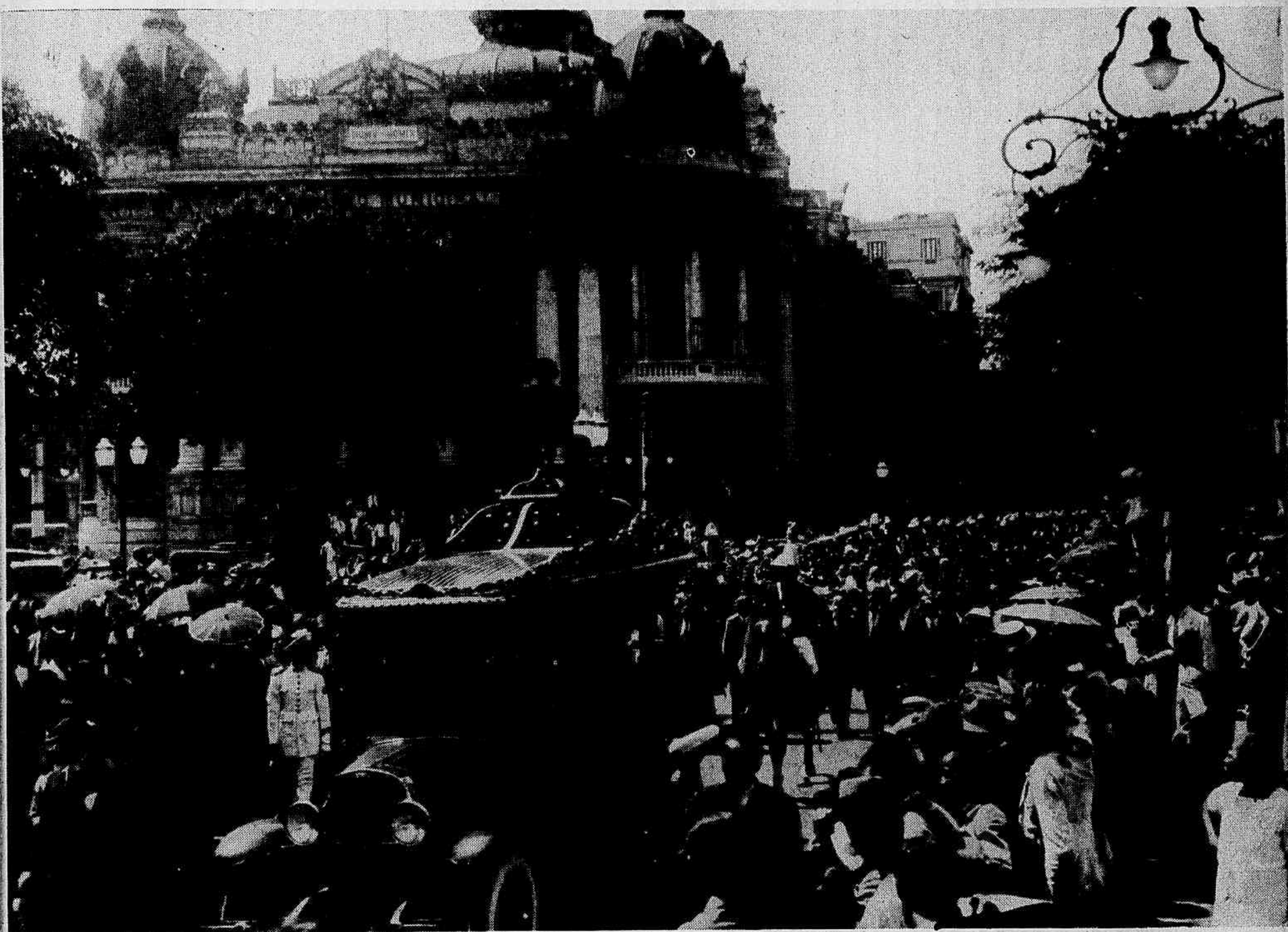
Só na
Mil



ALBERTO SANTOS DUMONT, o grande inventor da dirigibilidade do mais pesado que o ar, em uma de suas mais fiéis fotografias, pertencente ao arquivo da família Dodsworth.

NO ANO SANTOS DUMONT

O "PAI DA AVIAÇÃO" NÃO SE MATOU



A CHEGADA dos despojos mortais de Alberto Santos Dumont foi um acontecimento impressionante, que eletrizou a população do Rio de Janeiro.

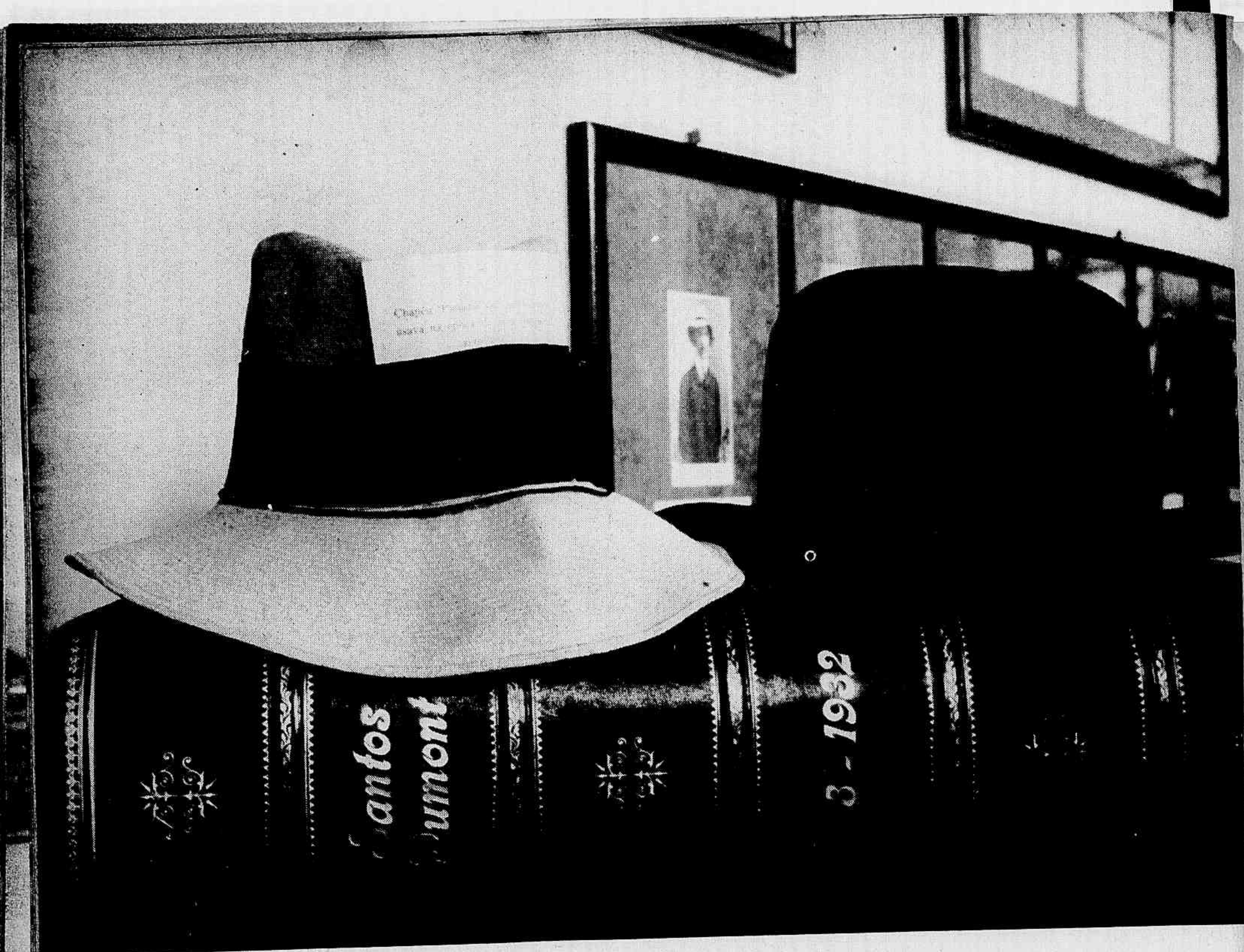
UM BILHETE DATADO DE NOVE DIAS ANTES DE SUA MORTE PROVA QUE ALBERTO SANTOS DUMONT JÁ SE ENCONTRAVA, ENTÃO, ENFÉRMO DE HÁ MUITO, E DESTRÓI A HIPÓTESE DE UM SUICÍDIO ★ UMA CARTA AO EMBAIXADOR DO BRASIL EM GENEBRA TRADUZ OS SENTIMENTOS DO AERONAUTA

O ANO que corre foi oficialmente denominado, entre nós, «Ano Santos Dumont». E isso porque, a 19 de novembro de 1906, em Bagatelle, na França, o grande inventor brasileiro estabelecia os primeiros recordes mundiais da aviação, a bordo de seu aeroplano 14-Bis, dotado de um pequenino motor Antoinette. Agora, cinquenta anos depois, naquela data, e na mesma hora em que o grande aeronauta estabelecia seu recorde, todos os aviões, no território brasileiro, deverão alçar vôo, em homenagem interessantíssima à sua memória.

A questão de se foi ou não Santos Dumont o Pai da Aviação é ainda controversa. Mas que a Santos Dumont cabe a glória de ter sido o primeiro a controlar, a dirigir, um aparelho mais pesado do que o ar, é fato irrefutável. E a ele também se deve em grande parte a popularização da Aeronáutica, a demonstração cabal e perfeitamente demonstrável de que a Aviação não mais era o sonho de Leonardo da Vinci — para já não falarmos na lenda grega de Ícaro.

Santos Dumont, que nasceu a 20 de julho de 1873, faleceu durante a Revolução Constitucio-

nalista Paulista, a 23 de julho de 1932, com 59 anos, portanto. Sua morte revestiu-se de certas circunstâncias que levaram muitos a admitir o suicídio do inventor, que teria ficado desgostoso ao ver os aparelhos que tinha idealizado para fazer parte de um mundo melhor, bombardeando a população indefesa de uma cidade do próprio Brasil. Não se pode, porém, afirmar a respeito nada de positivo. É claro que a Santos Dumont repugnaram os bombardeamentos de São Paulo — como sempre lhe repugnara a idéia de que suas máquinas voadoras viessem



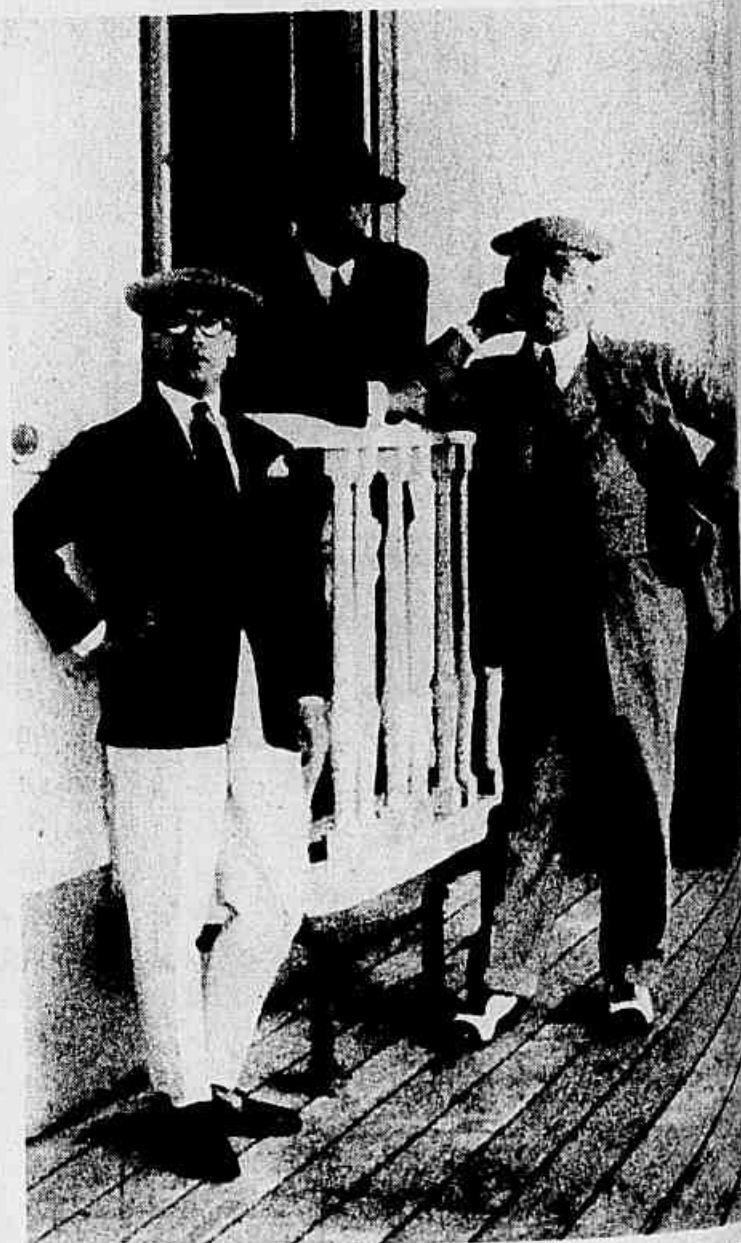
O MUSEU Ipiranga, de São Paulo, conserva inúmeras recordações de Santos Dumont. Inclusive o «panamá» por ele usado, no dia em que venceu o «Deustche de la Meurthe».



UMA FOTOGRAFIA dos últimos tempos de Santos Dumont. O famoso vencedor do Prêmio Deustche de la Meurthe, ao lado de sua sobrinha, Iolanda Penteado.

um dia a se tornar poderosos instrumentos de morte e destruição, numa dolorosa profecia dos fantásticos «raids» noturnos da última guerra. Há, mesmo, de seu punho, em poder do aviador Nelson Freire Lavênere Wanderley, uma carta endereçada ao Embaixador do Brasil junto à Sociedade das Nações, sr. Afrânio de Melo Franco. Por ser documento de grande significação histórica, damos a seguir o seu conteúdo, vertido do francês original:

«Ao Exmo. Sr. Embaixador do Brasil na Sociedade das Nações. Genebra — Senhor Embaixador — Dentro em pouco realizar-se-á uma Conferência Internacional tendo por fim a limitação dos armamentos em todos os países civilizados. Li em diferentes jornais que se pretende, entre outras questões, limitar a ação dos submarinos, proibindo-os de tomar parte ativa em guerras futuras; mas, que eu saiba, não se pensou na Aeronáutica. Conhece-se, no entanto, do que são capazes as máquinas aéreas; suas proezas no decorrer da última guerra nos permitem entrever com horror o grau de destruição a que elas poderão de futuro atingir como dispersadoras da morte, não só entre as forças combatentes, mas também, e infelizmente, entre as pessoas inofensivas da zona da retaguarda. Aquêles que, como eu, foram os humildes pioneiros da conquista do ar, pensavam mais em criar novos meios de expansão pacífica dos povos, do que em lhes fornecer novas armas de



COM OS FAMOSOS aviadores portugueses Gonçalo Coutinho e Sacadura Cabral, aqui está Santos Dumont. A fotografia, raríssima, foi tirada em Lisboa.

SANTOS DUMONT

combate. Se da citada Conferência pudesse resultar a abolição da guerra submarina, quantas belas unidades já existentes poderiam então se consagrar ao estudo de profundidades oceânicas, ainda não imaginadas, e como progrediria a ciência oceanográfica! Torna-se necessário que o papel da Aeronáutica seja igualmente benfazejo em todos os seus ramos, e é esta idéia, senhor Embaixador, que por seu intermédio tenho o prazer de apresentar à Conferência. Estou disposto a oferecer, em concurso, entre as pessoas de qualquer profissão, um prêmio de dez mil francos para o melhor trabalho sobre a interdição das máquinas aéreas como arma de combate e bombardeio. Poderia ser constituído um júri sob o patrocínio da Conferência ou sob o seu, sr. Embaixador, e eu me prestaria de bom grado a focalizar previamente todos os detalhes relativos a este concurso que eu não vacilaria em qualificar de altamente humanitário. Com os meus agradecimentos antecipados, eu lhe peço sr. Embaixador, aceitar as minhas homenagens, e crer na minha distinta consideração. Mégève, França, 14 de janeiro de 1926. Santos Dumont».

SANTOS DUMONT, CONSTITUCIONALISTA?

Já dissemos que Santos Dumont morreu em 1932, em Santos, durante a Revolução Constitucionalista de São Paulo. Pouco antes de falecer, os revolucionários lhe haviam pedido um manifesto escrito. Sabiam que as opiniões de um homem como Alberto Santos Dumont, universalmente conhecido e admirado, muito poderiam fazer pelo triunfo completo de sua causa. Santos Dumont, escreveu umas linhas somente, em sua letra regular e segura:

« São Paulo, 14 de julho de 1932 — Meus patrícios. Solicitado pelos meus conterrâneos mineiros moradores neste Estado, para subscrever uma mensagem que reivindica a ordem constitucional do país, não me é dado, por motivo de moléstia, sair do refúgio a que forçadamente me recolhi, mas posso ainda por essas palavras escritas afirmar-lhes, não só o meu inteiro aplauso, como também o apelo de quem, tendo sempre visado a glória de sua pátria, dentro do progresso harmônico da humanidade, julga poder dirigir-se em geral a todos os seus patrícios, como um crente sincero em que os problemas de ordem política e econômica que ora se debatem, somente dentro da lei magna poderão ser resolvidos, de forma a conduzir a nossa pátria à superior finalidade dos seus altos destinos. Viva o Brasil Unido. Santos Dumont».

É importante esse documento, porque não somente prova o integral apoio de Santos Dumont ao movimento Constitucionalista, como também mostra que, a 14 de julho, nove dias antes de falecer, já Santos Dumont se encontrava tão doente, a ponto de não poder retirar-se do leito, do «refúgio a que forçadamente se recolhera». Essa afirmação vem enfraquecer grandemente a tese daqueles que, em número cada vez menor, defendem ainda a hipótese do suicídio.

A MORTE E OS FUNERAIS

A 24 de julho de 1932, na cidade de Santos, desaparecia Alberto Santos Dumont. E após o término da Revolução Paulista, seus despojos mortais foram transferidos para o Rio de Janeiro, onde tiveram uma recepção só comparável àquela que se realizou quando da chegada dos restos de Pedro II ao Brasil, ou aos funerais do grande Rui Barbosa.



SANTOS DUMONT entre Almeida Brandão, Ministro do Brasil na Suécia, e o pianista Frutuoso de Lima Câmara, a bordo do «Massilia», de volta à pátria.

São Paulo, 14 de Julho de 1932

Meus patrícios.

Solicitado pelos meus conterrâneos mineiros moradores neste Estado, para subscrever uma mensagem que reivindica a ordem constitucional do país, não me é dado, por motivo de moléstia, sair do refúgio a que forçadamente me acolhi, mas posso ainda por estas palavras escritas afirmar-lhes, não só o meu inteiro aplauso, como também o apelo de quem, tendo sempre visado a glória de sua Pátria dentro do progresso harmônico da humanidade, julga poder dirigir-se em geral a todos os seus patrícios, como um crente sincero em que os problemas da ordem política e econômica que ora se debatem, somente dentro da lei magna poderão ser resolvidos, de forma a conduzir a nossa Pátria à superior finalidade dos seus altos destinos.

Viva o Brasil Unido!

Santos Dumont

EIS AQUI, firmado do punho de Santos Dumont, o documento que, ao mesmo tempo em que prova sua discreta adesão à causa Constitucionalista, vem, por outro lado, enfraquecer a tese de que o aeronauta brasileiro teria dado cabo da própria vida, acabrunhado com os bombardeamentos de que foi alvo São Paulo, em 1932.



AS DEZ MAIS ELEGANTES DE 56

Para a lista das "dez mulheres mais elegantes" de 56 tenho certeza de que, entre as paulistas que deverão participar da lista, estão as senhoras: Tania Kovarick, Turquinha Munis, May Lara Campos e Maité d'Orey.

Grand Monde internacional



Lana Turner está esperando a visita da cegonha para muito breve.

O verdadeiro nome da atriz Susan Hayward, que recentemente nos visitou, é Edythe Marrener. Ela é divorciada de Jesse Baker, de quem tem dois filhos, de nomes Timothy e Gregory. — Lindsay Crosby, filho do grande astro, o cantor Bing Crosby, pretende muito breve entrar num seminário para ser padre. — Atualmente um dos comentados casamentos pelas colunas internacionais, é a provável união conjugal de Sadruddin Khan, filho do Aga Khan com a Begun Andrée, e Shahninaz, filha do Xá da Pérsia. Ele tem 23 anos e ela 18. Se esse casamento acontecer talvez seja solucionado o caso que no momento tanto preocupa o Xá, ou seja, a sua sucessão. Pois assim o Xá terá de abdicar em favor de Shahninaz.

— A nova linha «AIMANT» é a sensação da moda feminina no «grand-monde» de Paris. Os vestidos são tão compridos, que ficam apenas 18. cms. do solo. — A loura atriz Lana Turner espera para breve a visita da cegonha. — O diretor Stanley Kramer está dirigindo na Espanha a película «The Pride and the Passion». Os astros desse filme são Cary Grant e Sophia Loren. — Num recente jantar em Paris, Gary Cooper sentou-se ao lado de seu ex-romance Gisele Pascal. Gisele é atualmente a senhora Peligrin. — Como noticiei para vocês há algum tempo Gregory (Verônica) Peck está esperando para muito breve a visita da cegonha. E eles estão confiantes de que a ave lhe trará uma menina. — Em Londres quem vai casar pela segunda vez é a estrêla Lesli (Lili) Caron com o diretor Peter Hall. Ambos têm 25 anos de idade.

Gossips

Um dos grandes furos para «gossips» foi quando anunciei de «preview» e com exclusividade que o elegante deputado baiano Augusto Viana estava se desquitando. Hoje posso informar que o desquite do casal Augusto Viana já foi feito. O elegante deputado pode agora ser apontado como um dos melhores partidos do Rio. — Uma coisa para que este colunista faz votos é que aconteça muito breve o noivado da bonita e simpática Ilde Garavaglia com o galante paulista João Batista Amaral Filho. Esses dois jovens formam um par realmente SUSPENSE. — Como anunciei há bem poucos dias para vocês, o romance entre Celmar Padilha e Léa Pena está cada vez mais SUSPENSE. Eles vão terminar no altar. — A bonita loura Ludmila Popov, que o ano passado foi eleita «Charme-Girl» num concorrido chá realizado nos salões da Mesbla, teve, como prêmio, na ocasião de sua vitória, uma viagem aos Estados Unidos, patrocinada pela Mesbla. Para surpresa de vocês, a direção da Mesbla, que se comprometeu a entrar com os \$\$\$ para a viagem da bonita Ludmila, até o momento ainda não providenciou nada. E' lamentável que fatos como esses aconteçam, coisa que tira todo o brilho de um concurso. Que os organizadores dessa festa tomem providências para que este ano não se repita o mesmo. — O namorado de Ricardinho Fazanello e Raquel dos Santos Jacinto, que havia ficado sério, voltou agora a ficar novamente «gélol». — Vou procurar saber se a boneca já chegou.



Ilde Garavaglia que está de romance com João Batista Amaral Filho. Eles e conselho deste colunista vão muito breve ficar noivos.

Pequenos Flashes



Senhorita Iracema de Castro, «glamour-girl» de 55 (Juiz de Fora) na cerimônia de seu casamento com o senhor Milton de Castro. Este casamento foi realizado aqui no Rio.

O colunista Tavares de Miranda, que, como já disse para

vocês, é a «vedette» da coluna social paulista, está cogitando de escolher a senhora Horácio (Mimi) Láfer, como a melhor «hostess» deste ano, em São Paulo. Dona Mimi Láfer, como vocês sabem, deu o mês passado uma das maiores recepções já vista em São Paulo, por ocasião do casamento de sua filha Silvinha com o Pedro Piva. Sua muito «Beaut» casa na avenida Europa tem categoria para receber o mais importante «high-society» do mundo. Com sua bonita filha Gray, dona Mimi recebe de uma maneira realmente SUSPENSE. Concorro com a idéia do meu colega Tavares de Miranda. — Estou chegando do Jôquei onde fui ver o Grande Prêmio. Aliás,

quero dizer para vocês que esta tarde não me impressionou muito. Muita gente, muita gente, mesmo. E muitas delas «gélol». Pois o tempo estava «gélol». Chovia, mas não muito. Mas chovia. Chapéus, chapéus, e muitos chapéus. De todos os tipos e tôdas as côres. Havia um corre-corre dos diabos. — O pintor paulista Darci Penteado, está espondendo aqui na Galeria.

A exposição do Darci está tendo boa aceitação. — Dick Farney e Inezita Barroso estão fazendo um sucesso de «bola-na-rêde» no conhecido restaurante francês «La Crémillère». — Domingo foi a inauguração da «boite» Fiesta. No

próximo número darei detalhes. — O sr. e sra. Victor Costa receberam um grupo de amigos paulista para um concorrido «party» na noite do último domingo, encerrando a semana do «Sweepstake». Na ocasião, o casal Victor Costa mostrou a seus convidados a grande coleção de pássaros que possui dentro de sua grande mansão. Coisa que é realmente SUSPENSE. — A senhora Anna Marie Martin Barbosa tem recebido com frequência pequenos grupos para «cocktails» em seu apartamento no Anexo do Copa. — A BEAUT senhora Mai Lara Campos será este ano com certeza uma das mulheres mais elegantes do ano. — O «Gélol» está de cima.



Senhor Francisco Eduardo de Paula Machado dança com a senhora Teresa de Souza Campos.



Colunista Tavares de Miranda sendo entrevistado pelo senhor Ribeiro Martins no programa da Bangu.



O casal paulista Alcino de Carvalho posa para esta coluna.

Social Set

★ A noite de gala do "Sweepstake", realizada sábado passado nos senhoriais salões do Copacabana Palace, foi realmente uma noite "suspense", com a presença de figuras do "high-society" carioca e paulista. Nesta noite de gala que esteve realmente "sweepstake" a mulher mais elegante da noite foi a "Beaut" senhora Lourdes Catão. A presença mais comentada foi a de Susan Hayward, que veio para o "Grande Prêmio", como convidada do Jôquei Clube. Uma das grandes mesas no "Golden" foi a do casal Carlos Quartin Barbosa. Uma das senhoras mais bonitas da noite, foi a "beaut" Liliam Xavier da Silveira. O par mais romântico era Ilde Garavaglia e João Batista Amaral Filho. O meu amigo embaixador de Hollywood no Brasil, sr. Harry Stone, não esteve perfeito nos contatos da atriz Susan Hayward com a imprensa. Coisa que muito surpreendeu este colunista. O colunista Tavares de Miranda colhendo uma grande reportagem para sua coluna, lá no planalto. A loura senhora Rosita Tomás Lopes estava com um vestido preto realmente "suspense". Finalmente, o baile do "Sweepstake" este ano foi realmente mais "suspense" que o do ano passado.



O senhor e senhora Ernesto Waller ladeiam a elegantíssima senhora Leda Gallies.



A sra. Lourdes Catão que foi a mulher mais elegante da noite conversa com Jeff Thomas.

TRAVIATA



Maria Sá Earp

♦ A Segunda Récita de Gala da Temporada Lírica não logrou o êxito da primeira. Não que a «Traviata» — pelo menos para o grande público — seja considerada inferior à famosa ópera de Modesto Musorgsky. Até ao contrário: desfruta de invejável prestígio, sendo mesmo o melodrama mais admirado por tôdas as platéias. Plasmado no outrora popular drama de Alexandre Dumas Filho, hoje inteiramente relegado pelo público teatral, possui acentuada densidade melódica o que o torna agradável. Nesse texto ultra-romântico, a emotividade peninsular de Verdi encontrou o suporte onde atingir o seu clímax, sanando a precariedade teatral da obra do autor francês. Acreditamos, isto sim, que o menor sucesso desse espetáculo com relação ao do primeiro se explique pela ausência

de um valor individual superlativo que, por qualquer razão, conseguisse provocar o entusiasmo geral, como o fez o baixo Boris Christoff na récita anterior.

Não se pense, todavia, que se trata de um fracasso. Longe disso. Tudo correu com absoluta normalidade. E não obstante a politiquice, o silêncio deliberado e a campanha de desmoralização levada a efeito, durante os entreatos, por elementos interessados nas questões internas da SALB, o nosso soprano Maria Sá Earp obteve inesperado sucesso no papel de Violeta Valery. Com excessão de pequenos deslizes no segundo ato e na ária «Addio del Passato», no ato final, sua boa produção vocal foi constante, atingindo mesmo emissões de excelente qualidade, tanto quanto ao timbre, de natural muito agradável, como no que se refere ao volume. Certo é que a parte cênica não recebeu de Maria Sá Earp a saliência devida. Mas como consideramos tal aspecto de secundária importância na apreciação dos valores operísticos, aqui ficamos sem maiores comentários. Uma coisa, entretanto, queremos deixar clara: o público fez justiça a Maria Sá Earp, aplaudindo com entusiasmo uma atuação que não apenas correspondeu, mas ultrapassou a expectativa.

Tagliavini fez um Alfredo normal, sem grandes rasgos, tendo, por isso mesmo desencantado aos que o ouviram. Sem razão, todavia. Mas é que a fama e o prestígio exigem uma imperiosa e constante correspondência na conduta artística de quem quer que os possua. Destacou-se, porém, nos momentos finais do quarto ato, quando recebeu sua maior cota de aplausos. Mas o lugar de honra do elenco coube ao barítono Giuseppe Tadei. Sua voz forte e profunda foi exteriorizada sem acidentes, e em perfeita consonância com os movimentos cênicos. Equilíbrio, emotividade e domínio da técnica foram os fatores que concorreram para a grande receptividade de Tadei, muito bem situado no papel de Jorge Germont. De tão ovacionado, teve de bisar a ária «Di Provenza il Mare».

O resto do elenco atuou sem maior relêvo, mas com certa homogeneidade. A orquestra, sob a direção do maestro Franco Ghione, manteve íntegra a partitura. Os cenários novos de Santa Rosa, interessantes do ponto de vista estético, carecem de valor funcional. A divisão do palco em dois planos afasta demasiadamente os cantores da platéia, o que não é recomendável, quer pelo aspecto da audibilidade, quer pelo da visibilidade.

O DISCO DA SEMANA

MAGNIFICAT EM RÉ MAIOR DE J. S. BACH — Esta obra prima de bagagem sacra de Bach já foi levada à cena várias vezes por quase tôdas as grandes companhias que se ocupam do som gravado. Segundo as opiniões mais autorizadas, o «Magnificat em ré» foi composto exclusivamente para celebrar o Natal de 1723 — o primeiro que Bach passou como chantre da Igreja de São Tomas. Divergem os autores quanto à determinação de seu papel dentro dos rituais natalinos. O dr. Albert Schweitzer, por exemplo, o mais profundo conhecedor da vida e obra de Bach, acha que o «Magnificat» destinava-se a acompanhar a cena da manjedoura. Os intérpretes desta gravação são o «Côro Reinhart de Zurich», o «Côro Misto de Winterthur» e a «Orquestra Municipal de Winterthur», regidos pelo maestro Walter Reinhart; grupo dos solistas: Maria Stader — soprano; Elsa Cavelti — contralto; Ernst Haefliger — tenor; Hermann Schey — baixo; Karl Mathaei — organista; Touty-Drucy — cravista. Foi feita por ocasião do «Festival Bach», em «Schaffhausen», Suíça. Possui boa sonoridade, e recomenda-se pelo conjunto, não obstante a evidência de certos valores individuais, como o baixo Hermann Schey e o soprano Maria Stader. A coordenação, difícil por sua complexidade, apresenta-se satisfatória. — CLP — 4006 (COPACABANA).



200

das 4,30

às 24,00 hrs.

cada 8 minutos

VIAGENS POR DIA

Onibus diretos para SÃO VICENTE e PONTA DA PRAIA

AGÊNCIAS

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone: 34-1395

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones: 32-8733 e 34-5393

Rua Senador Queirós, 85 - Fones: 34-2399 e 36-6402

Rua Tabatinguera, 37 - Fone 33-3326

SANTOS

Pça. Barão de Rio Branco, 62 - Fone 1314 (S. Vicente)

Av. Presidente Wilson, 186 - Fone 4-4090 (José Menino)

Pça. Independência, 11 - Fone 4-3426 (Gonzaga)

Pça. Mauá, 11 - Fones 2-2299 e 2-8777 (Cidade)

Av. Conselheiro Nobias, 841 - Fone 4-5788 (Boqueirão)



VÁ PELO MELHOR!



AZASO - EB-2

EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO Lida.

a eletricidade tão essencial é muito barata no Brasil



PREÇO MÉDIO POR KWh

RIO DE JANEIRO

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 1,39	Cr\$ 0,57

NOVA YORK

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 2,20	Cr\$ 1,22

MILÃO

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 3,02	Cr\$ 1,05

PARIS

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 3,12	Cr\$ 1,00

FILADELFIA

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 2,02	Cr\$ 0,72

BASILEIA

LUZ	FÔRÇA
Cr\$ 3,40	Cr\$ 0,85

As tarifas de energia elétrica na região Rio-São Paulo e em outras regiões do país continuam sendo das mais baixas do mundo. É mínima a incidência do custo da energia tanto no valor da produção industrial como no orçamento do lar.



A conversão das tarifas estrangeiras foi feita à taxa de Cr\$ 43,82 por dólar.

A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

Conto de

ROSEMAR PIMENTEL

Desenho de

MARIA TERESA

O CESTEIRO

N

ASCESA ali mesmo, no casebre que a miséria do pai equilibrava a duzentos metros do montão de lixo. Fedentina de sol a sol invadindo o telhado, escorregando pelas paredes de pau-a-pique.

Antes das dez, o caminhão da Prefeitura trazia a sujeira da cidade. Na cabine, o Manoel xarelo estava a guelrada, punha a cabeça do lado de fora. O burro apanhava em cheio o Tãozinho ajudante. No alto da podridão, o corpo mole da biruta estremecia todo. Era como se o arrancassem do seu mundo fechado.

— Lá vou eu.

De um salto chegava ao tijoco molhado, corria em busca do pai. Então, o de um salto só batia a porta do calhambeque, dava-lhe ordem de começar.

— Eh, Tãozinho, nunca essa percuria daí.

Num sobe-desse compassado, a pé cheia de dentes ia desbastando o monturo. Vinha a semelhança do doutor Arantes, a sobre da canoa do Joaquim Português, o algeirão com o pus da Santa Casa. O vazeirão do motorista repercutia longe.

— Fôça, Tãozinho.

Quase meia hora até que o tantum chegasse ao fim. O cachaço na alta, esgravatava os dentes podres. Mas já corria o filho pela inundação, vira como dar um jeito na mecha.

Mai o Tãozinho esvaziava a carroçaria, punha-se a remexer na es-taqueira. Aqui, ali, o papel com runço de banta, o pedaço de jornal fedendo a miço. Se o vento da Paraíba soprava mais forte, o xarelo protegia a chama da isqueiro com a mão em concha.

— Siga, Tãozinho.

O fogo fregava a custo pelos restos de comida, amainando na estaga molhada, crescendo nos terrapós de calçada. Derreada pela vaivém das braças, o peneiraço escorrevava-se atrás da lata velha. O olhar sem vida descia à interior das dedas, a mão suja afundava nas pagas de lama.

A cinco metros do fogaréu, o cachaço espiava a corre-corre das latas-redas. Mas, quando as chamas lambiam a alta do montão, lá vinha o burro de novo.

— Cai fora, Tãozinho.

Como um gato, a biruta firmava o pé no barro, plantava-se na meia da carroçaria. Então, o xarelo ligava o motor para a arrancada. O calhambeque estremecia como moleitosa na hora da febre. O barulhão da derrapagem na mingau de lama espalhava a mosqueira, a banta de urubus. Mas nem o apito da fábrica, nem a algezarra da molecada abriam a deslenteira do bruto montes.

— Fede, peste, que amanhã tem mais.

Julião vinha sentar ao pé da cacinba como para livrar-se da febre da montura. Os olhos perdiam-se no vargado, paravam na corpanzil do cachaço, nas pernas arqueadas do Tãozinho. A princípio, não compreendia aquela meia hora ao sol, ao resto da chuvisqueira. Aos poucos, tocava, foi ligando o corpo mole do ajudante à meninica da lata do pai. Mas eram imagens tartas, vultas apagadas. Nunca lhe disseram de que jeito era a rosta do mole. Desde o tempo de garoto tinha vontade de perguntar a gente dali. O pai não lhe falava nada, da que morreu quando ele nasceu. Nem um retrato na parede, nem uma flor na dia de finados.

Quando o Tãozinho enterrou a pé no monte de lixo, movia os braços de um jeito só. Era como os bonecos de barbante que o nortista vendia na feira. Quem sabe o pai era também um boneco grande, o olhar sem brilho, a caração seca?

Quanta tempo a morte ficou rondando a porta do casebre. Logo que a febre avermelhou a rosta do pai, ele viu as vareiras de bambu jogadas em batida do tamborete. A sufocação chegava com a iragem do entardecer. Na hora da crise, os escurros cor de lima batiam na chão duro, grudavam-se à parede. O doente encostava-se ao pé da mesa, o corpo torcido, a boca escancarada pela falta de ar. Por vezes, aqueles dedos compridos aqueciam-se na peita chata como se pudessem aquecer-lhe a caração. Na terceira, a boca de meia parava, a garota da barraca ia enganar papagaio com outros meninos. Ele corria como um doente, nem esperava chegar ao pé da enferma.

— Papai, que um dia?

Era, porém, com a lentidão da virulência, a chata do gato sarrento. Nem um gesto, nem um olhar. Mas, de repente, os olhos parados no ambiente, aquele homem repetia a decisão de todos os crises.

— Ven, embora, não quero nada.

O sol de janeiro esturricou o lamaçal do vargado. Até os urubus bus-caram a sombra dos ingazeiros. Na frente do casebre, soam os passos iguais do Benedito da canoa. O pescador mete a cara de sapo pela porta.

— Julião, vem láá com você.

O canoeiro tira o único amigo do pai. Entrou meio curvado, o cigarro de palha nos beigos, a calça de zuarte mordendo-lhe a canela. Tipo esquisito aquele caladão que fechava os olhos do tuberculoso. Sim, fecha-lhe os olhos, vestia-lhe o terno remendado, pusera-o no caixão.

Antes de adoecer, o pai não tinha hora para conversarem baixo. Podia ser em dia de folga, podia ser na volta da Paraíba. Só depois que o febrão o cerra na cama, não pôde mais esperá-lo no fim do trilho.

Que mudança na vida do pescador! As rédes sequinhas, o dia, a noite, no quarto do doente. Não lhe importava o sol, o uivo da ventania. No catre, a vida do pai eram aqueles olhos acesos a adivinhar os passos do amigo. O canoeiro entrava quieto, ia direito ao quarto meio escuro. A mão, que enrijecera nas escaramuças com o rio, tateava, afilta, sob os mulambos, buscando os dedos do companheiro. Foi assim até fechar o buraco na quadra da pobreza.

Ah, o Benedito não era mesmo como o resto do morro. Naquela terra lambida pela carniça, todos tinham a mesma sina. Eram braços que se enfiavam nos remos, línguas comidas pela cachaca. Do vargado as grimpas do morro, a fome, a resignação. Também que adiantava procurar as autoridades? O Arquimedes comunista caiu na tolice de fazer discursos, a Carmelita lavadeira arrastou o pé caraqueado aos tapetes do prefeito. Mas tudo ficou assim mesmo, a catinga, os urubus. Que foi que a Carmelita ganhou? Erisipela. Qual foi o lucro do Arquimedes? Dois dias, numinho, na friagem do xadrez.

O Benedito, porém, nunca se queixou de nada, mal respondia se alguém o acailhava no caminho. Talvez na terra dele as velhas do tempo não dessem o braço às negras sem homem certo. Quem poderia saber? Nem os bambas tinham topete de perguntar-lhe por que o barraco sempre fechado, sem mulher. À noitinha, viam-no encostar o barco no poço do matadouro, subir o trilho sem olhar pra ninguém. Para os pretos do mamumba, aquilo era enobio de irmão sofedor. No cortiço, entretanto, quando saía o nome do Benedito, cada um tinha um jeito de pensar. A Cida, a de cabelo na venta, punha-se a debochar:

— Cruzes, onde se viu home qui num gostá nem de mulhé?

Mas a Belinda achava que o Benedito fizera alguma, andava com medo das meganhas. Quem poderia saber? Nem mesmo os da navalha pegavam coragem de fazer perguntas àquele nortista de olhar duro.

Depois da morte do pai, o canoeiro nunca mais pusera os pés no casebre. De longe em longe, ele via-o na volta da Paraíba como que mais velho, perengue. Quem sabe a idade, a doença do pai? Sim, o Benedito devia estar doente. Ficava no meio da salinha como quem põs a alma pela boca no subido do morro. Era de certo andado do brabo. Mas, fosse o que fosse, o Aní beneditino morava pertinho dali. Ele tinha visto o Cidre padre de bengala, o negrinho do cortiço em ponto de ficar cego. Sem saber que o canoeiro não acreditava em nada. Sabia sim, mas o Benedito podia ver o Cidre puxando estreme no matadouro, o negrinho a correr atrás das búas.

— Tá doente, seu Benedito?

O pescador tira que não com a cabeça, mas os olhos não se despre-gam da criança.

— Julião, você guardó mágoa d'ele?

Aquelas perguntas não mais do que plicado de maribonda. Era voltar de repente ao tempo do pai, ao Deus adormecido de longe, sem um canhão. Numo amassado de imagens tartas, varbiam-lhe a cabeça, os domingos sem cinema, o silêncio do sábado de aleluia nos três dias de carnaval. Como aquelas pedras de can negro lembrava-lhe a madrugada de seu pai. A mão quente do pai cobria-o dos guaios.

— Lavanta, vem pra perto do liz.

Quanta tempo aquelas mãos longas medindo-lhe a rosta, aqueles olhos insinuando a magar-lhe as carnes.

Ah, o canoeiro queria saber o que ele mesmo nunca compreendera. O pescador não lia na terra vermelha da quadra dos pobres. Não lia não, acompanhava-o como um outro somno, nos dias iguais, na escu-tidão do noite.

— Não, seu Benedito, não guardo nada.

Como podia o canoeiro ler-lhe assim? Como se o vira dia e noite junto ao catre do tuberculoso, se lhe dava o tempo para enxugar os olhos? Na última instante, o desespero guardava-lhe as mãos para os cabelos talos.



do morinbundo. Quando aquelas pálpebras começaram a fechar-se, ele ficou sem saber se esperava o impossível, se acendia o tóco de vela.

O silêncio cresceu de novo entre os dois. O canoeiro nunca apertou a mão de ninguém. Como se estivesse meio lerdinho pôs-se a caminhar para a porta. Mas, do lado de fora, voltou-se de repente, a cabeça torta, a voz sumida:

— Olha, Julião, ele também, teve mulher p'ra outro.

Lá vai o benedito descendo o trilho. No casebre, ficaram as lembranças do passado confundindo-se com a gente do morro. Quando está para anoitecer, os filhos do Juca sacristão vêm puxar água na cacimba. Nem mesmo o pessoal da igreja deixa de cochichar ao vê-los na missa, nas procissões. Desde o tempo do pai, ele os encontra pendurados à corda do balde. O mais velho tem o cabelo enrolado, as orelhas de abano. Puxou inteirinho ao rezador. Nos outros, não, os olhos são de gato, as caras sardentas como a do inglês da fundição.

Onde andaria o caco de espelho que o pai quebrou aos pontapés naquela madrugada de temporal? A noite não tarda, o vento do Paraíba

vem lá de baixo com o fedor do monturo. O catre onde o pai morreu, espera-o com suas tábuas duras, duras, como a manivela da cacimba onde os filhos do Juca vêm puxar água.

Como se o canoeiro estivesse a ouvi-lo, ele vai repetindo, repetindo:

— Não, não guardei não, seu Benedito.

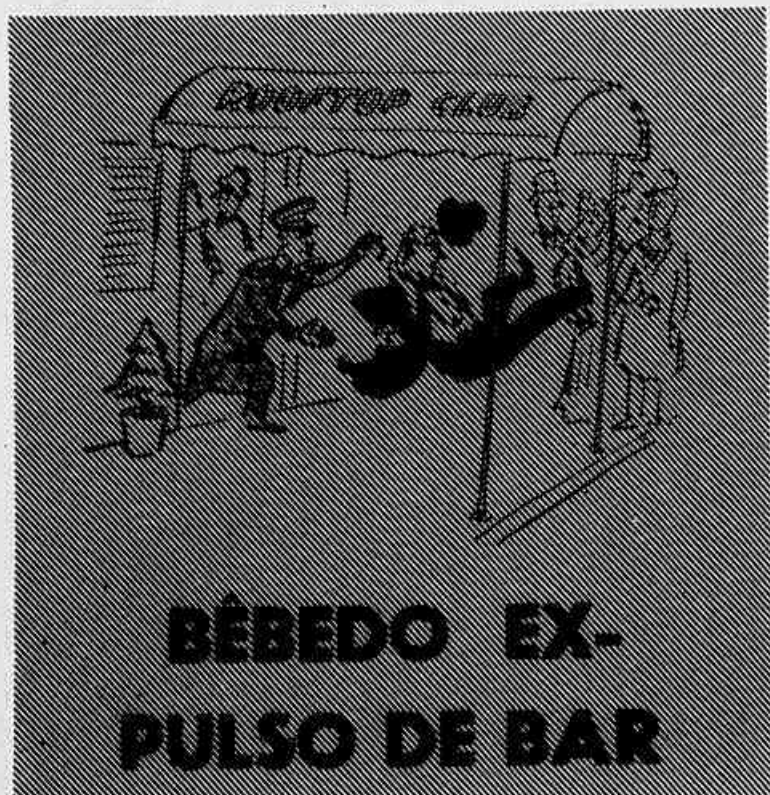
Tão logo a noite chegue, aqueles fantasmas estarão descendo pelos buracos do telhado, dançando no pavio da candeia. Não, o que está atrás da porta é o abano destripado, não pode ser o papagaio de rabo curto. As vezes, os rumores do atoleiro enchem o casebre de coisas estranhas. Não é o pio da coruja, não é o voo cego dos morcegos. Quem sabe, o tuberculoso anda por ali, à espera do pescador, dos filhos do sacristão?

Não, aquele ruído de passos na cozinha não pode ser o canoeiro, não pode ser o velho Catolé. O temporal está se armando para os lados do matadouro, virá depois da meia-noite. Não, ele não pode ficar ali, no teto que já não é de ninguém. É preciso fugir antes do temporal, fugir àquela mão quente, àquela voz rouca:

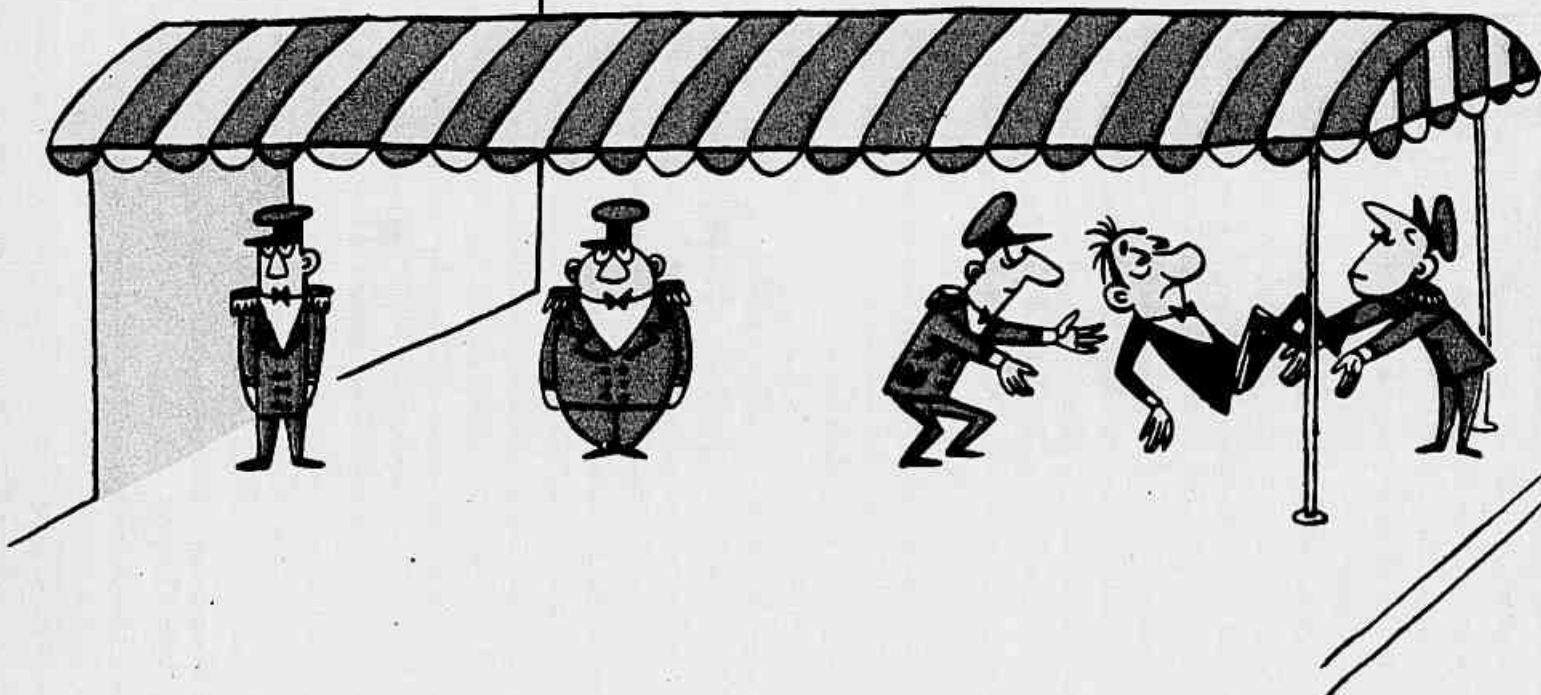
— Levanta, vem p'ra perto da luz.

FORTUNA (se não falha a memória) APRESENTA

TEMAS CLÁSSICOS D



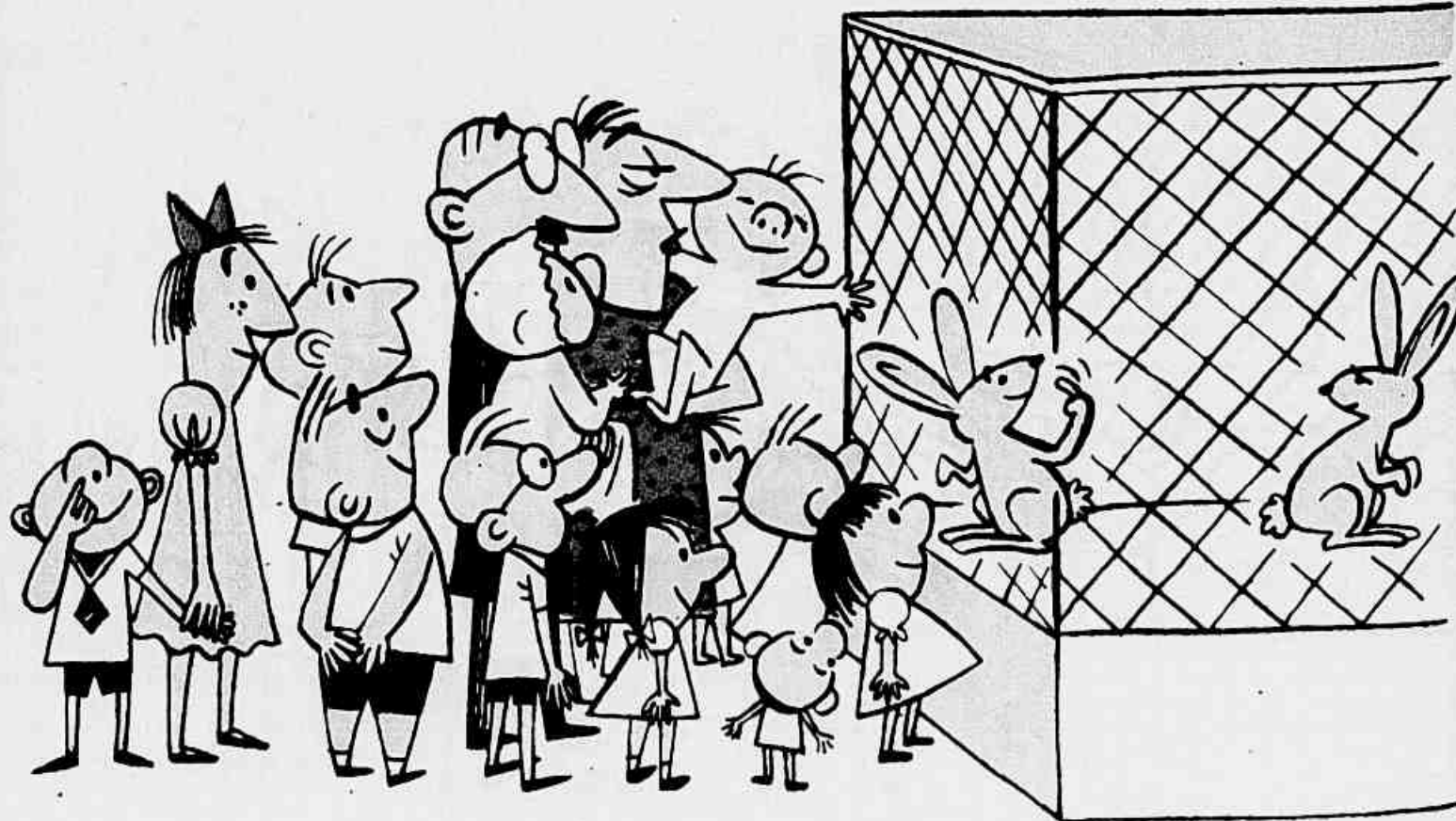
Des. de Cobean — New Yorker — Est. Unidos



Des. de Brévin — Fourire — França



Des. de J. Fitton — Lilliput — Inglaterra

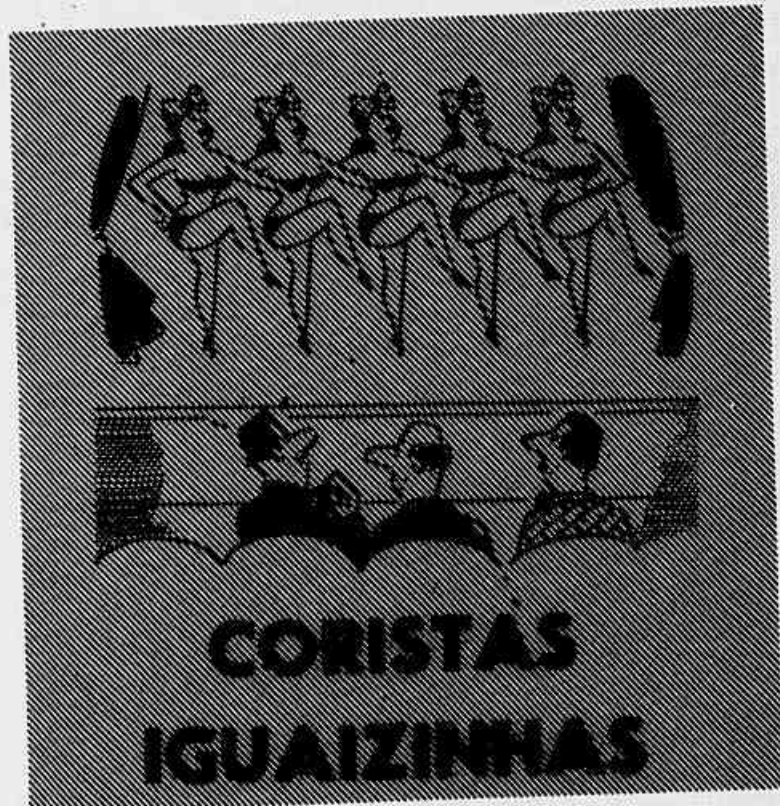
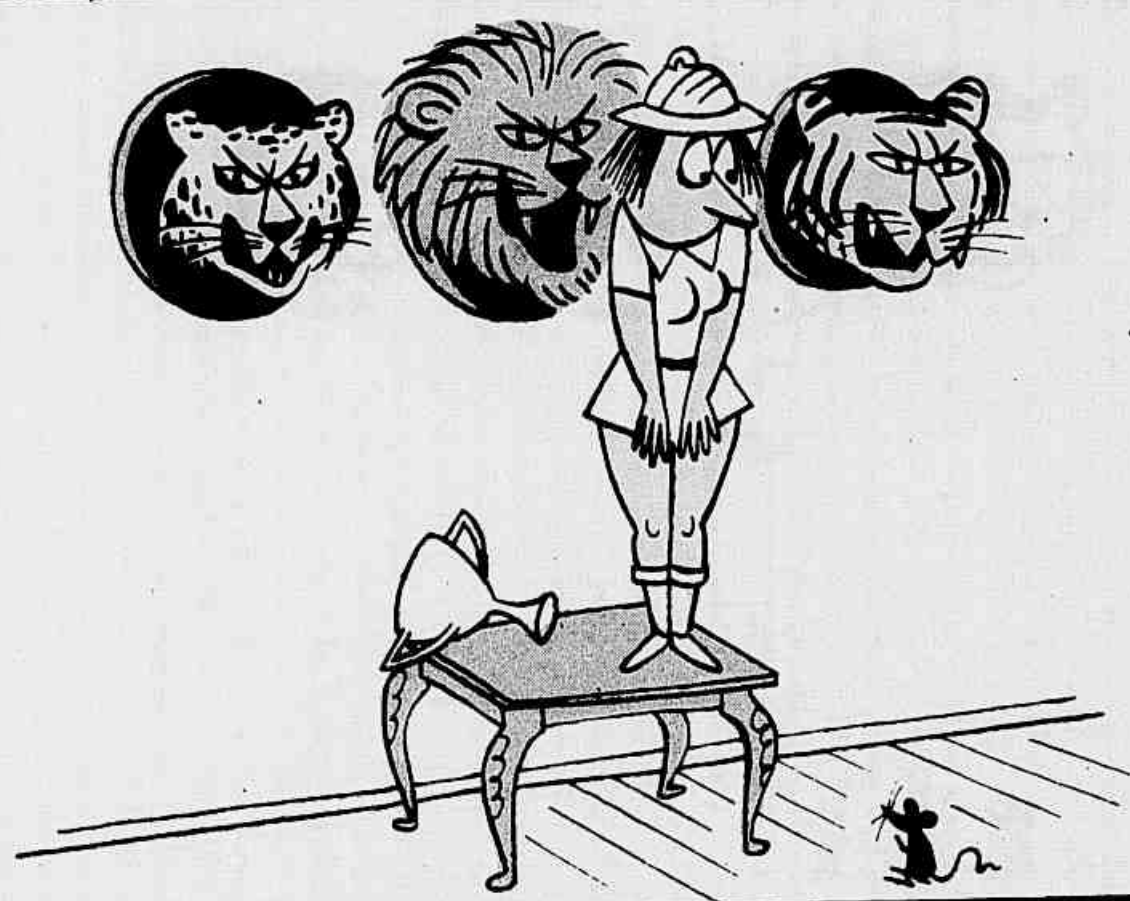


ESENHO HUMORÍSTICO (II)



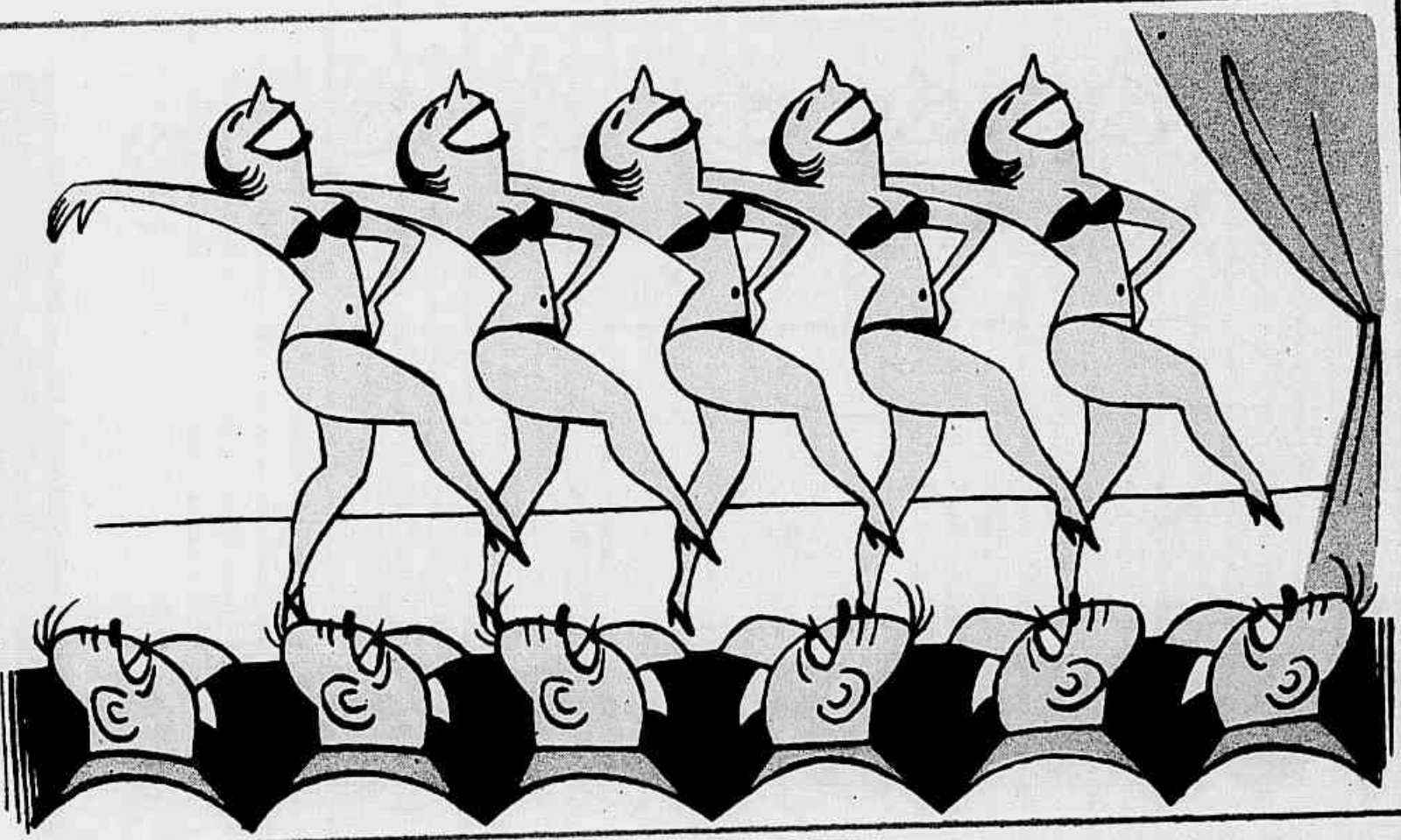
**TROFÉUS
DE CAÇA**

Des. de Chas Strauss — 1000 Jokes — Est. Unidos



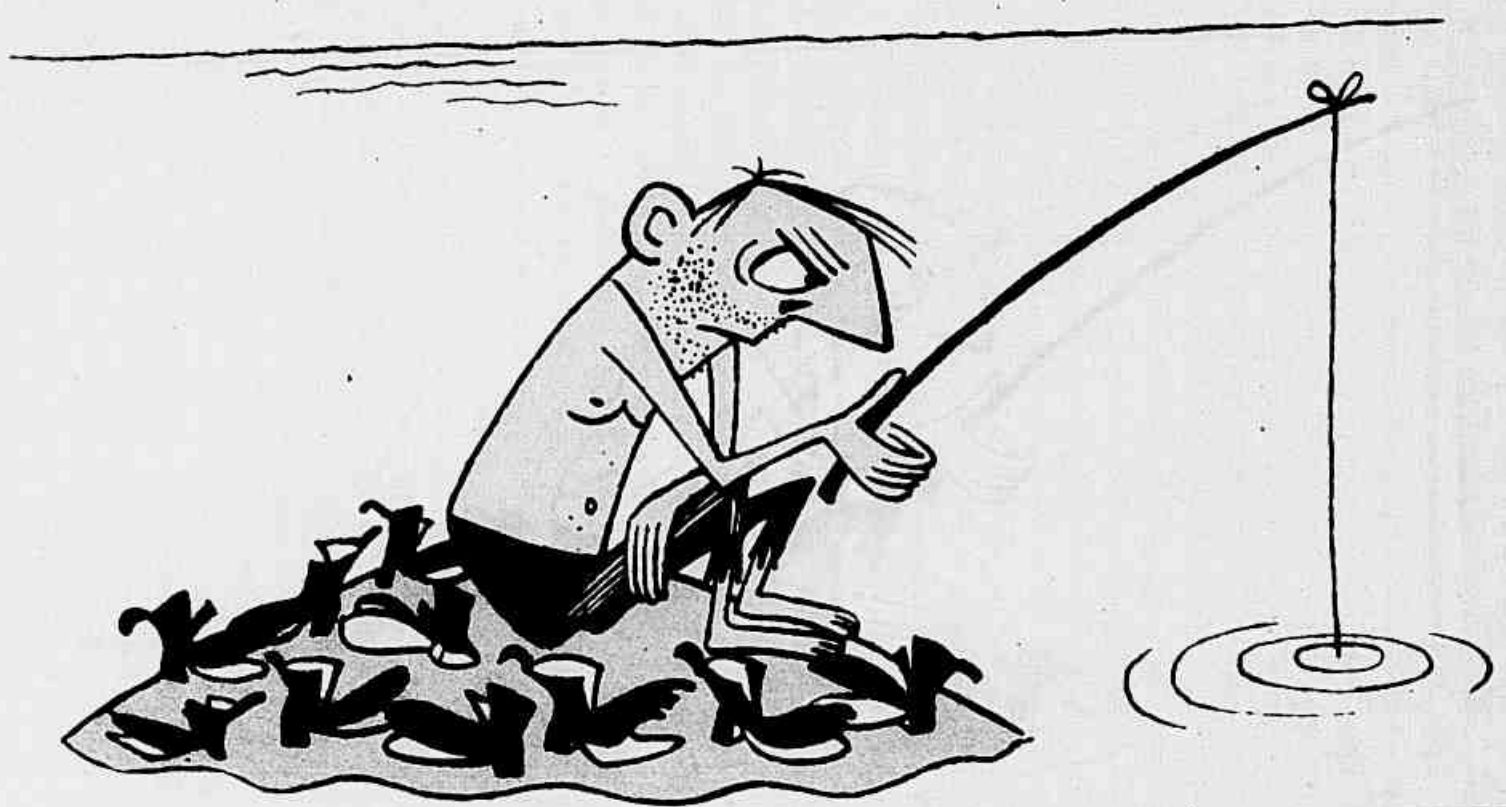
**CORISTAS
IGUAIZINHAS**

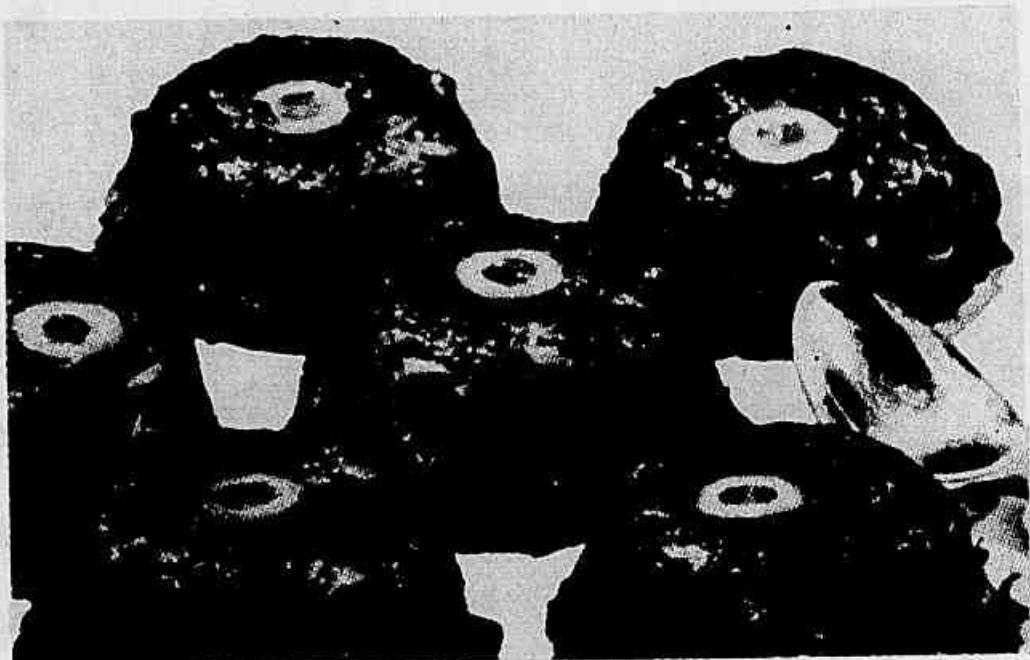
Des. de Nobert — Lustige Illustrierte — Alemanha



**BOTINA
NO ANZOL**

Des. de Piqui — Rev. da Semana





Week-end na cozinha

◆ Não adianta você estar repetindo às crianças que devem comer verduras, se não procurar prepará-las de maneira saborosa e sempre variada. Uma idéia — para os espinafres — é assim:

1 — Cozinhe uma boa quantidade de espinafre (uns 8 molhos) e quando estiverem bem cozidos pique bem miúdo.

2 — Numa frigideira derreta um pouco de manteiga, nela refogue algumas rodellas de cebola, picadinhas, e um pouco de presunto, também picado. Junte o espinafre e deixe cozinhar bem.

3 — Acrescente duas gemas desfeitas num pouco de manteiga. Deixe cozinhar a mistura mais um pouco, sem ferver.

4 — Tire do fogo e ponha a mistura em forminhas untadas. Espalhe por cima bastante queijo parmeizão. Leve a forno moderado cerca de 15 minutos.

Vire no prato de servir e enfeite com molho ou com rodellas de azeitonas recheadas. É um ótimo acompanhamento para carne ou galinha.

★ NOTINHAS: — A maneira mais prática de moer o pão torrado para fazer farinha de rosca é ainda passar na máquina de moer carne. Porém, para evitar que as migalhas se espalhem por toda a cozinha amarre um saquinho de papel na boca da máquina, para recolher a farinha de rosca.

Quando estiver preparando um refogado descasque primeiro as cebolas e depois os tomates. Estes últimos além de tirar as manchas de cebola das mãos ainda suavizam o cheiro característico deixado pelas mesmas.

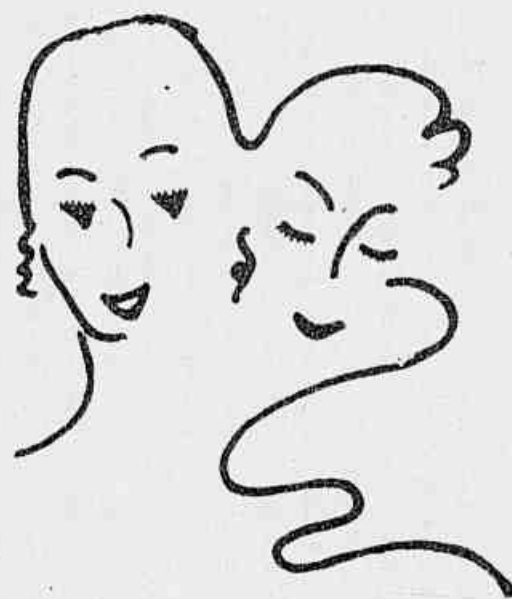
Se o interior de seu bule de chá ou café está manchado, encha-o de água, junte uma colher das de sopa de água sanitária e deixe por alguns minutos. A seguir lave com água e sabão.

SUA BELEZA

◆ Não culpe o seu cabelereiro se a ondulação não ficou cem por cento perfeita. O sucesso de uma permanente não depende somente do profissional. Se o cabelo não estiver bem tratado e em boas condições a permanente não será um sucesso. Duas semanas antes da data marcada para a ondulação comece a tratar dos seus cabelos fazendo uma boa massagem diária no couro cabeludo, seguido de fricção com escova por cinco minutos. Se as pontas estiverem ressecadas unte-as com óleo vegetal e de quatro em quatro dias faça um xampu oleoso.

Além disso, a permanente não deve ser feita imediatamente depois de uma gripe ou de uma doença prolongada. Os cabelos refletem a saúde do corpo e são por essa influenciados.

◆ E já que estamos falando em cabelo... Quando surge uma nova



Com

PARA TER BOA SAÚDE

PAZ CONJUGAL!

A União Internacional de Organizações Familiares — da qual participam milhares de associações de todo o mundo — reuniu há pouco tempo, em Londres, um congresso de médicos de 12 países, sob o patrocínio do arcebispo católico de Westminster, o cardeal Griffin e do anglicano, de Canterbury, dott. Fischer. Entre os muitos problemas discutidos estava o da "úlceras gástricas", causada muitas vezes pela situação de desacordo e tensão entre os casais. Muitos exemplos foram apresentados de casos dessa enfermidade devido a discussões frequentes entre marido e mulher. Também certos distúrbios cardíacos foram dados como tendo a mesma origem.

◆

Entre os prêmios destinados à vencedora do concurso de crônica feminina, realizado em Paris, figuravam: um vale para uma operação plástica de nariz, de um cirurgião famoso nesse setor, o dr. Mondin; e um outro para uma defesa grátis no tribunal, oferecido pela advogada Mativet.

x x x

Inventaram e estão a venda em Nova York «sereias de alarme» de bolsa. Pesam 200 gramas apenas, são de tamanho reduzido e ouvem-

moda de penteado procure ADAPTÁ-LA ao seu tipo, sem se sujeitar cegamente ao novo estilo. É muito importante para a sua beleza usar um penteado que lhe enfeite o rosto do que simplesmente porque é um corte em moda. Os rostos redondos exigem estilos diferentes dos rostos compridos, e o seu cabeleireiro poderá aconselhá-la até onde deve seguir o novo estilo e em que deverá modificá-lo a seu favor.

* * *

♦ Tomar chuveiros frios é ótimo para a sua saúde se... o seu organismo reage bem a eles. Se se sente alegre, e bem disposta depois do banho frio é sinal de que se dá bem e deve continuar. A água fria enrijece os músculos e provoca salutar reação cutânea, estimulando a boa circulação sanguínea. Se, porém, você fica gelada depois de uma ducha fria, sentindo dificuldade até em respirar, passe a tomar banhos mornos de chuveiro que lhe trarão maiores benefícios, devido a sua ação repousante e calmante dos nervos.

sa de Mulher

LIGIA JUNQUEIRA

Desenhos de JAIRO

se num raio de meio quilômetro de diâmetro. É uma ótima arma de defesa contra assaltantes e galanteadores.

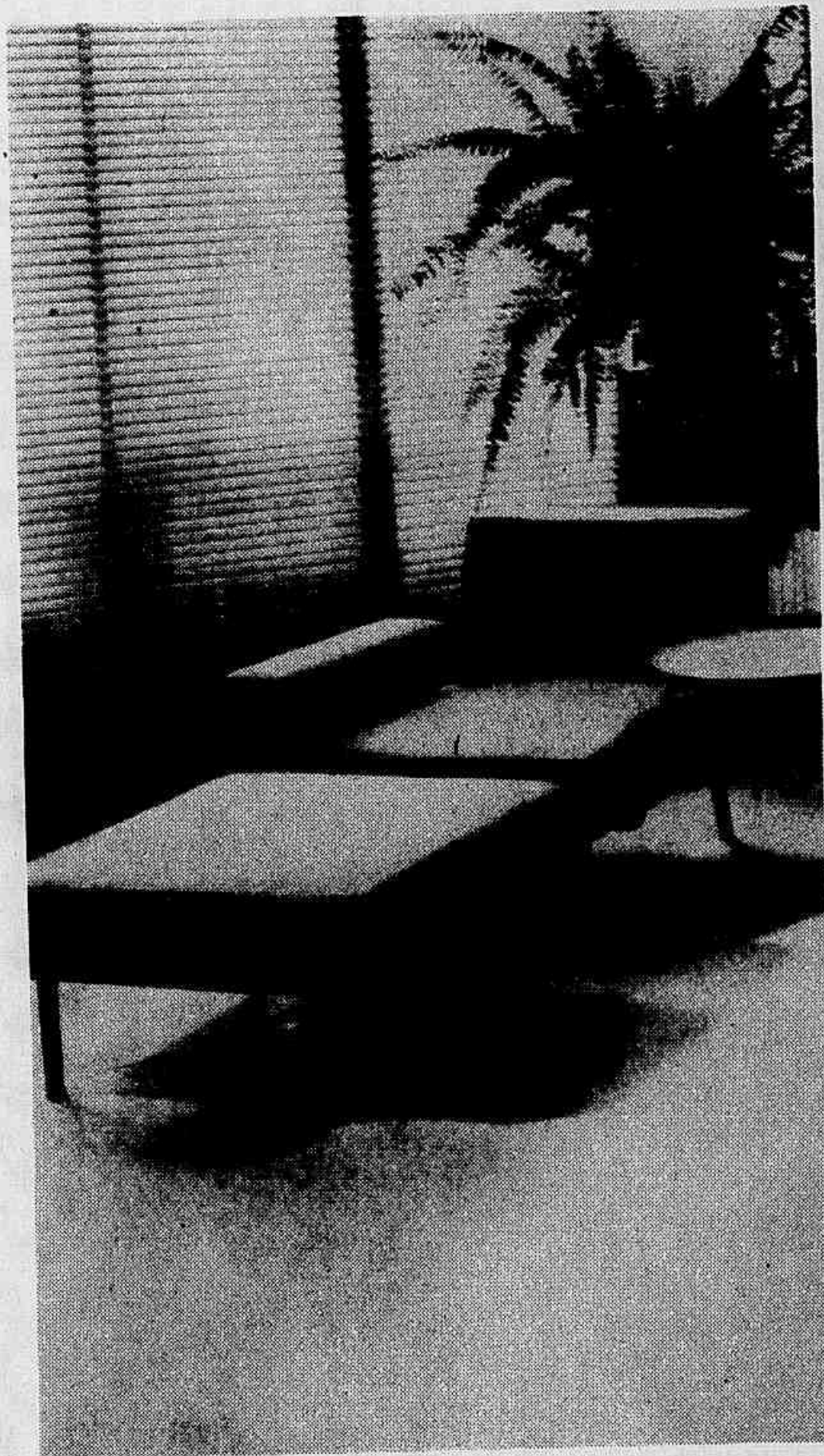
x x x

Um interessante concurso foi realizado durante a famosa «Feira de Paris», que reúne industriais (e respectivas secretárias e ajudantes) de toda a França. Saiu vencedora Simone Walt campeã de dactilografia, com um «record» de 81 palavras por minuto. Entre os valiosos prêmios oferecidos por firmas expositoras: uma magnífica máquina de escrever, último tipo.

DE TODO O MUNDO



A fantasia dos costureiros e chapeleiros que lançam a moda em Paris, Londres, Roma ou Florença é inesgotável. Entre os modelos de chapéu mais admirados no último desfile em Paris está este, formado por uma «fôlha de figo» de veludo, atravessada por uma pena de ganso.



Sugestão para o lar

★ Uma poltrona realmente “ultra confortável” é uma das coisas mais gostosas que se possa ter em casa. Para a leitura, para costurar, ver televisão, ou ouvir rádio é uma delícia.

★ Na fotografia uma sugestão moderna: estofamento em espuma de borracha; apoio para o braço direito; uma mesinha-bandeja para copos de bebida, livros ou cinzeiros; e uma banquetta para repousar as pernas. Tudo que de melhor se poderia desejar!

«REVISTA DA SEMANA», no intuito de proporcionar a seus leitores uma história de grande valor literário e de profundo interesse humano, apresentará, a partir do próximo número, o romance

O HOMEM E O TRAPÉZIO

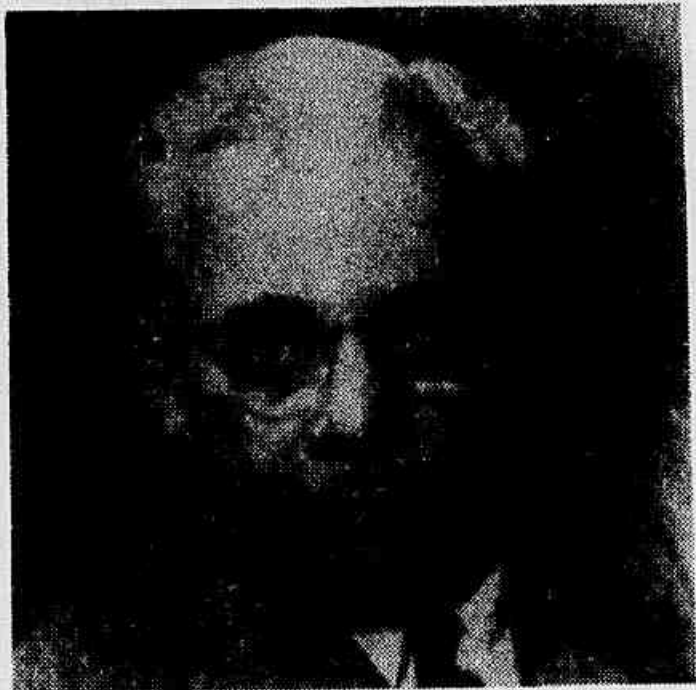
do jovem escritor

ARINO PEREZ

Menção Honrosa no Concurso «Orlando Dantas», de 1955.

Uma História em que o Amor e a Tragédia se Alternam Quase que de Página em Página.

Sobre «O Homem e o Trapézio», de Arino Perez, assim se manifestaram alguns críticos e escritores que tiveram a oportunidade de lê-lo ainda no original dactilografado:



Orlando Dantas

♦ **TRISTÃO DE ATHAYDE:** «O Homem e o Trapézio está, sem favor, entre os melhores continuadores do «humour» machadiano, embestado em uma atmosfera de tragédia íntima e numa linguagem de excelente precisão, que o recomendam do modo mais vivo».

♦ **AFRÂNIO COUTINHO:** «E havia O Homem e o Trapézio a disputar-lhe a preferência com a sua marca tão original no tratamento do seu tema, o drama de uma vida interrompida pela tragédia, e que sente a inutilidade de qualquer esforço, de qualquer sentimento, de qualquer esperança, pois a única realidade é o nada de sua alma vazia até de angústia, porque se derrete na complacência e na conformidade com os atos e os momentos materiais.»

♦ **ENEIDA:** «Lanço daqui um apêlo aos editores para que os romances João, Vida Salobra e O Homem e o Trapézio não fiquem apenas dactilografados. Que eles surjam impressos para enriquecimento de nossa literatura e prazer dos leitores que amam o romance, essa tão difícil e alta expressão da Arte.»

♦ **GEIR CAMPOS:** «Atenção, editores! Se algum de vocês estiver interessado em conhecer e publicar o livro do rapaz, não faça cerimônias! É um amigo meu, o Arino Perez, do chamado Grupo «Letras Fluminenses», que gravita em torno de uma espécie de «Jornal de Letras» editado em Niterói naturalmente sem a pontualidade da folha dos Condé».

CAÇANDO BÚFALOS EM...

(Continuação da pág. 39)

Nossa montaria apressou a marcha e encostamos na do Ival Lobato.

— Eram três bichos — disse ele — um novilho e uma vaca com cria. Correram quando viram que iam ser alcançados. O bezerro atrasou-se, e imitei-lhe o berro. A vaca voltou-se para esperá-lo e quando vi-lhe a cara de banda, fiz fogo.

Morto instantaneamente, o enorme animal boiava entre as anin-gas. Os gemidos que tinham chegado até nós eram da cria, ao ser agarrada pelo Babi. Prêsa por uma corda, estava agora aconchegada ao corpo materno, muda e estúpida, sem clinar porque o mesmo não mais se movia.

Sempre com a Winchester na mão, um fuzil de guerra automático de 15 tiros de reserva, entre os pés, o meu hospedeiro avisou:

— Não facilitem. Parece que ouvi sinal do novilho. Ele pode voltar.

As duas canoas recuaram para um lugar descampado e abrimos as duas latas de frito trazidas de casa. Não eram ainda onze e meia, mas estávamos todos famintos.

Foi preciso muita ginástica para preparar a viagem de volta. Primeiro passaram para a montaria tudo o que estava no batelão. A seguir, arrancaram os bancos centrais do mesmo e fizeram-no afundar por baixo do corpo da vaca. Então, enquanto alguns dos homens levantavam aquêle até o nível da água, os outros o esgotaram com cuícas e chapéus, até que flutuasse, com a sua pesada carga dentro. Por fim, embarcaram o bezerro.

Estavam tão pesadas as duas embarcações que custou-me compreender como puderam alcançar a Ribanceira, pelo fim da tarde, sem nenhum acidente.

O ENIGMÁTICO KAPITZA

(Continuação da página 13)

Os comunistas aliás o observavam havia muitos meses. Duas seguranças valem mais que uma... E a descoberta do cientista é mais importante para os russos que para qualquer outro povo, pois já dispunham eles dos planos de Otto Hahn, tendo pois já bem assimilada a primeira lição. As pesquisas de Frédéric Joliot-Curie teve dois resultados: confirmou as de Otto Hahn e, ao mesmo tempo, criou a «reação em cadeia», que é o desdobramento dos trabalhos do alemão. E nem mais nem menos que a Bomba Atômica em sua forma primitiva. Ainda é necessário muito pesquisar para se chegar à pilha atômica, de uso pacífico, mas quem há de pensar em usos pacíficos, a essa altura dos acontecimentos?

Os sábios soviéticos só pensam na bomba. Nas semanas que se seguem ao conhecimento das explorações de Otto Hahn, transmitidas por Madame Kollontai, os cientistas repetem, por seus próprios meios, a experiência do alemão. Já levavam, pois, dois meses de vantagem sobre Joliot-Curie, mas não chegaram a realizar a descoberta da reação em cadeia. Não importa: reclamarão, do mesmo modo, uma parcela da glória da descoberta do francês. Dessa vez, aliás, com certa razão, ao contrário das tantas descobertas russas que de russas nada têm...

(Continua no próximo número)

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiado volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 704 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembolsó Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME

RUA

CIDADE

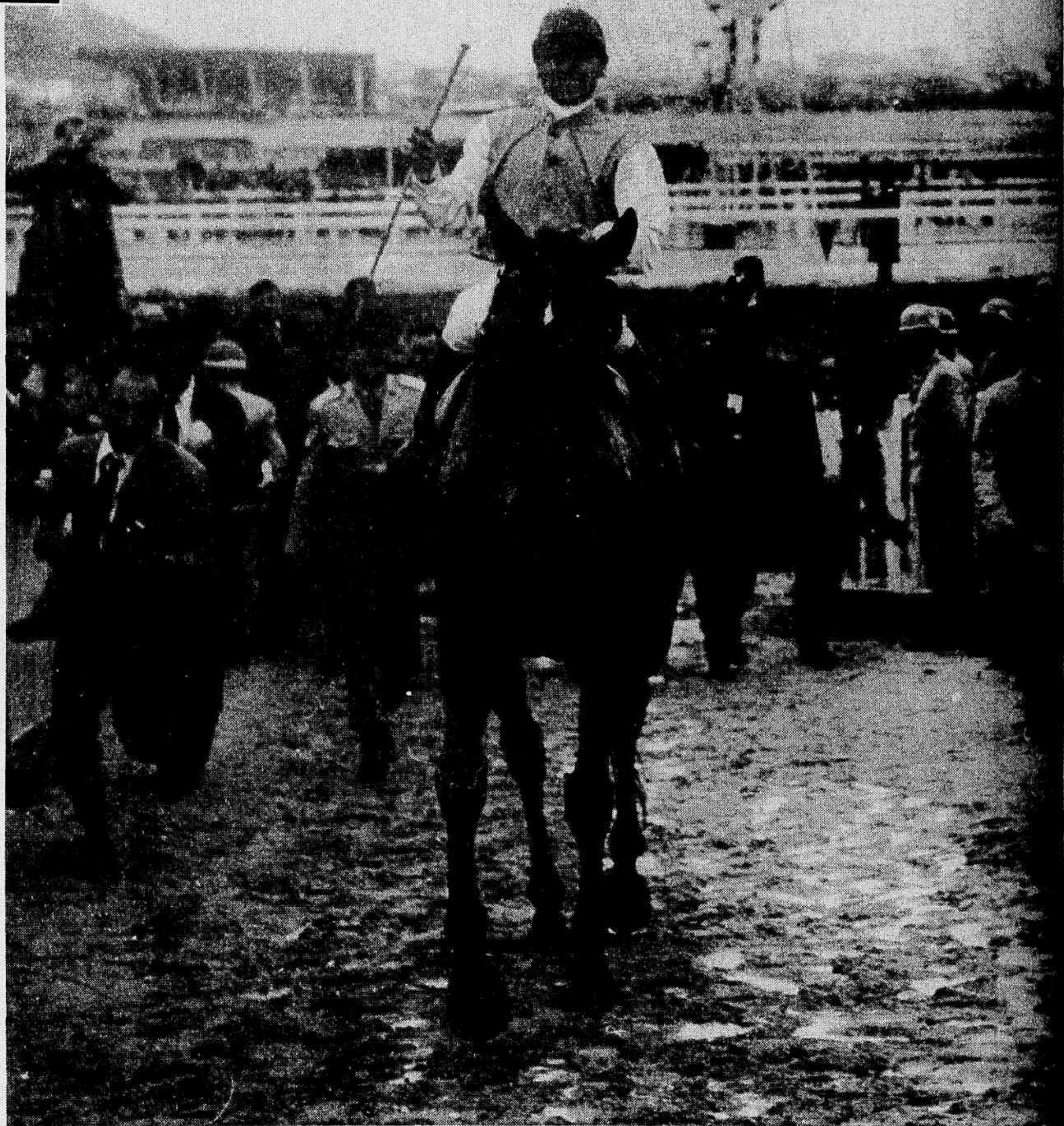
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

Canetas
Imperator
REGINA peça
235
casas
60
lamo
Grátis
catálogo
SERVO Ltda.
Caixa Postal 5195
Rio de Janeiro

Academia de Acordeão
MASCARENHAS
A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli
RUA ÁLVARO ALVIM
Nº 24 - 3º ANDAR
TELS.: 42-4615 e 22-5443
São Paulo — Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

TATAN O HERÓIDO



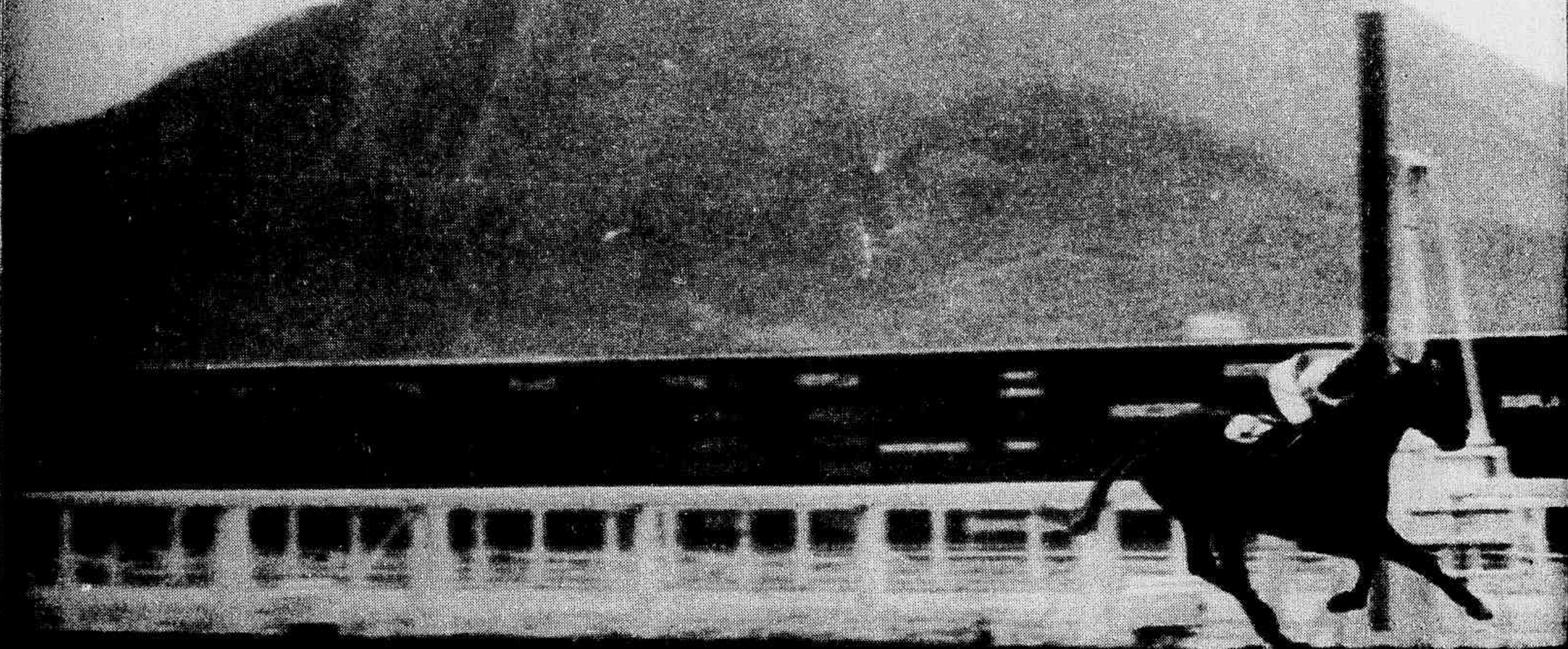
O VENCEDOR do Grande Prêmio Brasil, Tatan, pilotado pelo jóquei Artigas, deixa a pista, logo após o sensacional triunfo.

GRANDE PRÊMIO BRASIL DE 56

O GRANDE Prêmio Brasil de 1956 foi disputado debaixo de chuva, de uma chuva renitente que, desde vários dias antes, cismava em cair sobre o Rio de Janeiro. Nem por isso, porém, e nem mesmo pela realização, no Maracanã, do jogo Brasil x Tchecoslováquia, deixou o Hipódromo da Gávea de ficar totalmente lotado, com a grande assistência desejosa de aplaudir os seus favoritos. O próprio Presidente da Repúbli-

ca compareceu à grandiosa tarde Hípica, juntamente com o que de mais destacado possui o nosso mundo diplomático e social. Porém, a grande atração da tarde, maior até, podíamos dizer, do que o próprio Grande Prêmio, foi a presença na Tribuna de Honra da atriz cinematográfica Susan Hayward, que vem de um recente triunfo no último Festival de Cannes, por sua brilhante interpretação em "I'll cry tomorrow".

O GRANDE PRÊMIO BRASIL DE 56



TATAN FOI O VENCEDOR DO GRANDE PRÊMIO BRASIL; PORÉM SUSAN HAYWARD, QUE APARECE À DIREITA, FOI VERDADEIRAMENTE A MAIOR



TATAN, VENCEDOR do Grande Prêmio Brasil de 1956, confirmou seu grande prestígio de campeão absoluto das pistas sul-americanas: venceu bem, como quis, desde o início comandando o grupo. Adil, que o vencera não faz muito em corrida realizada em São Paulo, teve de ceder o primeiro pôsto, ante a impetuosidade do cavalo argentino. E Mangangá, que até àquela data mantinha seu pôsto de melhor corredor sul-americano, teve de modestamente abdicar à sua colocação, para postar-se atrás do filho de "The Yuvaraj". Artigas, que pilotou o vencedor, foi um jóquei calmo e inteligente, manejando Tatan à sua vontade, sem se ver ameaçado em momento algum. Venderam-se 66.668 poules de Tatan, e cada uma delas rendeu sessenta e quatro cruzeiros. Se tivesse vencido Mangangá, cada poule renderia somente vinte e cinco cruzeiros.



ATRAÇÃO DA TARDE MEMORÁVEL DO JÓQUEI CLUBE.

SUSAN; que compareceu vestida de modo incrivelmente simples, sem levar sequer um chapéu (a despeito da tarde úmida), fôra convidada pela Diretoria do Jôquei Clube do Brasil para comparecer ao "Sweepstake" do corrente ano. Dizem que arriscou dois dólares no cavalo Timão, de vez que seu filhinho chama-se Tim... Porém, nem todos jogaram tão pouco como a famosa estrêla norte-americana: e a prova é que o movimento geral de apostas, êsse ano, constituiu um recorde nacional. Nada menos de Cr\$ 9.550.860,00 foram apostados nos oito puro-sangues que tomaram parte no páreo: Tatan, Adil, Niño Luiz, Mangangá, Sancy, Timão, Dhanous e Silvanesco, sendo que Mangangá (177.865 poules vendidas) e Adil (151.872) reuniam as preferências dos turfistas. No fim, porém, foi o que se viu: a vitória absoluta, de ponta a ponta, de Tatan, por nada menos de seis corpos sobre o segundo colocado, que foi o cavalo Adil.

OS SRS. JUSCELINO KUBITSCHER e Mário Azevedo Figueira — dois Presidentes na Tribuna de Honra, entre destacadas figuras de nossa sociedade. À direita, a atriz Susan Hayward, grande atração do "Sweepstake" do corrente ano.



GRANDE PRÊMIO



COMO SEMPRE ACONTECE EM REUNIÕES SEMELHANTES, NA GRAÇA E NA ELEGÂNCIA FEMININA REPOUSOU, EM GRANDE PARTE, A RAZÃO





DO EXITO SENSACIONAL DO "SWEEPSTAKE" DE 1955 NA GÁVEA.



DUAS FACETAS apresenta o Grande Prêmio Brasil, anualmente: uma, é seu lado esportivo, de competição de importância sem igual em nosso cenário turfístico sul-americano; e outra, talvez a mais importante, pelo menos para a grande maioria das mulheres que comparecem ao Jóquei Clube, naquela tarde sem semelhante em nosso calendário social, o aspecto elegante. As jovens e as senhoras que comparecem ao "Sweepstake" são a graça e o encanto das Tribunas de Honra e das Sociais do Jóquei Clube. E êsse ano, ainda mais do que nos anteriores, aquelas tribunas apresentavam elegantíssimas damas em esplêndidos costumes de inverno, usando chapéus maravilhosos e de concepções por vêzes exóticas. O chapéu, parte da vestimenta feminina que mais vem sofrendo com a moda, deixando de ser utilizado durante quase todo o transcorrer do ano, adquire, em dias como êsse em que foi disputado o G. P. Brasil, uma importância singular, de indispensável complemento da elegância feminina. É interessante observar que, em 1956, os chapéus pequenos e delicados levaram de vencida os de formato maior: pelo menos, as jovens que aparecem nestas páginas são disso prova. Contudo, ainda podem ser encontrados os chapéus de plumas de avestruz, caussimos, mas positivamente fora de moda.



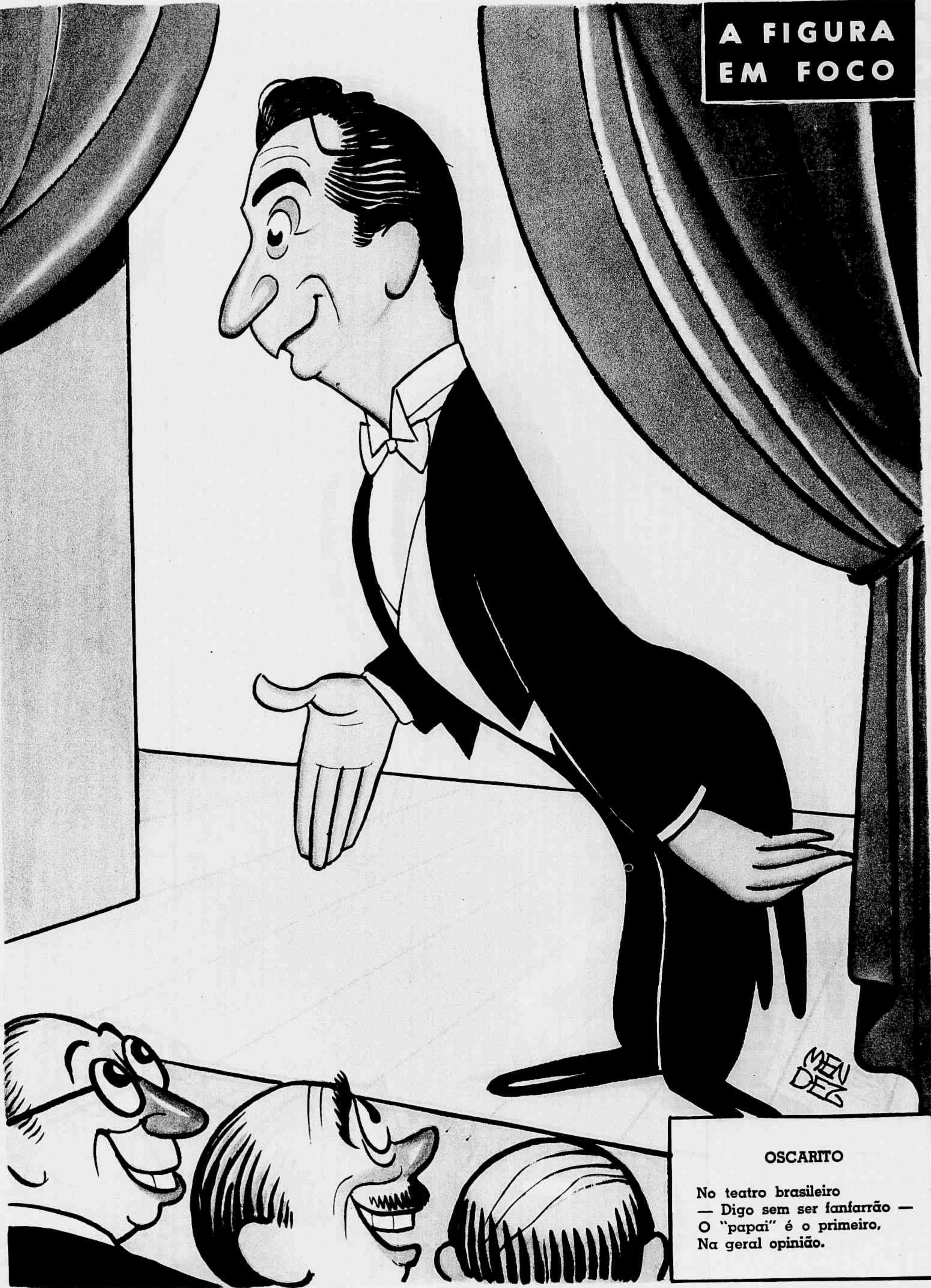
ÚLTIMO

FLASH



● SUSAN HAYWARD, a encantadora estrêla norte-americana, foi o atrativo da semana nacional. Especialmente convidada pela Diretoria do Jôquei Clube para assistir ao G. P. Brasil, ela, que havia sido premiada há pouco no Festival de Cannes não se fêz de rogada, e certo dia, às dez da manhã, desembarcava no Galeão. É muito clara, seus cabelos ondulados verdadeiramente soberbos, porém, a nosso entender, está um pouco baloia para a sua idade — 34 anos. Dizem aliás que, após seu divórcio de Jesse Baker, Susan anda totalmente descontrolada, tomando alguns uísques além daqueles que a prudência aconselha uma "lady" a ingerir... E seu desempenho no filme que lhe garantiu o Prêmio em Cannes — "I'll cry tomorrow" — saiu-lhe naturalíssimo, ainda segundo as más línguas, porque na vida real a atriz compete com a personagem que interpretou, no consumo do "scotch"... Diga-se de passagem que Susan Hayward é totalmente diferente de sua colega Ava Gardner, não chegando a dar os "shows" que Ava propiciou nos lugares por onde andou.

A FIGURA EM FOCO



OSCARITO

No teatro brasileiro
— Digo sem ser fanfarrão —
O "papai" é o primeiro,
Na geral opinião.

